



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho

Questões de gêneros no esporte escolar: estudo da Escola Municipal GEO

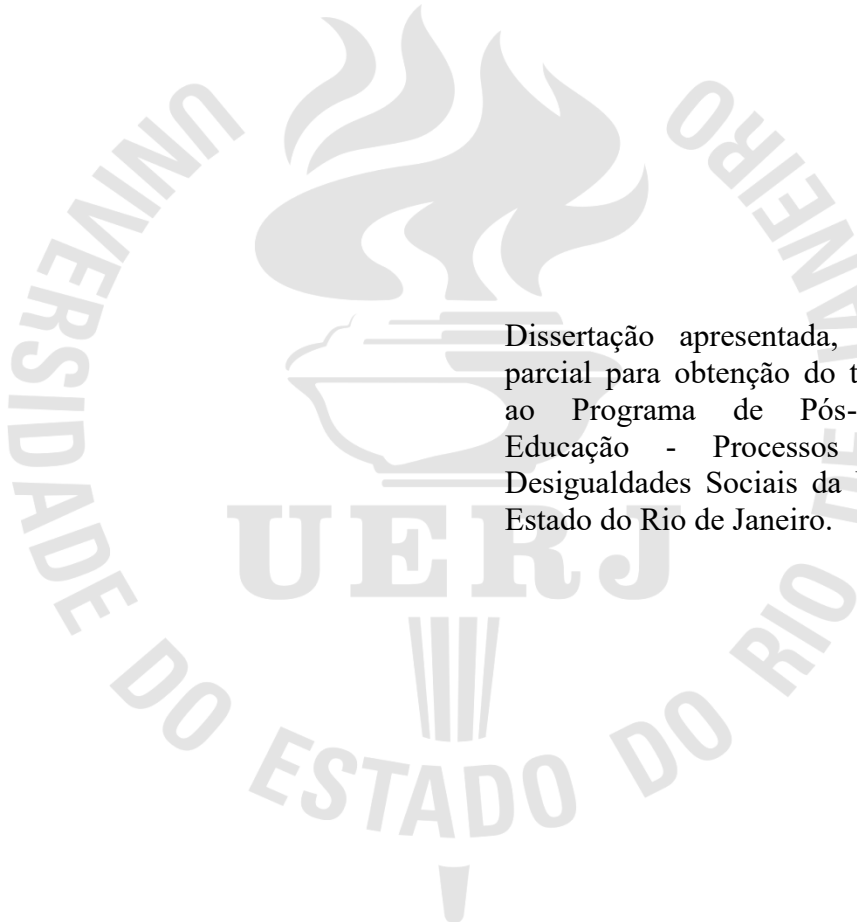
Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças

São Gonçalo

2024

Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho

**Questões de gêneros no esporte escolar: estudo da Escola Municipal GEO Juan Antonio
Samaranch na perspectiva das diferenças**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denize de Aguiar Xavier Sepúlveda

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C672 TESE	Coelho, Gabriel Magalhães Rodrigues. Questões de gêneros no esporte escolar: estudo da Escola Municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças / Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho. – 2024. 120f. Orientadora: Prof^ª. Dra. Denize de Aguiar Xavier Sepúlveda. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 1. Identidade de gênero - Educação física - Teses. 2. Identidade de gênero na educação – Teses. 3. Esportes escolares – Aspectos sociológicos - Teses. 4. Análise de interação na educação – Teses. I. Sepúlveda, Denize de Aguiar Xavier. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título. CRB7 – 5190CDU 37:796
--------------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho

**Questões de gêneros no esporte escolar: estudo da Escola Municipal GEO Juan Antonio
Samaranch na perspectiva das diferenças**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 16 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Denize de Aguiar Xavier Sepúlveda (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Ana Patrícia da Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, por todo o apoio que recebi para chegar a este presente momento. Especialmente, para minha mãe, Marcia, que sempre foi a grande professora da nossa casa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a formação de pensamentos que me levaram à percepção crítica de sociedade. Esses pensamentos foram alimentados diariamente, desde as aulas que frequentei, na escola e universidade, até as conversas informais com meus amigos e familiares. Tenho a sorte de ter grandes amigos e amigas que também são professores. Na minha casa, tenho mãe, irmã e esposa pedagogas. Isso é, sem dúvida, um grande privilégio.

Faço, aqui, um agradecimento especial à minha companheira de vida, Natália, que tantas vezes me apoiou, principalmente nos cuidados com nossa filha. Para Luiza, fica meu agradecimento por ser fonte de tudo que mais me motiva desde o seu nascimento. Tudo é por ela e para ela.

Por fim, agradeço à minha orientadora Denize Sepulveda e a todos do grupo de pesquisa GESDI, que me acolheram no mundo acadêmico e tanto me ensinaram sobre a vida nesses últimos anos.

Se equivoca quem pensa que a desigualdade, o preconceito ou a injustiça social interessam a alguém. Todos os grupos presentes nas instituições escolares precisam se unir na luta comum pelo fortalecimento da democracia. Cabe aos professores promoverem uma pedagogia que ajude a entender a produção das diferenças e apreciar os princípios da equidade

Neira

RESUMO

COELHO, Gabriel Magalhães Rodrigues. **Questões de gêneros no esporte escolar:** estudo da Escola Municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças. 2024. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

A presente dissertação trata-se de uma pesquisa qualitativa sobre questões que envolvem as desigualdades de gêneros e outras opressões interseccionais no esporte escolar de uma escola vocacionada do município do Rio de Janeiro. Historicamente, o esporte e a Educação Física foram espaços que negaram o direito às diferenças e operaram contribuindo para as padronizações hegemônica dos corpos. A pesquisa buscou elementos que revelassem as práticas escolares esportivas e as experiências de competições que tencionassem possíveis formas de preconceitos e exclusões. A bibliografia que ancorou os estudos focalizou produções pós-estruturalistas, entendendo gênero como categoria de análise, dialogando com discussões interseccionais que envolveram, também, raça e classe. Foram analisados os documentos oficiais de matriz curricular das escolas vocacionadas ao esporte, chamadas, atualmente, de Ginásios Educacionais Olímpicos, assim como o projeto político pedagógico da Escola Juan Antonio Samaranch. Foram evidenciados, no trabalho, os discursos produzidos através das respostas dxs alunxs da escola, que revelaram a aproximação da realidade preconceituosa do alto rendimento esportivo com as competições escolares vivenciadas pelxs estudantes. Embora a escola vocacionada pesquisada demonstre avançar na criação de um ambiente de pertencimento positivo e com mais possibilidades de protagonismos para quem, geralmente, não possui espaço em atividades corporais, o resultado apontou para práticas escolares que, no trabalho, especificamente com eixo esportivo, muitas vezes ainda produzem uma lógica que opera na reprodução do esporte competitivo, demonstrando, efetivamente, poucas estratégias para o enfrentamento das desigualdades, opressões e exclusões.

Palavras-chave: desigualdades; gêneros; esportes; educação física; diferenças.

ABSTRACT

COELHO, Gabriel Magalhães Rodrigues. **Gender issues in school sports:** study of the GEO Juan Antonio Samaranch Municipal School from the perspective of differences. 2024. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This dissertation is a qualitative study on issues involving gender inequalities and other intersectional oppressions in school sport at a special school in the municipality of Rio de Janeiro. Historically, sport and Physical Education have been spaces that have denied the right to differences and have operated by contributing to the hegemonic standardization of bodies. The research looked for elements that would reveal school sports practices and competition experiences that could influence possible forms of prejudice and exclusion. The bibliography that anchored the studies focused on post-structuralist productions, understanding gender as a category of analysis, dialoguing with intersectional discussions that also involved race and class. We analyzed the official curricular matrix documents of the schools dedicated to sport, currently called Olympic Educational Gymnasiums, as well as the Juan Antonio Samaranch school's political pedagogical project. The work highlighted the speeches produced through the responses of the school's students, which revealed the proximity of the prejudiced reality of high sports performance with the school competitions experienced by the students. Although the researched school demonstrates progress in creating an environment of positive belonging and with more possibilities for leading roles for those who generally do not have space in bodily activities, the result pointed to school practices that, when working specifically with sports, often still produce a logic which operates in the reproduction of competitive sport, effectively demonstrating few strategies for confronting inequalities, oppression and exclusion.

Keywords: inequalities; gender; sports; physical education; differences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Matriz curricular do GEO.....	19
Figura 2 -	Resultados esportivos do GEO em 2015.....	26
Figura 3 -	Resultados esportivos do GEO em 2014.....	26
Figura 4 -	Alunxs em uma aula coeducativa.....	28
Figura 5 -	Aula de Tênis de Mesa no GEO.....	37
Figura 6 -	Vista da entrada do GEO Juan Antonio Samaranch.....	39
Figura 7 -	Participação do GEO em um campeonato feminino de futebol.....	42
Figura 8 -	Mural da escola com as temáticas de igualdade e equidade.....	48
Figura 9 -	Espaço de aula da sala de Judô, atividade de luta do GEO.....	52
Figura 10 -	Piscina do GEO Samaranch antes.....	56
Figura 11 -	Piscina do GEO Samaranch depois.....	57
Figura 12 -	Alunxs no espaço da quadra esportiva do GEO.....	58
Figura 13 -	Pintura na parede do corredor do GEO sobre educação sexual.....	63
Figura 14 -	Alunxs do GEO no horário de intervalo após as aulas de esportes.....	70

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE ESCOLAR, SUAS DIMENSÕES SOCIAIS E OS ALINHAVOS DAS DESIGUALDADES	31
1.1	As práticas e as possibilidades de inclusão, equidade e o direito à diferença	38
2	QUESTÕES DE GÊNEROS NA ESCOLA VOCACIONADA: O CORPO EM EVIDÊNCIA	44
2.1	Corpo, poder e os esportes no GEO	50
2.2	Estado da arte	54
2.3	O currículo vocacionado no eixo esporte e as relações de gêneros	58
2.4	O Projeto Político Pedagógico da escola na perspectiva das diferenças	66
3	DISCURSOS DXS ALUNXS DO GEO: CORPOS NÃO HEGEMÔNICOS EM UMA ESCOLA VOCACIONADA AO ESPORTE	73
3.1	Primeira fase: roteiro orientador	75
3.2	Segunda fase: questionários abertos	77
3.2.1	<u>Uma escola vocacionada possibilita que mais pessoas possam praticar esportes de forma democrática? Escreva como foi sua experiência no GEO ...</u>	79
3.2.2	<u>O esporte escolar é inclusivo para todas as pessoas ou é excludente?</u>	81
3.2.3	<u>Já presenciou algum caso de preconceito, exclusão ou homofobia no esporte escolar?</u>	83
3.2.4	<u>Nas competições escolares todos são respeitados da mesma forma? Já presenciou algum caso de preconceito, exclusão ou homofobia nessas competições?</u>	87
3.2.5	<u>Você acha que existe preconceitos no esporte de alto rendimento? Entende que existir escolas vocacionadas ao esporte pode modificar ou melhorar os casos de preconceito no esporte de alto rendimento?</u>	91
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS	97
	ANEXO A - Termos de consentimento livre e esclarecido	105
	ANEXO B – Declaração para a realização da pesquisa de campo	120

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar, no Brasil, tem sua história diretamente relacionada com o conservadorismo¹, a militarização e a domesticação dos corpos (Castellani Filho, 1988). Não é difícil imaginar que um olhar extremamente biologicista² sempre esteve presente nas suas práticas, nxs³ profissionais e até mesmo na universidade. Observamos, também, que, com o passar dos anos, muitos desses métodos foram discutidos e reavaliados. No fim do último século, a Educação Física ganhou, realmente, um caráter educacional, tendo o corpo em movimento como maior ferramenta de contribuição para educação integral dos sujeitos. Nesse cenário, o esporte acabou ganhando maior destaque como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar. No entanto, observamos em muitas pesquisas (Altmann, 2015; Auad, 2006; Brito, 2015; Devede, 2017; Goellner, 2013; Saraiva, 2005), estudos e na vivência do chão da escola, que a prática de esportes na escola ainda pode trazer muitos conceitos retrógrados enraizados na Educação Física. Destaco que, nos últimos anos, no Brasil e em outros vários países, as práticas e pensamentos conservadores vêm se intensificando e estão atacando fortemente as escolas, trazendo ainda mais retrocesso para os cotidianos dessas instituições⁴.

Assim, é necessário enfatizar que pretendi, com esse trabalho, investigar algumas questões inerentes à contribuição da Educação Física para o ambiente escolar, especificamente, nas escolas vocacionadas ao esporte da rede municipal do Rio de Janeiro. Por isso, parti dos seguintes questionamentos: o esporte escolar contribui para a emancipação do sujeito ou reforça uma lógica de opressão? As aulas de Educação Física focalizadas no esporte são, de fato, para todxs? Quais caminhos estão sendo percorridos nas escolas vocacionadas para dar conta do eixo das diferenças? Existe, de fato, espaço para temas transversais nos planejamentos das aulas de esportes? Existe uma discussão frequente que dê

¹ De acordo com a contribuição de Sepulveda e Sepulveda (2016), entenderemos, neste projeto, conservadorismo como elemento ideológico que constrói senso comum e reproduz um viés hegemônico vigente.

² Entendimento do corpo como puramente biológico (Mezzaroba, 2012).

³ Segundo Sepulveda e Sepulveda (2016), o uso do “X” é um meio de expressar maior igualdade entre os gêneros do ponto de vista linguístico e gramatical. A generalização do plural, utilizando os substantivos no masculino, é considerada machista e sexista por diversos grupos. No âmbito da escrita, existe a proposta da utilização do “X” na tentativa de tornar a língua mais democrática.

⁴ Essa questão será trabalhada ao longo da dissertação.

conta dxs alunxs que não estão inseridxs no “padrão” binário⁵ de gêneros? Como os corpos femininos estão sendo tratados nesse espaço? Como os corpos masculinos que não performatizam⁶ os estereótipos “esperados” estão colocados?

São muitas as questões que precisam ser debatidas com urgência na escola, mas, aqui, trago a contribuição da Educação Física, especificamente no conteúdo do esporte. Nesse contexto, é importante pontuar que, nesta pesquisa, trabalhamos com o conceito de tematizações do esporte através da lente da Educação Física cultural (Neira, 2016, 2018; Nunes; Neira, 2017), valorizando o respeito as diferenças e diversidades. Contudo, para além do esporte, nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular, encontram-se diversos conteúdos que são desenvolvidos durante os segmentos escolares.

Não trarei para essa dissertação as especificidades de todos os conteúdos, pois, embora o esporte seja apenas um dos conteúdos da Educação Física escolar, observa-se uma predominância muito grande desse conteúdo no cotidiano das aulas (Devide, 2017, p. 100). Nas escolas vocacionadas, o esporte passa a ser o conteúdo com mais tempos destinados na matriz curricular, ultrapassando a carga horária de disciplinas como Português e Matemática.

Antes de dar continuidade a tessitura dos motivos que me levaram a desenvolver essa dissertação, sinto necessidade de narrar como iniciei minha trajetória universitária no curso de Educação Física. Tinha o sonho de trabalhar desenvolvendo projetos de esportes para crianças e adolescentes. Acreditava no potencial do esporte em transformar a realidade das pessoas, sendo importante manifestação cultural em nosso país.

Segundo Nóvoa (2014), “[...] cada um tem de fazer um trabalho sobre si mesmo até encontrar aquilo que o define e o distingue. E ninguém se conhece sem partir”. Desta forma, pude partir quando percebi os processos de desigualdades sociais atravessando as oportunidades e experiências nas relações de classe, raça e gêneros, quando comecei a trabalhar na periferia do Rio de Janeiro, em organizações não governamentais. Entendendo essas desigualdades, passei a frequentar coletivos que debatiam a educação e suas possibilidades. Naquele momento, decidi focalizar meus esforços na escola pública,

⁵ Classificação de gênero em apenas masculino e feminino, estando eles em oposição.

⁶ De acordo com Butler (2003), “[...] atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”.

entendendo que esse seria o principal local de disputa e possibilidades em relação ao enfrentamento dessas desigualdades.

Iniciei minha carreira no serviço público no ano de 2016. Tive a oportunidade de vivenciar na prática as discussões que já vinha travando desde a graduação. Entendi como a Educação Física escolar ainda é atravessada por conceitos e métodos que foram, historicamente, ligados à formação dessa disciplina na escola. Pude entender, no campo, como todas essas opressões são vivas e impactantes nos cotidianos do chão da escola.

Em 2019, recebi o convite para assumir a coordenação técnica/esportiva da Escola Municipal Juan Antonio Samaranch, uma escola de referência e vocacionada ao esporte. Nessa unidade escolar, ainda, exerci a função de Diretor Adjunto por um breve período no ano de 2021, antes de me desligar da escola. Essa experiência em uma escola vocacionada me fez perceber mais que as opressões e desigualdades de gêneros no esporte impactavam a Educação Física e o esporte escolar. Identifiquei a oportunidade e a necessidade de pesquisar sobre essas questões mais profundamente. Questões das desigualdades de gêneros são históricas no esporte e na Educação Física. Estava certo de que, para realizar essa pesquisa, seria necessário ter coragem, ainda mais pelo momento conservador que vivemos nos últimos anos. Segundo Nóvoa (2014), “Sem coragem não há conhecimento”.

Por todas as questões acima assinaladas, senti necessidade de realizar o mestrado em Educação. Portanto, minha pesquisa gira em torno das questões de gêneros no esporte escolar, especificamente, no território das escolas vocacionadas ao esporte do município do Rio de Janeiro. Busquei a linha de Políticas, Direitos e Desigualdades do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Faculdade de Formação de Professores, para realizar o mestrado, pois sabia que seria um bom caminho para construir, coletivamente, uma pesquisa que fosse relevante para as discussões sociais urgentes no chão das escolas. Ressalto que o esporte ganha contornos de protagonismo nas escolas vocacionadas da rede municipal do Rio de Janeiro. Por isso, esse espaço precisa preservar o princípio de respeito às diferenças, singularidades e subjetividades. Sendo assim, considero a instituição escolar um território de extrema importância no campo das pesquisas e discussões de gêneros na escola. Pela experiência de ter sido Coordenador e Diretor Adjunto de uma unidade de escola vocacionada, percebi, na vivência do dia a dia, as diferentes possibilidades de construções sociais através do esporte, sejam elas consideradas possíveis de colaborar com a manutenção das opressões, também, de ressignificar o esporte como elemento plural e

transformador. Essa vivência nas escolas vocacionadas ao esporte e minhas experiências com Educação Física somadas aos desafios do momento conservador⁷ em que vivemos, no qual as instituições da sociedade democrática são atacadas, não sendo diferente com a escola pública, mobilizaram-me ao campo da pesquisa na linha das políticas e desigualdades sociais. Principalmente, por entender que não é aceitável o retorno de conceitos retrógrados do passado em relação à Educação Física e ao esporte escolar, pois, segundo Nóvoa (2014), “[...] o nosso compromisso é com a Educação, mas é também com o país”.

Percebo que é recente o interesse da Educação Física em pesquisar sobre os gêneros. De acordo com Deive (2017, p. 17), “[...] no Brasil, os Estudos de Gênero na Educação Física (EF) e no Esporte começaram a surgir na década de 1980”. Além de observar que os estudos são recentes, entendo que existe um receio de falar de gêneros na escola, não apenas por discutir a mulher e o homem na sociedade, mas por certo medo das questões que envolvem, por exemplo, os homossexuais (Louro, 2014, p. 32). Ainda, observo que a igreja católica e, mais atualmente, as estruturas neopentecostais tentam validar que as discussões de gêneros ferem, de certa forma, a constituição de família. Assim, ativando um movimento para conter uma suposta “ideologia de gênero⁸” (Dornelles; Wenzel; Schwengber, 2017, p. 24).

Depois de realizar essa análise, verifica-se que existe a necessidade de romper uma lógica que obriga os sujeitos a frequentarem um padrão previamente estabelecido (Louro, 2014, p. 36) e entender como a Educação Física e o Esporte Escolar contribui para esse movimento.

Como objetivo geral deste trabalho, foi estabelecido investigar, no contexto da escola vocacionada ao esporte GEO Juan Antonio Samaranch, se existiam deslocamentos no trato com a temática de gêneros, focalizando os imbricamentos das diferentes formas de opressão e o impacto dessas relações com o cotidiano escolar e com xs sujeitxs. Ainda, identificar se o esporte no ambiente escolar é pensado e desenvolvido respeitando à diversidade e às diferenças existentes nesses espaços.

⁷ Desde o segundo mandato de Dilma Rousseff, assistimos, no Brasil, ao crescimento do pensamento conservador, o que acabou culminando com o impedimento da presidenta em questão. No ano de 2018, o candidato conservador da extrema direita, do espectro político brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, foi eleito presidente da nação, tendo como um dos objetivos de sua plataforma política a narrativa inventada que acabaria com a doutrinação política e com a *ideologia de gêneros* nas escolas, questões que nunca aconteceram nessas instituições. Essa falsa narrativa acabou colocando a população contra xs professorxs e essxs passaram a ser vistxs como x inimigx a ser vencidx. Mesmo com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023, para a presidência da República, essa visão continua imperando na sociedade.

⁸ Falsa premissa ideológica que, supostamente, visa à desconstrução forçada dos papéis de gêneros tradicionais principalmente nas escolas.

Como objetivos específicos, trabalhei com os seguintes: I. Analisar as perspectivas da Educação Física e do esporte escolar, suas dimensões sociais e as questões das desigualdades nos desdobramentos sobre as possibilidades da garantia do direito às diferenças e da equidade de gêneros; II. Observar como a escola desenvolve seus projetos e ações através do Projeto Político Pedagógico, das matrizes e dos documentos oficiais direcionados para as questões da equidade de gêneros e no respeito às diferenças, atentando para a pauta da discussão de gêneros como tema dos projetos da escola, especificamente no eixo esporte; III. Pesquisar se alunxs que não performatizam na norma e não possuem os corpos hegemônicos se sentem contempladxs com a abordagem realizada no trabalho com o esporte escolar.

Para contemplar os objetivos da pesquisa, foram desenvolvidos, neste trabalho, quatro capítulos. O primeiro consiste nesta introdução, que faz uma abordagem inicial sobre a temática, explicando minha intenção com a pesquisa e evidenciando xs principais autorxs que fazem parte das referências bibliográficas. O segundo trata dos processos de exclusão que podem ocorrer no cotidiano escolar, focalizando as desigualdades de gêneros e os processos históricos da Educação Física e do esporte escolar. O terceiro capítulo é referente as discussões e análises mais específicas das práticas realizadas na Escola GEO Juan Antônio Samaranch, correlacionando o currículo vocacionado ao esporte com as perspectivas do corpo, poder e as relações de gêneros. No quarto e último capítulo, são evidenciados os resultados da pesquisa de campo com as narrativas produzidas pelxs alunxs com corpos não hegemônicos do GEO através das respostas dos questionários abertos.

A importância desse estudo se dá pelo cenário histórico, no qual verificamos, na Educação Física escolar, um campo fértil de reprodução do sexismo⁹, machismo¹⁰ e desigualdades em geral (Devide, 2017, p. 110). Essa concepção, que reforça a desigualdade e afasta a proposta do desenvolvimento integral do sujeito, não é novidade, pois, por um longo período foi naturalizada a separação de meninas e meninos nas aulas de Educação Física, principalmente no incremento do conteúdo esporte, como diz Altmann (2015, p. 24):

No entanto, durante muito tempo, e em algumas instituições de ensino até hoje, meninos e meninas foram separados para a realização de aulas de educação física. O caráter prático da disciplina, o fato de lidar com o corpo, compreendido a partir de

⁹ Preconceito ou discriminação com base no sexo ou gênero de uma pessoa.

¹⁰ Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/machismo/#:~:text=substantivo%20masculino%20Opini%C3%A3o%20ou%20atitude%20de%20virilidade%3B%20macheza>. Acesso em: 26 ago. 2023.

sua perspectiva biológica, a organização feminina e masculina da maioria das competições esportivas e as diferenças de habilidade entre meninos e meninas têm justificado sua separação nas aulas.

Segundo Sepulveda e Sepulveda (2016, p. 152), vivemos um momento conservador na nossa sociedade, o respeito às diferenças vem sendo negado nas diversas esferas sociais. Não é diferente na atuação de professorxs, que são diretamente impactadxs na atuação docente dentro dos mais variados espaços educativos. Esses impactos, também, podem representar uma maior propensão dxs professorxs e das escolas em deixar discussões que representem pautas mais sensíveis, como a discussões de gêneros e sexualidades, serem suprimidas do cotidiano. Também, é tradicional da Educação Física escolar um perigoso consenso que essa disciplina apenas desenvolve atividades práticas ou recreativas, sendo descolada das discussões sociais ou dos projetos pedagógicos interdisciplinares.

No conteúdo esporte, é ainda mais comum que haja um entendimento do jogo sendo apenas uma repetição dos esportes competitivos e tradicionais. Esse entendimento de que o esporte é tratado apenas com a repetição de movimentos, regras e competição limita as dimensões sociais dos esportes, tudo que o envolve e seu potencial transformador por ser uma importante manifestação de cultura no Brasil.

De acordo com Altmann (2015, p. 66), a garantia de igualdade de oportunidades sob uma perspectiva de gêneros é um dos grandes desafios da Educação Física no que tange ao desenvolvimento do esporte na escola. Percebemos a importância de pesquisar e discutir tal tema e o quanto isso é atual. As escolas, muitas vezes, são reprodutoras da desigualdade social, principalmente, quando não promovem a inclusão de todxs.

Algumas conquistas no campo da educação são inegáveis nos últimos anos, principalmente naquilo que se refere à discussão do direito às diferenças. Avançamos muito no campo teórico, mas tivemos e temos grandes problemas na concretização de políticas curriculares de inclusão que garantam essas diferenças. No atual contexto conservador da sociedade brasileira existem forças que negam o direito às diferenças, que reagem especificamente àquelas propostas e discussões referentes aos direitos das chamadas minorias sociais. Fundamentados numa plataforma que defende um determinado conjunto de valores morais e sociais, essa força ganha potência hoje no Brasil e no mundo (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p. 1260).

Como destacado por Sepulveda e Sepulveda (2016), o conservadorismo existente nos diversos setores sociais, incluindo as escolas, muitas vezes, ancora certos valores morais que acabam por trabalhar na negação do direito às diferenças. Essa é uma questão central que reforça as desigualdades.

Não obstante, a prática de esportes no Brasil é extremamente desigual no que se refere às oportunidades para homens e mulheres (Altmann, 2015, p. 62). Nessa perspectiva, nota-se que é difícil avançar para o desenvolvimento do esporte como ferramenta do desenvolvimento humano se não for pluralizada sua prática. Na escola, muitas vezes, observo as aulas de Educação Física e as quadras de esporte como espaços de domínio dos meninos. Não é possível imaginar o esporte escolar colaborando para a desconstrução das amarras das desigualdades e pluralização de suas práticas se a própria escola não romper com esse ciclo de exclusões.

Justifica-se que o esporte escolar nas escolas vocacionadas da rede municipal do Rio de Janeiro é o principal objeto de estudo por ser um território de grande possibilidade como campo de pesquisa na perspectiva dos deslocamentos das questões que envolvem gêneros, desigualdades, interseccionalidades¹¹ e performatividades. Segundo Bracht (2005, p. 65), fica “[...] claro que a forma hegemônica da cultura corporal de movimento é o esporte. Isto é, o esporte é a forma da cultura corporal de movimento que é funcional para a atual hegemonia”. Para reforçar essa questão, podemos, entre outros argumentos, indicar a tendência à esportivização da cultura corporal de movimento.

Tão grande é o apelo do esporte escolar como mecanismo de ascensão ao alto nível esportivo e na proposta de dupla carreira (estudo e esporte) que verificamos, no ano de 2012, através do, Decreto nº 35.261, de 19 de março de 2012¹², o início da implantação das escolas vocacionadas ao esporte, chamadas, naquele momento, de Ginásio Olímpico Experimental (GEO), passando pelo nome de Escola Municipal Olímpica Carioca (EMOC) e, atualmente, Ginásio Educacional Olímpico (GEO). Segundo o professor/pesquisador Carlos Alberto Figueiredo da Silva (Silva, 2014, p. 52), “O GEO é uma escola vocacionada, onde o esporte ganha uma dimensão fundamental para o desenvolvimento das ações cotidianas”. A primeira escola no formato Ginásio Experimental Olímpico (GEO), nomeada de Juan Antonio Samaranch, localizada no bairro de Santa Teresa, nasceu como uma unidade do Sistema Municipal de Ensino do Rio de Janeiro (SME-RJ), com a intenção de atender crianças e

¹¹ A interseccionalidade é uma maneira de investigar como as várias nuances do poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, 2020).

¹² Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2012/3527/35261/decreto-n-35261-2012-cria-o-programa-ginasio-experimental-olimpico-e-paralimpico-no-ambito-da-secretaria-municipal-de-educacao-e-da-outras-providencias>.

adolescentes com idades para o 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Esse projeto firma uma estrutura que centraliza o esporte nas ações escolares, atendendo xs alunxs em tempo integral (Silva, 2014, p. 9).

Posteriormente, outras unidades foram inauguradas no mesmo modelo. Atualmente, existem oito unidades consolidadas nesse modelo no segundo segmento do Ensino Fundamental no município do Rio de Janeiro. Essa expansão demonstra o apelo do esporte como manifestação cultural e a importância desse conteúdo na Educação Física escolar. No caso dos GEOs vemos uma subversão do currículo tradicional, sendo o esporte escolar o grande norteador das ações dessas unidades escolares. Desse modo, ampliando consideravelmente o número de professorxs de Educação Física no quadro profissional, além da própria alteração da rotina escolar normalmente conhecida. O corpo em movimento passa a ter grande relevância.

Uma outra questão importante sobre as escolas neste modelo vocacionado ao esporte está ligada ao desempenho acadêmico dxs estudantes. Neste caso, o modelo de tempo integral e o currículo diferenciado parece ter funcionado de forma positiva quando analisados os resultados globais destas unidades escolares, como está destacado no trecho de uma reportagem do site oficial da prefeitura do Rio de Janeiro sobre o desempenho das escolas de segundo segmento do Ensino Fundamental no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no ano de 2020.

Na Rede Municipal de Ensino do Rio, completam o ranking das unidades mais bem avaliadas nos anos finais: Escola Municipal Ary Barroso, em Cordovil – nota 6,5; Escola Municipal Felix Mielli Venerando, no Caju – nota 6,3; Escola Municipal Doutor Sócrates, em Pedra de Guaratiba – nota 6,3; Escola Municipal Juan Antonio Samaranch, em Santa Teresa – nota 6,2; Escola Municipal Professor Albert Einstein, na Barra da Tijuca – nota 6,1; Escola Municipal Embaixador Araújo Castro, em Campo Grande – nota 6,1; Escola Municipal Estácio de Sá, na Urca – nota 6,0; Escola Municipal Orsina Da Fonseca, na Tijuca – nota 6,0; Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, na Taquara – nota 6,0; Escola Municipal Bolívar, no Engenho de Dentro – nota 6,0; e Escola Municipal Prudêncio, Pitangueiras – nota 6,0 (Prefeitura do Rio, 2020).

Dentre as escolas citadas na matéria do site, entre os melhores resultados, observa-se quatro escolas no modelo Ginásio Educacional Olímpico, a saber: GEO Félix Mielli Venerando – Caju; GEO Doutor Sócrates – Pedra de Guaratiba; GEO Juan Antonio Samaranch – Santa Teresa; GEO Nelson Prudêncio – Ilha do Governador.

Segundo a resolução SME nº 297¹³, de 17 de novembro de 2021, as unidades escolares vocacionadas ao esporte são nomeadas, atualmente, como Ginásio Educacional Olímpico – GEO. Esse mesmo documento dispõe sobre currículo do GEO, como é possível observar na Imagem 1, sendo possível verificar que existem oito tempos de treinamento esportivo somados a dois tempos de Educação Física curricular, totalizando dez tempos semanais direcionados para atividades com professorxs de Educação Física. Para contextualizar a importância do esporte neste modelo de unidade escolar, a segunda disciplina com mais tempos semanais no currículo é Matemática, com cinco tempos. Passa a ser fundamental entender como esse relevante aumento na oferta de esporte e da Educação Física está impactando xs alunxs da escola. Esses corpos, especialmente os não hegemônicos, estão em maior exposição.

¹³ Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/12555768/4345103/RESSME29721MATRIZcurricular.pdf>

Figura 1 – Matriz curricular do GEO

ENSINO FUNDAMENTAL II - GEO*									
Componentes Curriculares / Ano						6º	7º	8º	9º
Base Nacional Comum Curricular	Língua Portuguesa					5	5	5	5
Matemática	5	5	5	5					
Ciências	3	3	3	3					
Geografia	3	3	3	3					
História	3	3	3	3					
Arte (Artes Plásticas, Artes Cênicas ou Música)	2	2	2	2					
Educação Física	2	2	2	2					
Língua Estrangeira	2	2	2	2					
Parte Diversificada	Tecnologia e Inovação					1	1	1	1
Círculo de Leitura	1	1	1	1					
Estudo Orientado	1	1	1	1					
Eletiva 1	1	1	1	1					
Eletiva 2	1	1	1	1					
Projeto de Vida	2	2	2	2					
Treinamento	8	8	8	8					
TOTAL SEMANAL DE TEMPOS						40	40	40	40

*Caso as Eletivas sejam ministradas com reagrupamento de alunos ou por necessidade pedagógica, a Unidade Escolar poderá oferecer apenas uma Eletiva com 2 tempos semanais.

Fonte: Prefeitura Rio de Janeiro, 2021.

Com essa quantidade expressiva de aulas de esportes, torna-se importante entender se as meninas estão sendo protagonistas em igual medida que os meninos. Também, se as meninas negras oriundas das classes populares estão tendo a oportunidade de vivenciar o esporte e as práticas corporais. Assim, precisei compreender quais as possibilidades que estão tendo os diferentes corpos que não estão no padrão de comportamento hegemônico esperado, ou seja, as meninas que não se apresentam como tão femininas, os meninos que têm diferentes formas de masculinidades ou até mesmo xs alunxs que não se enquadram no padrão binário normalmente reconhecido.

O surgimento de escolas vocacionais ao esporte sugere uma valorização da Educação Física na escola, porém, a prática do esporte propriamente dita não assegura que princípios fundamentais da educação sejam garantidos, em especial a equidade de gêneros. Para Altmann (2015, p. 65), o esporte vem, ao longo da sua história, reforçando os estereótipos e incentivando às desigualdades de gêneros. Nesse contexto, cabe ressaltar que o projeto GEO, segundo Silva (2014), promete trabalhar na perspectiva do que nomeiam como ALUNO-ATLETA-CIDADÃO, exercendo, segundo o autor, uma preocupação fundamental com o desenvolvimento humano e suas interações com a sociedade (Silva, 2014, p. 14).

Para pensar a lógica da equidade de gêneros em uma proposta de escola vocacionada ao esporte, é necessário entender que as modalidades esportivas são, em sua grande maioria, subdivididas em categorias masculinas e femininas. Esse ponto de partida já traz uma reflexão para a organização dos treinamentos. Segundo Silva (2014), no GEO xs alunxs praticam modalidades esportivas, mas também tem garantido no currículo a Educação Física escolar (obrigatória enquanto disciplina no currículo). É sabido que a Educação Física é uma disciplina obrigatória no Ensino Fundamental. Contudo, muitas vezes, nós nos deparamos com a Educação Física sendo, assim como as disciplinas Artes e Música, considerada de importância diminuta para algumas direções e para parte dxs docentes das escolas.

No caso dos GEOs, essa relação desenvolve-se de outra forma, já que professorxs de Educação Física acabam sendo maioria, assim como os tempos de aula que são divididos com as aulas destinadas aos treinamentos esportivos. O GEO tem mais de dez professorxs de Educação Física, destinadxs para as aulas de Educação Física curricular e treinamentos. Nenhuma outra disciplina se aproxima deste número. A composição da direção escolar do GEO, na maioria das vezes, também é formada por professorxs de Educação Física como diretores gerais ou adjuntos.

É significativo ressaltar que foi fundamental uma verificação mais profunda do desenrolar das temáticas de gêneros nesse espaço escolar, que tem o esporte como eixo norteador. Assim, é necessário enfatizar que a pesquisa foi tecida na primeira escola vocacionada ao esporte que atende alunxs do segundo segmento do Ensino Fundamental na rede municipal do Rio de Janeiro, o GEO Ginásio Educacional Olímpico Juan Antônio Samaranch (01.23.004) – Santa Teresa/RJ. Vale destacar que essa unidade escolar acaba de completar 10 anos de existência, sendo um importante momento para a realização dessa pesquisa.

Foi necessário e justificável, sem dúvida, pesquisar gêneros na lógica da equidade entre homens e mulheres. Contudo, foi essencial dar voz a quem costuma ser invisibilizado na

escola, buscando quebrar protocolos que limitam as discussões e visando reconhecer as diferenças como algo positivo. Foi necessário subverter a lógica dos arranjos dos gêneros hoje estabelecidos nas escolas (Louro, 2014, p. 128).

É urgente, fundamental e legítima a discussão ampla das questões de gêneros que envolve lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexos, assexuais, pansexuais (LGBTQIAP+) e outras formas plurais de gêneros e sexualidades. As pesquisas demonstram que a Educação Física também precisa dar conta disso. É relevante não deixar que preconceitos, juízos de moral e valor e, principalmente, questões religiosas façam um debate tão valioso retroceder. Quanto a isso, Sepulveda e Sepulveda (2020) contribuem com seus estudos:

Sendo assim, verificamos que a questão da discriminação para com xs alunxs lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros em algumas escolas estava motivada pelas questões religiosas de algunxs professorxs e funcionárixs. Tais valores e crenças religiosas muitas vezes possibilitam que práticas lesbofóbicas, gayfóbicas, bifóbicas, transfóbicas e machistas se instalem nos cotidianos de muitas escolas públicas (Sepulveda; Sepulveda, 2020, p. 92).

A discriminação e os diversos tipos de preconceitos precisam ser debatidos e enfrentados. Para isso, é fundamental que às práticas e os estudos estejam alinhados a esse movimento de desconstrução nas escolas. É fundamental entender se a valorização do esporte no currículo escolar traz benefícios e avanços para essa desconstrução. O próprio esporte competitivo de alto rendimento vem sendo palco de intolerância e reprodução dos preconceitos¹⁴. Muitas vezes, torcidas organizadas, atletas, treinadores e clubes demonstram não estarem dispostos a colaborar para a aceitação da diversidade e das diferenças.

Pesquisas sobre questões de gênero, como já sinalizado nessa dissertação, são razoavelmente novas na Educação Física, apesar do relato de alguns estudos nos anos 80. Segundo Altmann (2015, p. 23), apenas em meados de 1990, surgiram pesquisas que, explicitamente, falavam sobre gênero e debatiam questões inerentes às aulas propriamente ditas. Podemos encontrar, nas escolas vocacionadas ao esporte, um campo importantíssimo de reconhecimento relativos a certos deslocamentos e performatividades de gêneros. Nesse contexto, torna-se extremamente relevante pesquisar como o desenvolvimento do esporte na escola se relaciona efetivamente com a temática de gêneros. Segundo os objetivos dos

¹⁴ ALMEIDA, L; OLIVEIRA, V. Dia mundial contra a homofobia: o esporte brasileiro segue sendo palco da luta contra o preconceito. **Globo.com**, 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/pb/noticia/dia-mundial-contra-a-homofobia-o-esporte-brasileiro-segue-sendo-palco-da-luta-contra-o-preconceito.ghtml>

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Educação Física (Brasil, 1997), as aulas devem dar conta das diferenças:

No que tange à questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (Brasil, 1997, p. 25).

Entretanto, segundo Daolio (2010), a escola vem demonstrando dificuldades em lidar com essas questões. “No entanto, sabe-se que o contexto da escola quase sempre limita a experiência da diversidade. Historicamente, a escola é palco de padronizações, imposta a partir de visões unitárias de mundo e ser humano [...]” (Daolio, 2010, p. 92). O esporte é, historicamente, lugar do estabelecimento de padrões, que, muitas vezes, acaba por selecionar os aptos e inaptos para sua prática, principalmente quando se trata do esporte competitivo, voltado para o rendimento.

Para Daolio (2010, p. 93), a única possibilidade de avanço nessa questão é romper com os modelos preexistentes de negação das diferenças e desigualdades de oportunidades. Nas escolas vocacionadas ao esporte, os desafios com questões do respeito às diferenças e com a equidade de gêneros podem ser ainda mais acentuados. As adaptações no currículo escolar, deslocando uma carga horária quatro vezes maior para a Educação Física, mais especificamente para o esporte, expõe os corpos de forma mais contundente. O corpo é, historicamente, objeto de dominação (Foucault, 1985, p. 20). Soma-se a esse fato às competições esportivas escolares, que podem acentuar a reprodução dos estereótipos do alto nível esportivo, tão marcado pelos preconceitos. Nesse contexto, ainda, é possível fazer uma análise sobre a docência em Educação Física, pois, historicamente, xs professorxs buscam aulas extremamente práticas e competitivas, em detrimento aos debates críticos de enfrentamentos sociais.

Trazendo para o nosso problema um estudo realizado em uma escola do município de São Gonçalo-RJ, o professor e organizador da obra “Estudo de Gênero na Educação Física e no Esporte”, Fabiano Devede, colabora com nossa proposta com uma análise do plano de curso de Educação Física na unidade em que pesquisou:

Porém, no que tange ao esporte, o plano de curso enfoca o trabalho com as noções básicas das regras oficiais dos jogos, além do trabalho com as noções de fundamentos básicos dos esportes, sem fomentar um debate crítico sobre esse conteúdo de ensino (Devede, 2017, p. 98).

Vivemos em uma sociedade patriarcal¹⁵, machista e heteronormativa¹⁶. Tais atravessamentos podem influenciar xs docentes nas tomadas de decisões e até mesmo nos planejamentos. Segundo Daolio (2010), a sociedade reproduz uma série de elementos que criam formas de interpretar os corpos, investindo neles discursos e poderes. A escola também investe sobre os corpos das crianças/jovens/adultxs certos modos disciplinares. São comuns os atravessamentos das religiosidades, inerente a educadorxs e educandxs. O aumento do conservadorismo no Brasil tem sido um fator contundente de normatização dos comportamentos e papéis em nossa sociedade. Todas essas questões têm capacidade de entrar nas salas de aula e nas quadras esportivas das escolas, exercendo forte impacto curricular nas ações pedagógicas e, no caso da Educação Física, na percepção e nas técnicas aplicadas ao trabalho de educar os corpos (Sepulveda; Sepulveda, 2016).

É interessante analisar as contribuições de Daolio (2010) e Deive (2017) citadas nos parágrafos anteriores, em uma perspectiva de entendimento do cenário encontrado na escola e, possivelmente, no esporte como componente curricular. Mesmo entendendo que o esporte escolar tem um caráter formativo, observo que o debate crítico desse conteúdo pode não estar acontecendo. É necessário, então, pesquisar como estão ocorrendo essas relações entre escolas-educadorxs-educandxs no que tange às práticas e aos debates em relação às questões de gêneros no esporte escolar. As aulas de Educação Física, e a escola como um todo, precisam dar conta das diferenças ali existentes. É urgente e necessário o aprofundamento do debate de gêneros e suas interseccionalidades, pois xs alunxs precisam encontrar na escola um ambiente acolhedor, seguro e capaz de contribuir, positivamente, para o desenvolvimento integral dxs sujeitxs.

Este trabalho consiste numa abordagem de pesquisa qualitativa, contendo como técnica a revisão bibliográfica referente aos estudos que envolvem questões de desigualdades de gêneros e respeito às diferenças, principalmente, dialogando com a Educação Física e o esporte escolar. Também, foram realizadas entrevistas, questionários abertos e análises de documentos que norteiam as ações escolares. Em relação à pesquisa qualitativa:

Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade.

¹⁵ Cultura desenvolvida no interior de um sistema social em que homens adultos mantêm o controle, o poder e a liderança política. Por esse motivo, possuem a autoridade moral, gozam de privilégios e têm o controle das propriedades (Sepulveda; Sepulveda, 2019, p. 62).

¹⁶ Sistema de poder que impõe o binarismo de gênero e a heterossexualidade como normas, tornando anormais ou diferentes todas as outras expressões de gênero e sexualidades (Sepulveda; Correa; Freire, 2021, p. 22).

O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados (Creswell, 2007, p. 35).

A revisão bibliográfica trouxe elementos importantes para discussão das desigualdades sociais na escola, na Educação Física escolar e no esporte escolar, principalmente no que se refere às questões de gêneros e o respeito às diferenças.

Foi realizada, também, uma análise documental, observando a inclinação da unidade escolar para discutir e trabalhar temas como a desigualdade de gêneros e a diversidade, principalmente, através do Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 13-14), a riqueza de informações que pode ser extraída e resgatada dos documentos justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Em relação à entrevista, segundo Boni e Quaresma (2005), as formas de entrevistas mais utilizadas “[...] são a entrevista estruturada, semiestruturada, aberta, entrevistas com grupos focais, história de vida e também a entrevista projetiva” (Boni; Quaresma, 2005, p. 73). No trabalho, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a coordenadora pedagógica da escola, a fim de que a entrevistada registrasse suas impressões sobre os cotidianos e as temáticas com mais liberdade. Os questionários abertos feitos com xs alunxs foram realizados em duas fases específicas. Na primeira fase, foi feita uma abordagem presencial com cerca de vinte alunxs indicadxs pela coordenação da escola, estudantes do 8º e 9º ano. Para a segunda fase, foi feito um filtro de perfil para chegarmos aos alunxs que se autodeclararam fora do que é aceito socialmente como padrão hegemônico privilegiado de gêneros, raça e classe ou que já tenham presenciado situações de preconceitos. Dessa forma, os questionários analisados nesse trabalho não foram orientados por nenhum juízo de valor do próprio pesquisador, sendo xs participantes autodeclaradxs corpos não hegemônicos.

Para desenvolver os estudos, pesquisei algumas produções que dialogam e contribuem com o tema proposto. Entre outras, serão elxs: Altmann (2015); Butler (2003); Deleuze (2006); Devide (2017); Dornelles, Wenzel e Schwengber (2017); Louro (2014); Pereira e Silva (2019); Sepulveda e Sepulveda (2016, 2021); Neira (2016, 2018) e outrxs.

É importante destacar que esse trabalho buscou autorxs que dialoguem com uma abordagem crítica do conteúdo esporte na escola e/ou tragam estudos sobre como está se desenvolvendo o eixo das discussões de gêneros na Educação Física escolar. Nessa dissertação, também, foram pesquisados trabalhos que abordam a urgência do debate, que traz para o chão da escola a responsabilidade de dar conta das diferenças existentes nela.

É fundamental discutir que a sala de aula ou a quadra esportiva são espaços de construção e de tensionamentos, sendo a escola e todos seus componentes curriculares possíveis dinamizadores tanto da promoção do respeito à diferença como no enaltecimento dos preconceitos, dependendo das abordagens, práticas e métodos.

Segundo Louro (2014, p. 31), “O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento”. Nesse sentido, vale destacar que, em meus estudos, entendo gêneros em uma categoria de análise, valorizando um pensamento plural sobre o tema, desviando da dinâmica biológica e entendendo que as identidades de gêneros estão sempre se construindo e se transformando (Louro, 2014, p. 32).

Algo fundamental, na proposta de trabalho, foi o posicionamento da perspectiva das diferenças como conceituação capaz de desconstruir a dinâmica apenas biológica nas discussões sobre a Educação Física e o esporte escolar. Para dar conta de ampliar essa discussão, foi utilizado o trabalho de Deleuze, intitulado “Diferença e Repetição”, além de outrxs autoxs, como Miskolsi (2016), Brah (2006), Nunes e Neira (2017).

Devide (2017) contribuiu com suas pesquisas realizadas em espaços educativos em caráter de exploração do eixo gênero na Educação Física e no esporte. Essa produção apoiou a pesquisa, oferecendo análises críticas das relações de gêneros em uma perspectiva cultural e pós-estruturalista. O livro organizado pelo autor, intitulado Estudo de Gênero na Educação Física e no Esporte (2017), traz capítulos com pesquisas relacionadas com a formação profissional e dos cotidianos da Educação Física escolar.

Altmann (2015) traz, em sua produção, reflexões fundamentais para a definição do papel da Educação Física e do esporte escolar quando diz:

Nas sociedades fundadas em uma matriz democrática, a escola é uma forma fundamental de acesso a promoção da igualdade de direitos. Assim, qualquer prática pedagógica dentro da escola deve ser, em si mesma, democrática, vale dizer, direito de todos. O esporte – ou qualquer outro conteúdo, precisa ser abordado nas aulas de educação física, tornando a aprendizagem possível e real a todos, e não apenas apanágio dos mais habilitados (Altmann, 2015, p. 58).

Nas escolas vocacionadas ao esporte, o cotidiano é transformado pelas aulas diárias de esporte, ditas treinamento. Treinar pode, facilmente, remeter à rotina de repetir a mesma ação até chegar à perfeição. Treinamento pode fazer com que uma pessoa sem certa habilidade possa alcançar a autonomia necessária para realizar uma prática de forma qualificada, para que possa ter certo protagonismo nessa forma de agir. No entanto, treinamento no esporte,

muitas vezes, torna os mais aptos e habilidosos os únicos protagonistas das ações, consequentemente, dos jogos. É importante ressaltar que o GEO Juan Antonio Samaranch obteve, ao longo dos anos, protagonismo nas principais competições escolares do Rio de Janeiro, como é possível observar, nas imagens abaixo, as matérias de sites dos anos de 2014 e 2015.

Figura 2 – Resultados esportivos do GEO em 2015



Fonte: Jornal Extra, 2015.

Figura 3 – Resultados esportivos do GEO em 2014



Fonte: Intercolegial, 2014.

As competições escolares acabam sendo tão ambíguas quanto essa ideia de treinamento. Caso essas competições sejam manejadas de forma democrática, podem ser espaços para que muitxs alunxs tenham uma vivência interessante de representatividade e protagonismo. Contudo, essas competições podem ser, também, espaços excludentes, caso a participação seja reservada apenas para grupos seletos e mais habilidosos.

Sobre o conceito de esporte discutido na pesquisa desenvolvida por mim, entendendo que este esporte acontece na escola, ministrado por professorxs de Educação Física escolar, foi utilizado o conceito de Educação Física Cultural proposta por Neira (2016, 2018), como base para as discussões.

O currículo cultural da Educação Física realiza a leitura da gestualidade materializada nas práticas corporais, sem qualquer julgamento de valor. Não busca o melhor rendimento ou a aquisição e manutenção da saúde, nem tampouco a execução motora considerada adequada. No currículo cultural, as brincadeiras, danças, ginásticas, lutas e esportes são entendidos como textos da cultura, formas de expressar sentimentos, ideias e valores e, consequentemente, são marcadas por relações de classe, etnia, religião, gênero, geração etc. (Nunes; Neira, 2017, p. 466).

É importante o entendimento de que o esporte, como conteúdo escolar, tematizado nas aulas de Educação Física curricular ou no caso dos GEOs em treinamentos esportivos, precisa valorizar práticas democráticas da cultura do movimento. Nesse caso, Nunes e Neira (2017) ressaltam a importância do não julgamento de valor nessas práticas. O esporte escolar não deve estar a serviço, prioritariamente, da melhora do rendimento esportivo ou da capacidade de executar, adequadamente, movimentos motores específicos que irão gerar performance em campeonatos e competições. Nesse caso, abre-se um processo dualístico nas aulas de treinamento na escola vocacionada. A grande questão é como encontrar um equilíbrio entre duas vertentes: a responsabilidade com práticas esportivas plurais que respeitem as diferenças e a busca por resultados nas atividades competitivas proporcionadas pelo eixo esportivo da escola. Princípios pedagógicos alinhados com a Educação Física cultural buscam romper com privilégios.

O trabalho pedagógico inspirado nesse princípio realiza a ação contra-hegemônica de desestabilizar o privilégio das práticas corporais elitizadas, abrindo fendas para a penetração de saberes oriundos de outros setores da malha social. Tal princípio impede a perpetuação da perspectiva monocultural, ou seja, a premência de uma só visão de mundo (Nunes; Neira, 2017, p. 471).

O princípio de coeducação, também, foi importante para o entendimento das questões de gêneros no esporte escolar. A coeducação é definida como uma medida educacional a

mais, além dos sistemas mistos de ensino. “A coeducação é aqui entendida ainda como uma maneira de questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino, estes percebidos como elementos não necessariamente opostos ou essenciais” (Auad, 2006, p. 55). Não basta apenas que todxs participem das aulas e competições, mas que tenham protagonismo nessas atividades. Foi importante questionar se as aulas de esportes nas escolas ocorrem de forma coeducativas, já que as competições escolares costumam ser categorizadas por gêneros.

Figura 4 – Alunxs em uma aula coeducativa



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

Outras produções também ajudaram a nortear as discussões da revisão bibliográfica desse trabalho, compreendendo aos desafios da Educação Física e do esporte escolar nos campos do debate de gêneros e sexualidades. Dentre muitas das suas contribuições, Dornelles, Wenzel e Schwengber (2017) e Pereira e Silva (2019) trazem alguns questionamentos sobre os desafios da Educação Física e do esporte escolar. Utilizo algumas passagens das obras desses autorxs para finalizar introdução dessa dissertação, reforçando a eminente necessidade da contribuição da Educação Física para o debate sobre as questões de gêneros dentro da escola.

Ao longo desse trabalho, com relação à Educação Física, é discutida a necessidade urgente de tratar de assuntos como as diferenças para, de fato, auxiliar a formação integral dos sujeitos. Ficando claro nesse trecho que

Se a Educação Física quiser sobreviver como componente escolar que de fato auxilie na formação integral dos jovens, terá de enfrentar todas essas questões. Caso o contrário será no máximo um movimento recreativo no cotidiano escolar, eventualmente a reforçar procedimentos de estigma, preconceito, produção de desigualdades e vulnerabilidade social (Dornelles; Wenzel; Schwengber, 2017, p. 15).

É importante questionar se esse aumento na oferta da Educação Física no currículo do GEO ajuda a enfrentar o pensamento de que essa disciplina é apenas recreativa, tempo livre ou apenas lazer. O esporte como conteúdo também tem grande possibilidade de análise no cotidiano da escola através das narrativas dxs discentes, podendo ser compreendido como espaço de equidade e inclusão, ou reforçando um espaço de opressões.

Para tanto, a Educação Física, enquanto área do conhecimento, precisa ampliar os seus espaços de constituição, negociação, articulação, negação e de posicionalidade em relação aos debates postos na mobilização das sexualidades, enquanto categoria, e nos modos de diálogo com os estudos de gêneros, de sexualidade, de diversidade sexual e Queer, que se colocam no campo das humanidades para pensar e propor epistemologias e posições para a vida em sociedade na contemporaneidade (Dornelles; Wenzel; Schwengber, 2017, p. 28).

Com Pereira e Silva (2019, p. 32), dialogo com textos que rompem com os “[...] referenciais binários, heteronormativos¹⁷ e androcêntricos¹⁸ que ainda atravessam as práticas corporais na contemporaneidade”. Essa obra traz discussões da Educação Física, do esporte e dos corpos queer¹⁹. Encontram-se, nessa produção textos, por meio de um referencial teórico butleriano²⁰, os conceitos de “corpos subversivos” e “corpos marginalizados”. Esses corpos não hegemônicos são fundamentais nessa pesquisa para entendermos a dinâmica que existe na escola vocacionada em termos de respeito às diferenças e da equidade de gêneros. São esses corpos que, muitas vezes, têm o direito ao esporte e às aulas de Educação Física negados na escola e nos outros diversos espaços da sociedade. Esses corpos, que sofrem preconceitos ou são menos habilidosos, acabam sendo afastados, também, das atividades físicas em geral, das praças públicas, das academias, entre outros locais. Contudo, principalmente por se tratar de

¹⁷ Entenderemos heteronormatividade como a representação dos dispositivos que colocam a heterossexualidade como única possibilidade, definindo os papéis de meninos e meninas na sociedade (Sepulveda; Sepulveda; Luz, 2016, p. 4).

¹⁸ Visão de mundo centrada no masculino.

¹⁹ Teoria que recusa a categorização dxs sujeitxs por gênero ou sexo, pluralizando as possibilidades desses arranjos (Louro, 2015).

²⁰ Trabalhos referenciados nas pesquisas da filósofa Judith Butler.

uma escola pública, espera-se que o GEO preserve os princípios da possibilidade para a prática de todxs nas aulas, sejam elas treinamentos ou outras aulas.

Concluo essa introdução afirmando que esse trabalho de dissertação apresenta enorme pertinência no âmbito dos estudos sobre as questões de gêneros na Educação Física, no esporte escolar e na escola. Focalizar essas pesquisas no território das escolas vocacionadas ao esporte da rede municipal do Rio de Janeiro foi fundamental para refletir sobre como estão constituídas as questões do trato com as diferenças, com a equidade e, principalmente, como estão colocadxs xs sujeitxs com corpos não hegemônicos, que não performatizam ou não se enquadram nos padrões binários e heteronormativos nesse contexto esportivo/escolar.

1 PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE ESCOLAR, SUAS DIMENSÕES SOCIAIS E OS ALINHAVOS DAS DESIGUALDADES

O caminho histórico percorrido pela Educação Física e o fenômeno do esporte podem ser vistos como dispositivos que negaram a participação de todos e a equidade (Altmann, 2015; Tubino, 2011; Neira, 2018). Tubino (2011, p. 44-45) ressalta que o esporte pode ter um efeito negativo perverso. Diminuir as abordagens dos problemas sociais, sistematizando o esporte no ambiente escolar como apenas a reprodução do esporte de rendimento é, também, uma forma de perversidade. Quanto a esse efeito negativo do esporte, Tubino (2011, p. 45) faz a seguinte lista: “a) a reprodução compulsória do esporte-performance na educação; b) as violências do esporte-performance; c) a discriminação contra a mulher no esporte; d) o uso ideológico-político do esporte; e) a preponderância da lógica do mercantilismo no esporte”.

Neira (2018, p. 13) propõe um outro caminho além das teorias críticas que vêm sendo trabalhadas nas últimas décadas pela Educação Física. Assim, o currículo cultural, ou Educação Física cultural, assume um discurso a favor das diferenças em uma perspectiva decolonial²¹, buscando avançar nos conceitos propostos por teorias como a psicomotora, desenvolvimentista e crítica.

O currículo cultural da Educação Física, pensado principalmente para a tematização dos esportes na escola, principal eixo educacional do GEO, seria um norteador para práticas mais plurais nas aulas e até mesmo em competições. Não busquei, com essa dissertação, abominar o esporte na escola, mas entender como um currículo, que valoriza atividades esportivas com professorxs de Educação Física em uma escola vocacionada, pode contribuir com questões sociais fundamentais, como a diminuição das desigualdades, o respeito às diferenças e o enfrentamento do racismo.

Quando discutida a discriminação da mulher no esporte neste trabalho, ampliando para as pessoas LGBTQIA+, é fundamental o entendimento de todos os processos interseccionais que essas opressões entregam para os diferentes corpos. “Ao questionar esses mecanismos de legitimação, o termo interseccionalidade se tornou um conceito de uso corrente para designar a interdependência das relações de poder, de raça, de gênero e de classe” (Aquad; Corsino, 2018, p. 3).

²¹ Contraposição aos processos de violência e subalternização das diversas opressões colonizadoras.

De acordo com Saraiva (2005, p. 27), é possível afirmar que “[...] na educação Física, tanto quanto na educação familiar e escolar, reflete-se, ainda, um viés sexista que transformou a mulher em um ser submisso, obediente e dócil [...]”. Esse processo entrelaçado de opressões e desigualdades é fruto de um emaranhado de relações sócio-históricas. Existe uma matriz hegemônica do ser humano ideal, e esse é o homem branco europeu, heterossexual²² e cis²³. A Educação Física e os esportes são frutos dessa matriz e contribuiu para essa hegemonia.

Para uma adequação histórica das relações que envolvem estado, sociedade, Educação Física e esporte, é preciso analisar algumas fases fundamentais para essa compreensão.

Próximo do fim do séc. XVIII e início do séc. XIX, deu-se início a construção de uma nova sociedade, a capitalista. Imediatamente, com o aparecimento da nova sociedade, tornou-se indispensável a consolidação de um novo homem, que fosse apto para esta sociedade, homem este que deveria ser mais ágil e mais forte.

Na primeira metade do século XIX, começou a crescer a ideia do esporte como consumo e espetáculo. Ao mesmo tempo em que se popularizava, ainda era usado como forma de status e distinção das classes sociais (Melo, 2010, p. 92). É relevante perceber que essa ideia do esporte como forma de mobilização do consumo vai crescendo com o passar das décadas, sendo fortemente observada como viés do capitalismo, que transforma tudo em produto. Dessa forma, o esporte passa a ser também um instrumento do capital.

Nos anos 1851 até meados de 1875, observa-se a ascensão de algumas modalidades esportivas, como: natação, atletismo e lutas. O desenvolvimento de técnicas corporais foi ampliado visando a obtenção de melhores resultados. Com relação às práticas ligadas à burguesia, cresceram as seguintes modalidades: críquete, o golfe, o tênis e o iatismo. Neste período, também, teve início a participação das mulheres no esporte, através da modalidade do tênis e, aos poucos, elas passaram de público para praticantes (Melo, 2010, p. 99).

Entre 1876 e 1900, o esporte ampliou a conotação de “consumo”, visão comercial de espetáculo. Surgiu a tecnologia no meio esportivo. Nasceu, nesse período, o ciclismo e, mais à frente, o automobilismo (Melo, 2010, p. 101). É importante pontuar que a grande maioria dos esportes eram praticados exclusivamente por homens. Os atravessamentos de classe também norteavam as possibilidades das pessoas que poderiam ou não praticar certos esportes.

²² Indivíduo que sente desejo sexual e atração afetiva por pessoas de gênero diferente do qual se identifica (Sepulveda; Correa; Freire, 2021, p. 21).

²³ Pessoa cuja identidade de gênero coincide com o gênero atribuído no nascimento (Sepulveda; Correa; Freire, 2021, p. 28).

Na transição dos séculos XIX e XX, nasceram os esportes coletivos. Há uma ampliação de acesso a eles nas diferentes classes sociais e estes ganharam contornos internacionais (Melo, 2010, p. 103). Os esportes coletivos acabam se popularizando e difundindo-se de uma forma mais ampla. Também, começaram a aparecer as diferentes formas de adaptações das modalidades. Os jogos coletivos passaram a ser mais popularizados e acessíveis para diferentes camadas sociais.

Falando mais especificamente da Educação Física, ao longo de sua história, esta assumiu vários papéis importantes no cenário político brasileiro. É fundamental fazer uma ligação e essa análise histórica, paralelamente, da Educação Física com o esporte, já que elas vão se fundindo quando analisamos o esporte como conteúdo muito utilizado no chão das escolas em aulas de Educação Física curricular, no GEO, também, nos treinamentos.

De 1889 até 1930, os médicos tiveram influência direta na construção da Educação Física. Chamado de “Higienista”, esse período compreendeu a Educação Física como meio de “[...] assegurar homens e mulheres sadios e fortes, dispostos à ação” (Ghiraldelli, 1991, p. 17). Segundo Guiraldelli (1991), o período higienista se tratava de um projeto de assepsia social para melhorar os costumes privados e a moral pública.

Neste período, aumentou a preocupação com o saneamento e a saúde da população, junto ao aumento científico, nasceu a concepção de “corpos saudáveis”. O esporte virou ferramenta importante para corpos musculosos “produtivos”. Não por acaso, essa nova forma de pensar o esporte acompanhou o processo de urbanização e industrialização (Melo, 2010, p. 93).

Desta forma, para criação deste estereótipo de homem, foi consolidada a gênese da Educação Física no Brasil, ligada às instituições médicas e militares. Essas instituições colaboraram para a consolidação e reconhecimento da Educação Física, inicialmente percebida como Ginástica, sendo a prática pedagógica pensada e posta em ação em favor dos interesses da classe social hegemônica daquele período histórico.

Fernando Azevedo, em 1915-1920, defendendo as ideias de Rui Barbosa e dos Higienistas, defendia a Educação Física como eugenia da raça, ou seja, melhoria genética do povo: “[...] mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerar filhos saudáveis, os quais por sua vez teriam mais condições de defenderem sua Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres” (Castellani Filho, 1988, p. 56). Dessa forma, foi constituindo-se o estereótipo padrão de masculino e feminino, evidenciando os papéis do que seria possível e aceito para homens e mulheres na sociedade.

De 1930 até 1945, além da preocupação com a saúde pública, nasceu a inquietação com uma juventude capaz de suportar o combate e a guerra. Essa concepção é chamada por Ghiraldelli de “Militarista”. A conduta disciplinar limitava-se ao regime de caserna (Ghiraldelli, 1991, p. 18). Esse período foi marcado pela utilização da Educação Física como espaço de ampla divulgação e domínio ideológico das forças dominantes.

No período de 1945 até 1964, nasceu a concepção “Pedagógica”, que começou a debater a Educação Física como disciplina educativa comum aos currículos escolares. Esse foi o marco a partir do qual essa passou a ser entendida como parte da escola nas construções de aulas, métodos e conteúdos. Começou-se a pensar em uma juventude que venha “[...] melhorar sua saúde, adquirir hábitos fundamentais, preparo vocacional e racionalização do uso das horas de lazer” (Ghiraldelli, 1991, p. 18).

Outro grande momento que marcou a história da política pública no Brasil foi em 1964, época da Ditadura Militar, período de caráter autoritário e nacionalista que durou até o ano de 1985. O esporte tinha como seu principal objetivo sublimar a competição e a superação individual como valores essenciais para a constituição de uma sociedade moderna (Ghiraldelli, 1991, p. 18).

A concepção chamada por Ghiraldelli de “Competitivista” foi muito utilizada pelo governo para mascarar algumas mudanças importantes na vida da população. Um exemplo da alienação em vigor, na época, era o uso dos jogos de futebol como estratégia para acalmar a população que se encontrava insatisfeita com as mudanças políticas do momento. O esporte nacional, portanto, serviu para neutralizar críticas, movimentos e conflitos político-sociais. É possível ver isso, nitidamente, em 1969, na legislação aprovada pela Lei nº 705: “A Educação Física tem o papel de colaborar, através de seu caráter lúdico esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil” (Castellani Filho, 1988, p. 121).

De 1965 em diante, junto a concepção Competitivista, nasceu, entre a classe operária, a concepção “Popular” da Educação Física, assim, tomando uma forma mais autônoma, ligada ao Movimento Operário e Popular. Os desportos assumiram o papel de promotores da organização e mobilização dos trabalhadores. Segundo Ghiraldelli, foram nesses movimentos que se forjou a Educação Física Popular. “No interior desses movimentos, forjou-se a concepção da Educação Física Popular, privilegiando a ludicidade, a solidariedade e a organização e mobilização dos trabalhadores na tarefa de construção de uma sociedade efetivamente democrática” (Ghiraldelli, 1991, p. 34).

Em 1975, a Educação Física, ainda estava extremamente ligada às práticas de reprodução do desporto de alto nível, com o objetivo de gerar indivíduos capazes de trazer medalhas para o país, o chamado Milagre esportivo brasileiro trouxe a hierarquização e a elitização do esporte como nos mostra o artigo 5º da Lei nº 6.251:

Aprimoramento da aptidão física da população; elevação do nível do desporto em todas as áreas; implantação e intensificação do desporto de massa; elevação do nível técnico desportivo das representações nacionais; a difusão dos desportos como forma de utilização do tempo de lazer (Brasil, 1975, art.5).

Castellani (2006), em seu livro Educação Física no Brasil - a história que não se conta, afirma que o principal objetivo da Educação Física era a melhora do desempenho esportivo, visando à produtividade. Transformando, assim, a prática do esporte excludente e elitista, já que só quem tinha incentivo à prática eram os considerados capazes de trazer benefícios para o país. O Brasil tentava, nesta época, seguir o modelo de sociedade padronizada pelos países considerados mais evoluídos.

As discussões mais voltadas para o viés social do esporte começaram nos anos de 1980, que, não por coincidência, marcaram o fim da Ditadura Militar (1985) e o começo da luta pela redemocratização do país. Os debates mobilizaram uma redefinição do papel da Educação Física no país, além de desenvolver tecnologias para um maior investimento em esporte e em conhecimentos ligados a ele nas universidades e instituições esportivas.

Denominado Esporte Contemporâneo, essa concepção traz consigo o compromisso de garantir o esporte como direito de todos e há uma ampliação do seu debate de suas relações filosóficas e sociológicas. Ele passa a ter novas classificações que vão além do esporte de rendimento, agora, abrangem o esporte de participação e o esporte educacional (Tubino *et al.*, 2007, p. 36). Ainda, segundo Tubino *et al.* (2003, p. 37), o Esporte Contemporâneo é um:

Fenômeno sociocultural cuja prática é considerada direito de todos e que tem no jogo o seu vínculo cultural e na competição seu elemento essencial, o qual deve contribuir para formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores com a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação, o que pode torná-lo um dos meios mais eficazes para convivência humana.

A partir do Esporte Contemporâneo, começou-se a discutir o seu viés filosófico, sociológico, com segmentos da sociedade atual. Nessa perspectiva, Segundo Tubino *et al.* (2007, p. 37), surgiram os princípios norteadores de suas dimensões, sendo eles:

Esporte Lazer - chamado também Esporte na Comunidade, voluntário, tem na participação e no Lazer seus principais objetivos; Esporte de rendimento - chamado de Esporte Institucionalizado ou Esporte de Rendimento e o Esporte de Alto Rendimento, é manifestação indicada para os talentos e biótipos certos e visa a vitória, recordes e superações. O Esporte Institucionalizado é delimitado por regra, códigos e normas que caracterizam suas práticas e competições; Esporte Educação - chamado também de Esporte na Escola, para a infância e adolescência, é destinado a formação para a cidadania. Pode ser manifestado como Esporte Educacional.

Os estudos de Tubino (2003, 2007) foram importantes para o avanço nas discussões das dimensões do esporte que superam uma visão apenas competitiva e reprodutora de desigualdades. Contudo, esses estudos ainda conversam com um sujeito universal, desconsiderando, de certa forma, as diferenças e diversidades. Assim, seguiremos analisando as tematizações dos esportes ancorados na Educação Física cultural.

Na Educação Física cultural, o ponto de partida do trabalho pedagógico é a ocorrência social da brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica. Orientados pelo princípio da ancoragem social dos conhecimentos, professor ou professora propiciam a análise sócio-histórica e política da prática corporal (Neira, 2018, p. 54).

Esse entendimento das diferentes manifestações do esporte é fundamental para esse trabalho. O GEO é uma escola que recebe alunxs de toda a rede municipal. Apesar de ser diferenciado em sua matriz curricular e no seu cotidiano, as matrículas seguem todos os trâmites de qualquer escola da rede municipal do Rio de Janeiro. O esporte que acontece na escola precisa estar alinhado com a perspectiva do currículo cultural da Educação Física. Vale lembrar que o GEO pretende formar os chamado alunos-atletas-cidadão ²⁴(Silva, 2014). Contudo, a valorização ampliada das competições esportivas não pode validar uma lógica opressora. Desta forma, Neira (2018, p. 52) colabora com a perspectiva do currículo cultural ao afirmar que: “A Educação Física cultural assume uma posição a favor dos mais fracos, dos que ao longo do tempo não viram suas produções culturais corporais contempladas pelos currículos escolares. Rejeita o jogo dos poderosos, prefere enfrentá-los com um olhar pedagógico”.

O jogo dos poderosos, quando analisamos o esporte como manifestação cultural, pode trazer da lógica do alto rendimento uma cobrança excessiva aos estudantes. Uma expectativa do aluno-atleta-cidadão pode envolver nessa palavra “atleta” uma série de valores positivos ou negativos, que dependem das abordagens utilizadas na escola, nas aulas e competições escolares. “Nas vertentes esportivista, desenvolvimentista, psicomotora e saúde renovada, os

²⁴ A discussão sobre aluno/atleta/cidadão será feita no transcorrer desta dissertação.

currículos da Educação Física recorrem à fragmentação ou instrumentalização das práticas corporais para que os alunos se apropriem da gestualidade esportiva [...]” (Neira, 2016, p. 68).

Abordagens do conteúdo de esporte voltadas para perfis de trabalho desenvolvimentistas ou focados na saúde não são as indicadas para a escola, pois apresentam uma forte tendência para a exclusão e as desigualdades de oportunidades, reproduzindo o cenário que encontramos no esporte competitivo profissional de alto rendimento. No GEO Juan Antonio Samarach, são praticados, atualmente, os seguintes esportes: futebol, handebol, judô, tênis de mesa, xadrez, atletismo, natação (interrompida momentaneamente por um problema na estrutura física da piscina), voleibol, badminton e skate.

Figura 5 – Aula de Tênis de Mesa no GEO



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

O esporte, no GEO, precisa estar alinhado com alguns princípios que garantam o direito à diversidade e o respeito às diferenças. No entanto, existem correntes que negam os princípios democráticos das aulas. “A corrente tradicional da Educação Física, baseada no pensamento positivista, tem construído uma imagem de homem e sociedade atrelada aos princípios de rendimento, da produtividade, da concorrência, entre outros” (Saraiva, 2005, p. 32).

As tematizações dos esportes na Educação Física Cultural (Neira, 2016, 2018) são o contraponto dessa perspectiva positivista, que limita a participação de todos com protagonismos. O viés cultural busca, quando realizadas tematizações esportivas escolares, contribuir para a ampliação da cultura corporal dos discentes (Neira, 2016, p. 71-72). Pensar os esportes do ponto de vista cultural também não limita a participação em competições, contudo, é necessário entender como ocorrem essas participações.

De acordo com Altmann (2015) e Saraiva (2005), o esporte e a Educação Física escolar precisam avançar no que tange à oportunidade de todos em suas práticas. Dessa forma, é possível analisar que a tematização dos esportes em uma perspectiva cultural na escola pode fazer avançar as discussões que colaboram para a mitigação das desigualdades nas aulas de Educação Física e, no caso do GEO, nas aulas esportivas específicas.

1.1 As práticas e as possibilidades de inclusão, equidade e o direito à diferença

Esta seção consiste em uma proposta de diálogo entre o caso do GEO, pensando as possibilidades de diminuição das possíveis desigualdades oriundas do aumento da prática esportiva no currículo, e o artigo de Sepulveda e Sepulveda (2016) intitulado “As práticas e as políticas curriculares de inclusão e o direito à diferença”. Essa reflexão se torna importante para a ampliação das discussões em torno do direito de todas as pessoas, independente dos corpos, dos gêneros, da raça, da cor, de ter acesso a todas as atividades da escola, participando e sendo protagonista.

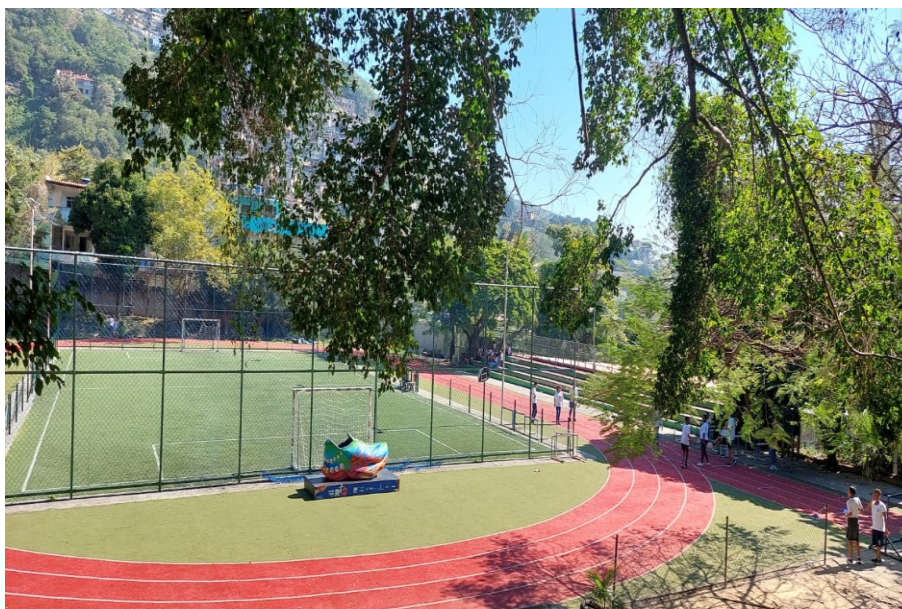
Segundo Sepulveda e Sepulveda (2016, p. 1260), o direito das chamadas minorias sociais, que, na verdade, são minorizadas por uma perspectiva social e histórica, em geral, sendo os corpos não hegemônicos, muitas vezes, não é respeitado, principalmente por conta das forças conservadoras que existem nas várias esferas sociais, não sendo diferente nas escolas.

As escolas vocacionadas ao esporte, ao ampliarem o currículo com treinamentos esportivos, precisam estar estruturadas com o sentido social de tematizações do esporte que pretendam romper com os princípios conservadores existentes na Educação Física e que são reproduzidos no esporte (Altmann, 2015; Devide, 2017; Brito, 2015). Aulas com o conteúdo esporte não devem priorizar apenas a aquisição de habilidades motoras específicas, mesmo que elas também sejam importantes. “É por meio da tematização das práticas corporais que docentes e estudantes acessam diferentes discursos, representações e produzem novos significados com relação à cultura corporal” (Nunes; Neira, 2017, p. 472).

Ressalto que os alunos do GEO entram na escola no 6º ano do Ensino Fundamental, vindo de escolas que, possivelmente, não desenvolviam esportes como em uma escola vocacionada. Dessa forma, esses estudantes, ao ingressarem na unidade, cursam quatro anos escolares, obrigatoriamente, fazendo aulas de modalidades esportivas e, possivelmente,

participando de competições escolares externas. O Geo Juan Antonio Samaranch possui currículo e estrutura diferenciada das demais escolas da rede, como é possível observar na figura a seguir, na qual aparece o campo de grama sintética e a pista de atletismo vistos da entrada da escola. É fundamental que essas escolas vocacionadas tenham propostas para que não haja uma desmotivação nesse percurso, principalmente dos menos habilidosos e dos corpos que, geralmente, são excluídos das atividades esportivas. De acordo com Altmann (2015) e Auad (2006), o esporte não é tão estimulado e bem visto na sociedade para as meninas como é para os meninos.

Figura 6 – Vista da entrada do Geo Juan Antonio Samaranch



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Outra questão não menos importante é a dxs alunxs que apresentam o comportamento ou performatividade de gênero fora do padrão normativo. O esporte pode não ser o espaço mais acolhedor para esses corpos, visto que o universo das modalidades, normalmente, padroniza certos tipos de expressões bem características da dualidade do masculino e feminino heteronormativo.

Nesse sentido, é possível observar que, nos últimos anos, atletas gays e transexuais foram vítimas de sérios atos de preconceitos vindos de jogadorxs, torcedorxs e federações. O atleta Douglas Souza, do voleibol, relatou, no ano de 2021, ter sido vítima de homofobia em um aeroporto quando viajava com seu namorado²⁵. Outro caso emblemático foi da jogadora

²⁵ Douglas Souza diz ter sofrido homofobia em aeroporto na Holanda ao viajar com namorado. **G1**, 08/09/2021.

Tiffany Abreu, também da modalidade vôlei, primeira atleta trans da Superliga. A atleta foi vítima de diversas falas e movimentos preconceituosos sobre sua participação nas competições²⁶. Recentemente, algumas federações reforçaram o posicionamento desfavorável à participação de jogadorxs trans nas competições. Tiffany Abreu comentou, com indignação, a proibição da participação de mulheres trans pela federação internacional de atletismo²⁷. A federação internacional de xadrez foi outra a seguir a mesma linha da proibição de atletas mulheres trans nos torneios femininos²⁸. Os esportes vôlei, atletismo e xadrez fazem parte das modalidades curriculares do GEO. Dessa forma, a escola torna-se um lugar fundamental para ressignificação desses esportes como espaços plurais, caso contrário, possivelmente, seguirá a mesma lógica opressora. Sobre isso Sepulveda e Sepulveda (2016, p. 1260-1261) afirma que:

[...] o caso da comunidade LGBTIS (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Intersexuais e Simpatizantes), que recentemente vem sofrendo reveses dos conservadores políticos. Avanços e retrocessos ainda marcam a sua história. Entretanto, nesse contexto, muitxs jovens homossexuais ou aquelexs que apresentam um comportamento de gênero diferente da norma padrão, vêm sofrendo maus tratos na escola. São vários os casos de gayfobia e lesbofobia ocorridos nas escolas brasileiras que vêm influenciando nas tessituras identitárias de todxs xs estudantes.

Essas formas de preconceito e opressão acabam por desrespeitar o direito às diferenças. Questões que envolvem gêneros e sexualidades podem acabar influenciando também as possibilidades de praticar esporte na escola. Até hoje, existem os estigmas de que meninas não podem jogar futebol ou mesmo que as danças, ginásticas e nado artístico não são para os meninos. Em alguns casos, as meninas que gostam de jogar futebol, por exemplo, acabam sofrendo preconceito relativo a algo que envolve sua sexualidade. No entanto, é sabido que as identidades de gêneros estão sempre se construindo e se transformando (Louro, 2014), o que em nada tem relação, diretamente, com uma afeição por qualquer modalidade.

Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/09/08/douglas-souza-diz-ter-sofrido-homofobia-em-aeroporto-na-holanda-ao-viajar-com-namorado.ghml>. Acesso em: 26 ago. 2023.

²⁶ Relembre o caso Tiffany, primeira atleta trans a disputar a Superliga. **Lance**, 03/04/2019. Disponível em: <https://www.lance.com.br/galeria-premium/tiffany.html>. Acesso em: 26 ago. 2023.

²⁷ Tiffany repudia proibição de trans no atletismo: “Exclusão de mulheres”. **GE**, 24/03/2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/atletismo/noticia/2023/03/24/tiffany-repudia-proibicao-de-trans-no-atletismo-exclusao-de-mulheres.ghml>. Acesso em: 26 ago. 2023.

²⁸ Federação de xadrez decide vetar a participação de mulheres trans em torneios femininos. **UOL**, 18/08/2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/agencia/2023/08/18/federacao-de-xadrez-decide-vetar-participacao-de-mulheres-trans-em-torneios-femininos.htm>. Acesso em: 26 ago. 2023.

Essas são manifestações de preconceitos construídas socialmente. Sobre isso, as construções e desconstruções das identidades de gêneros, Louro (2014, p. 32) diz que:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo com masculino ou feminino, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe [...].

Desconstruir esses marcadores de preconceito, através de um esporte que esteja a serviço da democracia e da cultura corporal, pode ser uma contribuição importante das escolas vocacionadas. O GEO promove aulas de esporte para todxs matriculadxs na escola, possibilitando que mais meninas possam vivenciar o esporte, inclusive, participando de competições. As questões que envolvem as sexualidades dxs alunxs também não impedem que participem de todas as atividades do GEO. No quesito de participação, o GEO parece cumprir, em grande parte, sua função de democratizar as práticas de esporte. Nesse ponto, ressalto que não estou, ainda, discutindo uma ruptura com relações de poder, trabalho contra-hegemônico ou um currículo decolonial. Apenas, evidencio que mais pessoas com corpos considerados fora do padrão socialmente aceito ou as desigualdades de gêneros são mitigadas pela maior possibilidade de vivenciar a prática esportiva. Mais uma vez, ressalto que essa pluralização se refere à questão da vivência prática.



Fonte: Escola Alemã Corcovado²⁹, 2024.

O GEO é uma escola de tempo integral com um currículo que coloca os corpos em movimentos em extrema evidência. É natural que essas construções, desconstruções, arranjos e desarranjos aconteçam diariamente, especialmente na Educação Física e no esporte (aulas de treinamento). Sepulveda e Sepulveda (2016) alertam para a questão da habilidade que algumas escolas têm de criar alternativas emancipatórias e outras não. Essa estrutura de trabalho acaba sendo pactuada pelo corpo docente e a comunidades escolar.

Em muitas escolas são tecidas práticas hierárquicas que invisibilizam os diferentes conhecimentos e culturas, pois só é considerado válido o saber desenvolvido pela ciência e pela cultura ocidental branca e burguesa. Contudo, em outras instituições escolares são tecidas práticas curriculares emancipatórias que reconhecem os diferentes conhecimentos e culturas e contribuem para a horizontalização das relações, possibilitando assim a tessitura de uma justiça cognitiva considerada como condição fundamental para a tessitura da justiça social (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p. 1263).

Essas práticas curriculares são impactadas pelas orientações oficiais, oriundas das coordenadorias e secretarias, de acordo com as políticas públicas. Essas políticas vêm avançando no que tange ao direito da inclusão. Contudo, elas ainda não dão conta da pluralidade de todos os corpos e sujeitxs, deixando de lado muitas das diferentes identidades, diversidades e diferenças (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p. 1264). Cabe uma profunda análise

²⁹ Disponível em: <https://www.eacorcovado.com.br/noticia/turmas-5-8/ix-copa-corcovado-de-futebol-feminino>.

de como o GEO, em suas práticas curriculares e no impacto direto nos sujeitos, vem dando conta desse direito às diferenças.

2 QUESTÕES DE GÊNEROS NA ESCOLA VOCACIONADA: O CORPO EM EVIDÊNCIA

A escola é um espaço de construções e convívio social. As escolas vocacionadas ao esporte, como o modelo do GEO, produzem maior exposições dos corpos nas constantes atividades físicas e esportivas da sua matriz curricular. Esses corpos em evidência fazem a experiência escolar do GEO, possivelmente, ter ampliada contribuição para a manutenção ou desconstrução dos lugares esperados na norma da sociedade patriarcal e heteronormativa para meninas e meninos. É comum nas escolas que, de certa forma, os espaços de livre circulação sejam reservados para os meninos, como se isso fosse natural ou a ordem das coisas (Louro, 2014, p. 64).

A luta dos grupos subordinados que clamam pelo reconhecimento dos seus direitos é tema central na composição de espaços que legitimem as diferentes culturas. Entendendo a escola como um desses ambientes, abordar a questão da diferença é fundamental para a valorização e solidarização com outrem, porém, em tempos de recrudescimento de valores conservadores, artistar um currículo de Educação Física sob a cunha da diferença não é uma tarefa de pouca monta. O trabalho pedagógico inspirado nesse princípio realiza a ação contra-hegemônica de desestabilizar o privilégio das práticas corporais elitizadas, abrindo fendas para a penetração de saberes oriundos de outros setores da malha social. Tal princípio impede a perpetuação da perspectiva monocultural, ou seja, a premência de uma só visão de mundo (Nunes; Neira, 2017, p. 471).

No ambiente escolar, aprende-se como se movimentar, a forma de ser aceito ou não, se você é popular ou impopular, se, nas aulas de Educação Física, você é um destaque ou não, se seu corpo é forte, rápido, flexível ou não. Todos os envolvidos nesses movimentos de deslocamentos vão constituindo, de certa forma, suas identidades “escolarizadas” (Louro, 2014, p. 65).

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e descentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar; fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença (Louro, 2014, p. 65).

Segundo Laraia (2001, p. 17), “[...] os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais”. Ainda, segundo o

autor, citando Felix Keesing, “[...] não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana “normal” pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado” (Laraia, 2001, p. 17).

O GEO, uma escola de tempo integral, é um importante local, onde as identidades estão sendo, constantemente, construídas e reconstruídas. As práticas esportivas ampliadas podem ativar dispositivos de poder, os quais, possivelmente, negam as diferenças ou as deslocam para um plano de abjeção.

Sobre os dispositivos de poder na obra de Foucault, as autoras Silva e Sousa (2013) fazem essa introdução ao conceito:

Após a obra *Arqueologia do saber* (1969), Michel Foucault inicia nova problemática de pesquisa focada na preocupação do saber para o poder, marcando a passagem da sua fase arqueológica para a genealógica. É nesta fase que o conceito de dispositivo se torna uma noção importante nas análises foucaultianas, já que, antes disso, o filósofo estava centrado na análise do objeto episteme. Na fase genealógica, Foucault introduz as análises do poder e tem como objeto o dispositivo. A episteme e o dispositivo são práticas, sendo que a primeira é uma prática exclusivamente discursiva, enquanto a segunda inclui também as práticas não-discursivas (Silva; Sousa, 2013, p. 86).

A forma, normalmente, disciplinar do esporte competitivo ou Esporte Performance colocado por Tubino (2011) é um dispositivo de poder que pode acabar moldando ou formatando os corpos. Essa forma de fabricar ou moldar os sujeitos através da disciplina, em geral, nega as diferenças. “Se considerarmos que a escola (ao lado da família) foi responsabilizada pela formação de sujeitos para esta sociedade, falhará qualquer iniciativa de construção de uma experiência educativa que desconsidere a presença da diferença” (Nunes; Neira, 2017, p. 465).

A disciplina “fabrica” indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante [...]; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se o compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos de Estado (Foucault, 1987, p. 153 *apud* Louro, 2014, p. 67).

Diante disto, é possível pensar que a herança cultural, os mecanismos de controle e poder, o carisma e a repetição aprendida de um *modus operandi* desigual entre meninos e meninas é algo extensivo a professores e professoras. Instituições de formação, modelos sociais de relacionamento e sucesso são marcadores socioculturais de prestígio que formam a

base de uma cultura social, que, no caso do Brasil, ainda, é fortemente influenciada pela religião e pela castração moral, sobretudo, das mulheres e de pessoas que se declaram em alguma esfera da comunidade LGBTQIA+. Ainda de acordo com Laraia (2001), o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, chamado de endoculturação. Na visão do autor: “[...] um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada” (Laraia, 2001, p. 20). Esta educação diferenciada cria espaços distintos de ação, protagonismo, reconhecimento e poder, que podem estabelecer realidades, utopias ou as chamadas heterotopias, conceito que examinaremos um pouco melhor adiante (Ramos; Coelho, 2021).

Segundo Foucault, as “Heterotopias” são os espaços criados pela humanidade para o incompatível, o outro lugar, fora da utopia humana. De certa forma, o lugar de menor prestígio de mulheres, meninas, e da comunidade LGBTQIA+, no âmbito das atividades físicas e esportivas, é uma heterotopia, já que a utopia foi, historicamente, pautada na figura e na potência masculina. Para Laraia (2001), a antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra, a questão da diferença reside na visão cultural e histórica das sociedades sobre o papel e o reconhecimento de valor dos gêneros. Se esta é uma visão construída, pode, certamente, ser substituída por uma nova, uma nova realidade concreta de igualdade e de respeito (Ramos; Coelho, 2021). Essa construção cultural acontece, explicitamente, nos corpos e ou sobre os corpos. Dessa forma, todas as práticas exercidas sobre os diferentes corpos, individualmente ou de forma coletiva, colaboram com esses processos construtivos (Daolio, 2013, p. 74).

Para Deleuze (2006), a diferença não deve ser afirmada a partir da identidade ou da negação, mas da afirmação da própria identidade da diferença, estando ela na primeira esfera das relações. Segundo o autor, “Tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, pois, a tarefa da Filosofia da diferença” (Deleuze, 2006, p. 57).

A diferença cultural, concebida como uma prática discursiva atravessada por relações de poder, inviabiliza pensar a educação e, principalmente, o currículo escolar, como meras questões técnicas, postas e pensadas a priori por especialistas. É preciso descentrá-las, esgarçá-las, produzi-las na diferença. Procurando entrelaçar o viés cultural com a perspectiva da filosofia da diferença de Gilles Deleuze, passamos a privilegiar o pensamento enquanto diferença pura e não como o modo representacional que caracterizou a filosofia ocidental. Nesta, o pensamento é atrelado à imagem, à representação, à re-cognição, algo como o reflexo da realidade (Nunes; Neira, 2017, p. 465-466).

“A temática da diferença é central na filosofia de Deleuze. Na visão do autor, a diferença é o elemento primordial do pensamento que, submetido aos limites da

representação, é apenas reconhecimento e não ação” (Nunes; Neira, 2017, p. 467). Segundo Brito (2015), sobre o reconhecimento das diferenças e a importância da compreensão que a negação da sua existência é caminho das desigualdades e das exclusões nos espaços escolares:

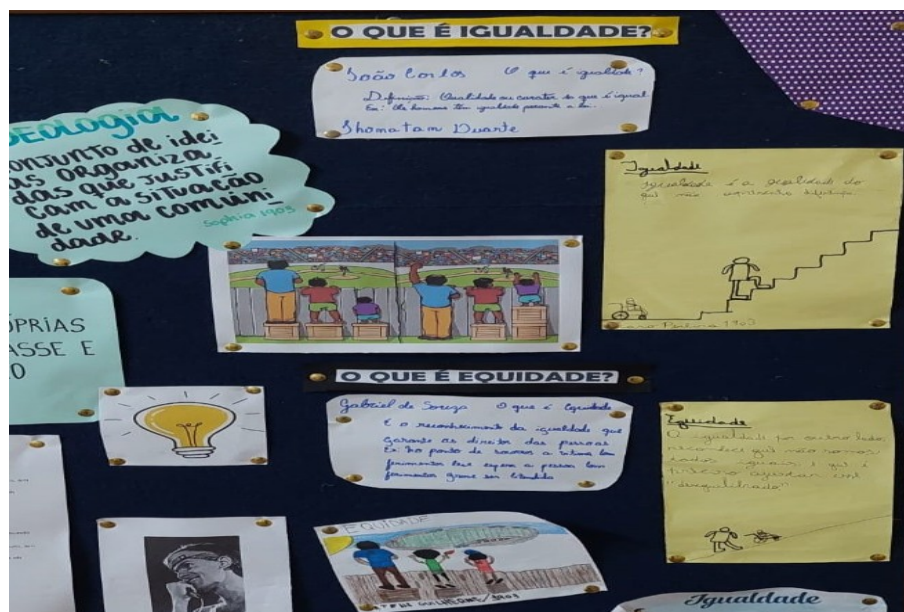
Reconhecer as diferenças no espaço escolar nos remete a pensar em uma educação livre de normatizações e de regulações sociais, muitas vezes impostas nos diferentes processos de identificações das/dos estudantes. As questões de gênero ocupam um lugar central nestas discussões, pois estão no cotidiano da escola e as estratégias educacionais acabam sendo também atravessadas por elas, sejam em direção às desigualdades e exclusões, como muitas vezes se vê, mas também para promover deslocamentos nos modelos mais “tradicionais” de masculinidade e feminilidade (Brito, 2015, p. 72).

Contudo, muitas vezes, as escolas parecem representar lugares que agem na manutenção das performatizações normatizadoras e generificadas. No caso dos GEOs o esporte pode constituir, também, esse lugar da norma. “Reproduzir concepções e discursos enraizados ao instituir posições e lugares fixos para alunos e alunas, masculino e feminino tem feito parte dos mais variados cotidianos escolares, através de planejamentos, estratégias e ações pedagógicas” (Brito, 2015, p. 87). Nunes e Neira contribuem afirmando a importância de pensar uma educação escolar pautada nas diferenças culturais.

A escola contemporânea é um espaço de direito de todos/as, onde os estudantes possam ter reconhecidas suas singularidades e fomentadas suas potencialidades, no entanto, devido a seu enraizamento moderno, a escola muitas vezes acaba por desvalorizar e apagar as diferenças. Pensar uma educação pautada no viés da diferença cultural passa a ser de fundamental importância para que possamos olhar para os estudantes e vê-los como seres singulares, com suas particularidades e potencialidades (Nunes; Neira, 2017, p. 465).

A escola é local de discussões importantes das diferentes questões sociais e culturais. Estimular os diferentes debates sobre temas que visam à democracia e à igualdade de oportunidade se torna fundamental. Vemos, na imagem a seguir, um mural produzido pelas turmas do GEO Samaranch. Ações pedagógicas como esta são extremamente positivas para a ampliação do conhecimento dos alunos.

Figura 8 – Mural da escola com as temáticas de igualdade e equidade



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

O sentido social da ação pedagógica escolar é fundamental no currículo cultural. Abrir possibilidades para os discursos silenciados e os corpos tidos como fora do padrão são desafios das práticas esportivas do GEO. O princípio da equidade, nesse contexto, é, fundamentalmente, a possibilidade de que todxs vivenciem as diferentes manifestações dos esportes tendo suas subjetividades respeitadas. Ser estudante de uma escola vocacionada ao esporte precisa ser a oportunidade para o acesso ao esporte tematizado culturalmente em todas as suas possibilidades. Nesse caso, não apenas praticar esportes em um nível competitivo, mas sim vivenciar possibilidades de questionamentos das diversas formas de opressão oriundas dos padrões produzidos pelo alto rendimento e da pressão exercida pela hipercompetitividade. Talvez, ao vivenciar as competições esportivas, produzir experiências que valorizem as diferenças e as experiências coletivas de corresponsabilidade.

O currículo cultural valoriza o estudo de práticas corporais que possuem lastro social, sentido e significado para os grupos que delas participam. Os grupos vistos como diferentes também têm suas formas de manifestação elencadas como objetos de estudo e, conseqüentemente, suas características e peculiaridades se farão representar, abrindo possibilidades para que suas vozes, por vezes silenciadas, ecoem e influenciem a constituição da subjetividade dos estudantes e professores (Nunes; Neira, 2017, p. 472).

As questões das diferenças são tratadas como prioritárias nas escolas quando as ações pedagógicas, os currículos, os projetos, as aulas são pensados e desenvolvidos para dar conta das diversidades e pluralidades de experiências, identidades e subjetividades ali existentes.

Contudo, o esporte pode ter o poder de colocar todas as diferenças muito próximas nas condições de protagonismo. Nesse caso, como defendido por Brah (2006), pode ser contingente observar que alguns processos das diferenças podem não resultar em opressão ou desigualdade, visto que algumas modalidades esportivas produzem vencedores por características de aptidão física ou habilidades motoras específicas. Dessa forma, pessoas que, geralmente, são marginalizadas podem ter sucesso esportivo por esses valores nessas valências do esporte.

O conceito de diferença, então, se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e resignificados. Algumas construções da diferença, como o racismo, postulam fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como inerentemente diferentes. Outras construções podem apresentar a diferença como relacional, contingente e variável. Em outras palavras, a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política (Brah, 2006, p. 344).

De qualquer forma, mesmo diante de possíveis valorizações de corpos não hegemônicos por suas habilidades esportivas, as diferenças produzidas nas aulas de Educação Física e de esporte escolar são atravessadas pelo emaranhado de preconceitos e opressões de raça, gêneros, sexualidades, classes sociais e padrões estéticos de beleza.

De certa maneira, as diferenças que ressaltar anteriormente se relacionam e se misturam na vida social, daí termos que pensar nelas como interseccionais. Ao invés de refletir separadamente sobre raça, gênero ou sexualidade, podemos ver esses eixos de diferenciação do social como marcas da diferença, aquele rompimento normativo que coloca em xeque os ideais que uma sociedade cria sobre si mesma (Miskolsi, 2016, p. 57).

Posicionar a escola GEO Juan Antonio Samaranch e o perfil dos alunos é entender esse local como uma escola pública localizada nos entornos das comunidades do Morro Dos Prazeres e Fallet-Fogueteiro, em Santa Teresa. De certa forma, a escola tem a característica de receber alunos de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro e até de municípios próximos. Contudo, prioritariamente, os estudantes da escola vêm do próprio bairro no qual a escola está localizada. Sendo assim, o perfil majoritário das famílias e alunos é de pessoas negras das classes populares. Nesse caso, estamos falando de corpos marcados pelo racismo.

Convém lembrar que, até recentemente, perspectivas feministas ocidentais, como um todo, deram pouca atenção aos processos de racialização do gênero, classe e sexualidade. Processos de racialização são, é claro, historicamente específicos, e diferentes grupos foram racializados de maneira diferente em circunstâncias

variadas, e na base de diferentes significantes de “diferença”. Cada racismo tem uma história particular. Surgiu no contexto de um conjunto específico de circunstâncias econômicas, políticas e culturais, foi produzido e reproduzido através de mecanismos específicos e assumiu diferentes formas em diferentes situações (Brah, 2006, p. 344).

Essa questão discutida por Brah (2006) sobre os processos de racialização impostos de formas diferentes para grupos diversos pode ser transportada para a realidade do GEO no intuito de analisar, de forma interseccional, as relações de poder que também envolvem gêneros e classe nas ações que colocam os corpos em evidência (Miskolsi, 2016). São diferentes possibilidades de relações produzidas pelas experiências nas aulas e competições esportivas. Nesse caso, é possível vislumbrar que não existe um grupo de estudantes do GEO para ser analisado, mas sim grupos diversos com experiências diversas nas diferentes possibilidades que a escola proporciona. Não é possível dizer, por exemplo, que meninas negras moradoras do Morro dos Prazeres, que fazem quatro anos de atletismo do 6º ao 9º ano, têm a mesma experiência de opressão de gênero ou de raça que uma menina nas mesmas condições que pratica xadrez. Cada modalidade esportiva pode trazer novos arranjos, que tratam as diferenças das mais diversas formas.

2.1 Corpo, poder e os esportes no GEO

Com Judith Butler, é possível dialogar pensando as diversas formas de opressão que envolvem, prioritariamente, as desigualdades de gêneros. Butler, em suas obras, trabalha o conceito de performatividade, seja no indivíduo e suas representações sociais, ou em grupos que produzem certa “performance”. Segundo a autora, em grupos, é possível promover uma “aliança entre os corpos”, uma forma social de resistência produzida por grupos vulneráveis e minoritários, que incorporam como princípio a ideia de agir junto e em condição de igualdade (Butler, 2018, p. 98). Nesse cenário de grupos, “[...] os corpos congregam, e se movem e falam juntos, reivindicando um determinado espaço como público.” (Butler, 2018, p. 80). Essas são experiências de subversão da hegemonia, tão necessárias nesse tempo. É possível que a escola seja esse espaço de subversão, fazendo parte desse movimento.

Torna-se fundamental observar o papel da Educação Física para o entendimento da função social da escola no debate sobre Estado e Sociedade. Esse é o componente curricular que coloca em evidência o corpo, este um instrumento caríssimo para as estratégias

hegemônicas de dominação. Nesse processo sócio-histórico, o corpo ou a dimensão corpórea do homem aparece como um elemento perturbador que precisa ser controlado pelo estabelecimento de um procedimento rigoroso (Bracht, 1999, p. 71).

Compreende-se, assim, que a própria ideia de uma Educação Física é uma construção social, tal como a noção de corpo que ela difunde por intermédio de seus profissionais. Em outras palavras, um trabalho com o corpo, de Educação Física ou não, que se preocupasse somente com a dimensão fisiológica que esse corpo inegavelmente possui, estaria desconsiderando que essa constituição orgânica, sendo a de um corpo humano, pode se expressar, em termos de sentido, de formas absolutamente diferentes em grupos diversos (Daolio, 2013, p. 74).

Pensar no corpo que fica em evidência nas escolas vocacionadas e na construção do chamado aluno-atleta-cidadão traz uma reflexão sobre que tipo de formação para cidadania se trata a propostas dessas escolas. De acordo com Daolio (2013, p. 80), a “[...] concepção de Educação Física como trabalho de preparação do cidadão está ancorada nas duas influências sofridas por ela no Brasil na sua história, a militar e a médica”.

Seguindo essa reflexão, também, é possível trazer a problemática das modalidades esportivas mais difundidas em nosso país como o futebol, futsal, handebol, voleibol, atletismo, tênis de mesa etc. Todas essas modalidades são categorizadas por masculinas ou femininas. As competições escolares respeitam essas categorias. Segundo Brito (2015), essa classificação que normatiza os sujeitos através dessas categorias de feminino e masculino reforça essa dicotomia de gêneros no espaço escolar e, de certa forma, nega as diferenças (Brito, 2015, p. 81).

Normatizar as atividades escolares para meninos e meninas, dividi-las e classificá-las em masculinas e femininas é hierarquizar os mais variados sentidos atribuídos ao gênero no espaço escolar, repetindo, de forma performativa, as concepções enraizadas nas tradicionais dicotomias já existentes (Brito, 2015, p. 81).

A questão da generificação das habilidades para a prática dos esportes escolares é construída nos cotidianos escolares, principalmente, quando as modalidades são diferenciadas por masculino e feminino (Altmann, 2015, p. 110). Algumas modalidades tematizadas no GEO Samaranch, em suas competições, são, geralmente, categorizadas por gênero, como o judô, o handebol, o futsal e o voleibol. Também, é interessante refletir sobre a importância, mesmo com todas essas questões, do GEO possibilitar que todos participem das atividades de esportes e das competições, pensando nas desigualdades de oportunidades que as chamadas minorias sociais têm no acesso ao esporte. Em geral, a prática esportiva é reservada aos meninos (Altmann, 2015; Saraiva, 2005).

Figura 9 – Espaço de aula da sala de Judô, atividade de luta do GEO



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

As desigualdades que envolvem gêneros e sexualidades na Educação Física e no esporte escolar vão além dessa dualidade da problemática de meninos e meninas. É comum que as pessoas LGBTQIA+ sofram ainda mais exclusões nas quadras esportivas e aulas de Educação Física. Com frequência, é negado o espaço esportivo para esses corpos, que não apresentam um comportamento esperado pela norma social. As brincadeiras, gozações e insultos acabam por tratar esses corpos como abjetos nas escolas, criando um ambiente hostil para essxs discentes (Louro, 2014, p. 72). É importante relembrar, como dito anteriormente, que as aulas com professorxs de Educação Física são os principais espaços na escola em que os corpos ficam expostos.

De acordo com Brito, citando Butler:

Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. Assimilar a definição de gênero à sua expressão normativa é reconsolidar inadvertidamente o poder da norma em delimitar a definição de gênero (Butler, 2014, p. 2014 *apud* Brito, 2015, p. 81).

Dessa forma, essa discussão é ampliada para a pluralidade dos corpos, dos gêneros e das sexualidades. Todas as construções das identidades, desconstruções e deslocamentos acontecem todo o tempo nas escolas. Na escola vocacionada, os corpos produzem poder de forma potencializada pelas diferentes representações impostas pelas práticas esportivas

ampliadas. Questões interseccionais, nessas produções de poder, podem estar mais visíveis em treinamentos que, por exemplo, sejam divididos e categorizados por gêneros. Tantas outras relações de poder podem marcar os corpos de meninas que performatizam expressões e gestos mais fortes e tidos como embrutecidos, que são exigidos em alguns esportes, como o futebol ou o atletismo. Sobre as relações de poder, o trabalho de Foucault, analisado por Ferreirinha e Raitz (2010, p. 382), colabora com a análise de que “[...] o poder não é só do Estado ou da soberania. O poder são as ações sobre as ações. O poder provoca ações que ora se encontram no campo do direito, ora no campo da verdade”.

Além das diversidades produzidas pelas diferentes expressões de gêneros e sexualidades, alunxs do GEO também experimentam as relações de poder implícitas e explícitas nas competições escolares que envolvem escolas particulares. Alunxs negrxs de periferia dividem os espaços competitivos com adolescentes de outras realidades sociais e econômicas. Assim, é possível que as desigualdades estejam mais visíveis nessas experiências proporcionadas pelo GEO.

Perceber raça, gênero, orientação sexual e classe como categorias conectadas e suas ações no interior dos conflitos engendrados nos espaços educacionais, assim como sua considerável complexidade durante as aulas de Educação Física, pode ser um avanço necessário no sentido de tornar visíveis as desigualdades que se impõem cotidianamente no interior da disciplina (Aua; Corsino, 2018, p. 8).

Segundo Louro (2014, p. 76), as disciplinas escolares trabalham na construção das identidades de gêneros, muitas vezes, de forma não explícita pelo poder do discurso. De acordo com a autora, na Educação Física, fica mais clara essas construções generificadas. O processo histórico, já discutido anteriormente, acaba justificando esse olhar biológico de organização das práticas esportivas da disciplina, naturalizando as distinções, divisões e exclusões (Louro, 2014, p. 77). É preciso problematizar como essas práticas propostas no eixo esporte da escola funcionam nas representações no ambiente escolar.

Problematizar significa exercer uma análise crítica dos modos como as práticas corporais são realizadas e discursadas. Em outras palavras, é o desafio que o docente lança aos estudantes para que pensem sobre os aspectos que não haviam sido percebidos de maneira crítica, apesar de constituírem as situações vividas. Assim, docentes e estudantes, ao problematizarem as representações postas em circulação, fomentam análises cada vez mais profundas e acessam diferentes saberes, possibilitando a construção de sínteses coletivas (Nunes; Neira, 2017, p. 473).

O corpo dx chamadx aluno-atleta-cidadão do GEO pode ser um corpo marcado pelas representações das desigualdades oriundas das possíveis divisões e exclusões do esporte. No

entanto, são diferentes e diversas as experiências dxs alunxs. As produções de poder nas aulas de Educação Físicas e esportes promovem um certo conceito de pertencimento às modalidades esportivas, criando uma zona de proteção e algum respeito as diferenças, principalmente, se houver aptidão e bom desempenho nos esportes. Contudo, opressões e manifestações de preconceitos de gêneros, classes, raça e sexualidades não deixam de acontecer no seio das atividades esportivas da escola.

2.2 Estado da arte

Esta pesquisa consiste em um estudo que envolve as questões de gêneros, das diferenças, das desigualdades, focalizado no eixo esporte da escola vocacionada ao esporte Juan Antonio Samaranch. Iniciei a busca pelo estado da arte realizando uma pesquisa nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), buscando pesquisas sobre o GEO. Nessa busca, fiz três tentativas com os nomes que já representaram esse modelo de escola, sendo eles: Ginásio Experimental Olímpico; Escola Municipal Olímpica Carioca; Ginásio Educacional Olímpico. Nessas pesquisas, encontrei seis trabalhos que envolveram alguma escola desse modelo. No entanto, nenhum dos trabalhos dialogava com as temáticas propostas nesta dissertação. Foram encontrados artigos voltados, exclusivamente, para mensurações de performance esportiva e/ou física dos alunxs. Como exemplo, verificamos o artigo intitulado “Análise de variáveis antropométricas de praticantes de corrida de 100 metros no Ginásio Experimental Olímpico (GEO) da prefeitura do Rio de Janeiro: um estudo retrospectivo” (Machado Filho *et al.*, 2019). Esse estudo teve como objetivo identificar a efetividade de um treinamento aplicado pelo GEO sobre a aptidão física de estudantes praticantes da modalidade de corrida de 100 metros do Atletismo. Considerei tal trabalho com pouco alinhamento diante das discussões que pretendo travar nesta dissertação.

Diante do resultado dessa pesquisa inicial, seguindo a procura por pesquisas relacionadas com os temas centrais desta produção, encontrei a dissertação produzida por Carmo (2019). Em sua pesquisa intitulada “O que dizem os alunos sobre o ginásio experimental olímpico (uma escola de tempo integral vocacionada para o esporte)”, o autor focaliza os discursos produzidos sobre a importância desse modelo de escola pelxs alunxs da unidade escolar GEO Félix Mielli Venerando, segunda escola vocacionada ao esporte do município do Rio de Janeiro, localizada no bairro do Caju, zona portuária. Carmo (2019)

categorizou a análise da sua pesquisa em “[...] qualidade na educação, relação com as práticas esportivas e professores marcantes”. Os resultados da pesquisa apontam para características das relações dos alunxs com a escola e com xs professorxs que demonstram maior proximidade e afetividade em comparação com as escolas em geral. Também, é relatado que, apesar da oferta de modalidades esportivas no currículo, não fica evidente que esse fato é crucial para uma inclinação na formação de atletas. O trabalho evidencia o bom resultado esportivo e acadêmico do GEO em relação a outras escolas da rede municipal. Contudo, traz uma perspectiva de falta de investimento nesse equipamento público durante os anos de existência.

Para dar continuidade a análise do estado da arte, fiz uma relação sobre a investigação de Carmo (2019) nos estudos sobre o GEO e a sistematização da proposta do currículo cultural da Educação Física (Neira, 2018). Essas são questões chaves para as discussões e discursos que foram trabalhados nesta dissertação. Em sua pesquisa, o professor Fabrício Xavier do Carmo disserta sobre alguns trabalhos interessantes, como: Ginásio Experimental Olímpico Juan Antônio Samaranch: uma nova proposta educacional (Barbosa, 2014), A centralidade do esporte e a ampliação da jornada escolar para o tempo integral no contexto do Ginásio Experimental Olímpico/RJ (Costa, 2016), Organização e clima escolar de uma escola de tempo integral vocacionada para o esporte: o Ginásio Experimental Olímpico no Rio de Janeiro (Fonseca, 2017), Esporte nas escolas de tempo integral no Brasil: analisando o Ginásio Experimental Olímpico (Costa, 2017), Projetos esportivos e escolares dos alunos atletas do GEO – Ginásio Experimental Olímpico: escola vocacionada para o esporte da cidade do Rio de Janeiro (Vieira, 2018).

Barbosa e Osborne (2014) dedicaram sua pesquisa a “[...] analisar a proposta curricular da escola, a fim de conhecer a proposta educacional, e de que forma se daria a conciliação do esporte competitivo e o esporte educacional” (Carmo, 2019, p. 10). De acordo com Carmo (2019) analisando Costa (2016), essa pesquisa buscou a compreensão da lógica educacional do GEO em relação à dinâmica de Educação Integral. O estudo concluiu que o modelo escolar “[...] utilizava o esporte de alto rendimento com o objetivo de descobrir talentos esportivos, de forma alienante, reforçando os valores de consumo da indústria cultural esportiva” (Carmo, 2019, p. 10). As pesquisas de Fonseca (2017), Costa (2017) e Vieira (2018) deram luz a um clima escolar positivo, a oportunidade da valorização de alunxs talentosxs esportivamente e a valorização do esporte com eixo central no currículo, respectivamente (Carmo, 2019, p. 10-11).

Uma questão que aparece em alguns desses trabalhos descritos acima, quando analisam a estrutura dos GEOs, inclusive em termos de investimentos de recursos, é uma certa degradação dos espaços conforme os anos vão passando. Pensando que a escola Juan Antonio Samaranch foi inaugurada há mais de 10 anos e que já passaram 8 anos dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, as pesquisas já demonstram a falta de investimento nesses equipamentos. Quando estive na função de Diretor Adjunto da escola, no ano de 2021, presenciei de perto a dificuldade para realizar a manutenção dos espaços da escola. Um caso grave era a condição da piscina que havia na escola, como mostra a comparação das duas imagens abaixo, nesse caso, impedindo a realização da modalidade de natação.

Figura 10 – Piscina do GEO Samaranch antes



Fonte: Blog do GEO, 2013³⁰.

³⁰ Disponível em: <https://geojuanantoniosamaranch.blogspot.com/p/esportes-no-geo.html>.

Figura 11 – Piscina do GEO Samaranch depois



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

A tematização dos esportes proposto por Neira (2016, 2023) dialoga, como conceito, com uma Educação Física que preza pelo respeito as diferenças, pela equidade de gêneros, a coeducação e a redução das desigualdades. No capítulo intitulado “Estado da arte” (Neira, 2018, p. 19-20), o autor disserta sobre os caminhos percorrido nas pesquisas acerca do currículo cultural da Educação Física. Segundo o autor, o capítulo apresenta um mapa dos trabalhos que anunciam os saberes elaborados pelos professores e professoras, que colocam em ação o currículo pós-crítico da Educação Física (Neira, 2018, p. 19). De acordo com o pesquisador, as pesquisas focalizadas nesse conceito apareceram de forma embrionária nos anos de 2005 e 2006. Sobre as questões que envolvem gêneros, ponto central de nossas discussões, Neira relata que:

Entre os trabalhos que problematizaram o gênero enquanto marcador social da diferença, Castro *et al.* (2016) reposicionaram a mulher na prática do futsal em uma escola do interior da Bahia. Nascimento (2017) problematizou as representações da queimada. A visão sexista que permeava a brincadeira foi deslegitimada através de atividades que indagaram a formação das equipes, confecção dos uniformes, formas de disputa e classificação baseada no desempenho (Neira, 2018, p. 23).

De acordo com o autor, Nunes e Neira (2017) trabalharam na resignificação da noção de diferença através da leitura de Gilles Deleuze. O artigo produzido tratou de explicar que “[...] a diferença está contida na identidade e, ao mesmo tempo que a constitui, a desestabiliza. Pedagogicamente falando, não há identidade sem diferença e vice-versa” (Neira, 2018, p. 24).

2.3 O currículo vocacionado no eixo esporte e as relações de gêneros

A Educação Física no GEO, como já foi dito, ganha um caráter de grande protagonismo no currículo, passa dos tradicionais dois tempos de aula das escolas de currículo básico para um total de dez tempos com professorxs de Educação Física, podendo, ainda, ser ampliado em mais dois tempos, dependendo da disciplina eletiva que essx alunxs escolher. No que se refere à garantia da igualdade de oportunidade e protagonismo para todos os alunxs na escola, fica evidente que é necessário ter um olhar para as práticas curriculares e as relações de gêneros. Além das desigualdades de gêneros, muitas questões que envolvem os imbricamentos entre raça e classe social também são fundamentais para o debate das desigualdades na sociedade, na escola e na Educação Física.

É possível vislumbrar a possibilidade de a escola colocar-se como fator social construtivo (Fernandes, 1966), sendo importante elemento de transformação da realidade. Ainda, destaca-se que o espaço escolar também é atravessado por forças dominantes que impõe a manutenção hegemônica. Essa ampliação das aulas de Educação Física no GEO ocorre através do conteúdo esporte, que ganha o nome de treinamento esportivo nessas unidades escolares.

Figura 12 – Alunxs no espaço da quadra esportiva do Geo



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

No que se refere, especificamente, às questões das desigualdades de gêneros, que constituem o principal objeto dessa pesquisa, é fundamental analisar a conjuntura dos últimos anos, principalmente pelo avanço do conservadorismo oriundo das movimentações políticas das últimas eleições. Essa movimentação política atravessou as práticas escolares e, até mesmo, diretamente, a ação docente, principalmente pelo movimento que ficou conhecido como Escola Sem Partido (Sepulveda; Sepulveda; Luz, 2016, p. 13).

Esse atravessamento conservador na prática docente é um risco para o avanço das medidas que buscam ressignificar a escola como um espaço mais equitativo e libertário. Enfrentar o conservadorismo, nesse caso, é, entre outras coisas, estimular o pensamento crítico da comunidade escolar sobre as diversas formas de preconceito. Esse enfrentamento passa por práticas curriculares de inclusão. Segundo Nunes e Neira (2017), o currículo produz sentidos e significados.

O currículo passa a ser um local onde as diferenças são traduzidas, uma tradução que modifica as particularidades de cada cultura, obrigando-as a negociar constantemente (...) O currículo é um modo de significação que produz sentidos para as pessoas e coisas do mundo. Em outras palavras, o currículo, enquanto discurso, cria realidades e inventa sujeitos discentes e docentes. (Nunes; Neira, 2017, p. 466).

Paulo Freire dialoga com esse trabalho na perspectiva crítica de pensar a sociedade, a escola e a Educação Física. Um olhar freiriano para todas às questões discutidas é, sem dúvida, uma força que liberta, que considera a diversidade e enxerga com os olhos dos oprimidos. Para Bossler (2019), Paulo Freire é fundamental para pensar às práticas da Educação Física.

No âmbito cultural dos significados produzidos e compartilhados pela Educação Física Escolar, diferentes autores e autoras referem a Educação Libertadora de Paulo Freire a partir de uma possibilidade de mediação de suas possibilidades de interpretar e refletir criticamente a realidade e a vida dos professores e educandos em permanente diálogo, e da reconstrução de uma prática educativa que leve à ação transformadora, que é a práxis (Bossler, 2019, p. 24).

Pode-se elucubrar que, embora não tenhamos uma relação direta da cultura corporal do movimento com os estudos de Paulo Freire, verifica-se os aspectos críticos de sua obra nas diversas formas de pedagogias que romperam com o viés militarista e pouco preocupado com a integralidade dos sujeitos que, historicamente, constituíram a Educação Física. Desta forma, Bossler (2019, p. 25), completa:

A cultura corporal do movimento não foi tematizada pela Educação Libertadora de Paulo Freire, mas é possível identificar que os autores do campo da Educação Física Escolar adotam as possibilidades de leitura de mundo através de uma práxis de criticidade em relação aos aspectos compartilhados no cotidiano e potencializados na formação humanizadora do estudo da realidade.

Sobre o currículo, a cultura corporal pode estar valorizada nas aulas esportivas caso ampliem as possibilidades de participação e coeducação, não apenas reproduzindo as desigualdades produzidas historicamente pela Educação Física e pelo esporte-performance. Segundo Paraiso (2016), a escola precisa fazer alguns movimentos construtivos importantes. “[...] para mobilizar “agenciamentos” possibilitadores do aprender em um currículo é necessário desaprender e “desfazer-nos” de todo um sistema de raciocínio generificado que tem sido acionado nos currículos e que diferenciam, hierarquizam e excluem na escola” (Paraiso, 2016, p. 209).

Esse currículo precisa estar comprometido com a garantia do direito às diferenças. No caso específico da Educação Física, principalmente do esporte, é necessário subverter a lógica histórica que classifica, generifica, separa e exclui os sujeitos. Sendo esses processos de exclusões, em geral, marcados nos corpos não hegemônicos.

Pensar uma pedagogia da diferença no currículo cultural da Educação Física exige, no terreno empírico, um olhar atento à diferença cultural e, no âmbito do pensamento, a criação de novas maneiras de se relacionar com o trato pedagógico das práticas corporais, rompendo com a lógica instituída na escola, ou seja, a fixação de identidades através da aprendizagem baseada na reprodução (Nunes; Neira, 2017, p. 475).

Para compreender o eixo esportivo da escola de forma mais ampliada, realizei uma entrevista semiestruturada com a Coordenadora Esportiva do GEO. Conversamos por cerca de quinze minutos durante uma das visitas que fiz à unidade escolar. Sobre esse método de entrevista, Boni e Quaresma (2005, p. 75) dizem que:

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

A coordenadora aceitou, prontamente, o convite para participar da entrevista, apesar do dia conturbado que estava tendo na escola. Durante essa visita, antes da entrevista, fomos interrompidos algumas vezes com solicitações para que a entrevistada resolvesse problemas cotidianos da escola. Vale ressaltar que o GEO possui duas coordenações, uma pedagógica e outra chamada de esportiva. Nesse caso, foi possível observar que essas duas coordenações se revezam nessas inúmeras situações que acontecem na escola, como conflitos entre alunxs e substituição de professorxs faltosxs. Contudo, fica sob a responsabilidade da Coordenação Esportiva toda a organização do eixo esporte, incluindo reuniões semanais com professorxs treinadorxs e organização/acompanhamento nas competições.

Na entrevista, busquei informações relevantes para esta pesquisa, que colaborassem com o entendimento da dinâmica escolar, das aulas e competições em relação às questões das desigualdades e respeito às diferenças. Perguntada sobre o papel da escola de oportunizar que pessoas mais vulnerabilizadas tenham acesso ao esporte, a Coordenadora respondeu:

Acho que o papel social da escola é, primeiro, possibilitar para todos a mesma oportunidade de vivências. Então, uma escola vocacionada para o esporte, dentro de um local com diversas comunidades no entorno, ou seja, jovens com uma classe social bem desfavorecida, uma classe econômica também mais desfavorecida do que os locais que geralmente têm projetos de esporte, possibilita que eles encontrem, dentro da educação e do esporte, um caminho de, ou ascensão social, ou de novas possibilidades para escolhas de vida, ou de visualizar um futuro dentro de alguma profissão ligada ao esporte, ou de encontrar nos valores que vêm do esporte, mesmo não se tornando um atleta, não se tornando uma pessoa que vai trabalhar no esporte, caminhos que tragam respeito, cooperação, coletividade, respeito às diferenças, para que todos saiam ganhando, sendo atleta ou não (Coordenadora, grifos do autor, 2024).

A fala da Coordenadora Esportiva sobre essa questão do acesso ao esporte traz um dualismo muito presente no GEO, que pude experimentar quando estive nesta mesma função de Coordenador e como Diretor Adjunto da unidade. O esporte tenta atender as expectativas de, talvez, revelar talentos esportivos, mas também tenta desenvolver o esporte com possibilidade de inclusão e oportunização para mais pessoas, de certa forma, colaborando com uma perspectiva mais plural. Contudo, essa relação é difícil e, por vezes, o nível elevado de competição pode ocasionar mais desigualdades (Altmann, 2015; Saraiva, 2005). Sobre as metodologias utilizadas pela escola para estar alinhada com o respeito às diferenças e às diversidades, a entrevistada respondeu:

Como a gente é uma escola pública, a gente já tem uma população que é de cor preta, quase a maioria da escola, na verdade. A gente não tem esse senso, mas visualmente a gente consegue. As diferenças raciais são abarcadas de formas

naturais, elas não são de forma discriminatória dentro das modalidades, dentro dos esportes, dentro das aulas. Mas a gente vê que as diferenças com crianças com deficiência ainda são uma barreira muito grande para essas escolas vocacionadas, sobretudo a nossa, que é um espaço físico bem... que dificulta esse tipo de público, né? A gente tem uma deficiência física, tem muita escada, muita ladeira. Mas dentro ainda dessa dificuldade, a gente tenta colocar com que eles participem de forma inclusiva, tendo as suas especificidades, mas fazendo com que todo mundo gire em torno do mesmo objetivo. E sempre que a gente tem oportunidade de dar protagonismo a algum aluno, como uma entrevista, alguma participação em algum evento fora da escola, a gente procura favorecer aqueles alunos que, geralmente, têm menos oportunidades dentro do campo das competições ou dentro dos holofotes esportivos (Coordenadora, grifos do autor, 2024).

A resposta acima traz uma pouco do perfil dxs alunxs do GEO, em sua maioria pretxs e pardxs. Esse foi um marcador da grande maioria dxs adolescentes participantes nesta dissertação. A questão das pessoas com deficiência (PCD), também, se mostra um desafio para uma escola vocacionada ao esporte, principalmente, nas questões da falta de espaços adequados e, até mesmo, pela falta de competições escolares para PCDs. Segundo Sepulveda e Sepulveda (2016), nem sempre a escola consegue efetivar as leis para promover a inclusão. Como professor da rede municipal do Rio de Janeiro desde o ano de 2016, posso afirmar que essa problemática da inclusão real das pessoas com deficiência não é uma particularidade apenas do GEO. Ainda existe grande e urgente necessidade de avanço nessa situação.

Mais que as práticas esportivas de modo geral, estava interessado, durante a entrevista, em saber como as temáticas das diferenças, inclusões e diversidades eram desenvolvidas na escola. Perguntei para a Coordenadora Esportiva sobre as eletivas que estão na matriz curricular, nesse caso, dois tempos de aula por semana. O currículo pode ter a capacidade de produzir sentidos na dinâmica escolar (Nunes; Neira, 2017). Sobre isso a entrevistada respondeu:

Durante esse ano, a gente teve uma diferença gritante nas eletivas em relação a alguns anos anteriores, porque, dentro da matriz curricular, esses dois tempos a gente conversou enquanto equipe de gestão para que não fosse permitido terem eletivas que trabalhassem o esporte pelo esporte. Então, as eletivas que absorviam essa temática mais corporal, elas tinham uma outra função. Então, a gente teve uma eletiva que era de música junto do ping-pong. Então, a gente trouxe um jogo tradicional para trabalhar os gêneros musicais. Mas a gente não teve nenhuma eletiva direcionada às questões discriminatórias, nem ao protagonismo feminino (Coordenadora, grifos do autor, 2024).

O depoimento da entrevista demonstra uma tentativa da escola de romper com o esporte no modelo competitivo nas aulas eletivas, com o objetivo de abordar outras formas da cultura corporal, dialogando com as tematizações propostas por Neira (2016, 2018). Contudo, ela traz uma negativa sobre a abordagem de temáticas que envolvem desigualdades de

gêneros, sexualidades, racismo ou protagonismo feminino. Um caminho possível para que a escola busque uma intencionalidade em certas abordagens, metodologias e ações escolares seria através do Projeto Político Pedagógico (Veiga, 2001).

Mesmo que, no momento da pesquisa, diante do relato da Coordenadora, não houvesse professorxs com eletivas nessas temáticas, observa-se, na imagem a seguir, uma pintura no corredor da escola que relaciona educação sexual, esporte e educação. Essa imagem demonstra um enfrentamento e uma posição favorável ao debate da educação sexual na escola. Em tempos que o conservadorismo se exacerbou na sociedade brasileira, esse movimento é de grande importância nas escolas.

Figura 13 - Pintura na parede do corredor do GEO sobre educação sexual



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2024.

É preciso que as atividades e conteúdos ampliem as oportunidades de acesso a diferentes significados para participações mais equitativas (Neira, 2018, p. 51). Contudo, o esporte na escola pode reforçar processos de exclusões (Altmann, 2015). Sobre essas possibilidades de preconceitos e exclusões, a Coordenadora falou sobre xs alunxs que demonstram alguma performatividade que não está no padrão hegemônico.

Existe o estigma do esporte ser um ambiente bem masculinizado. Então, a gente tenta trabalhar essa quebrada de crença, porque não é de fato esse nosso propósito. E, sim, dentro das competições, fora do muro da escola, a gente vê que as crianças que não estão dentro do padrão, elas tendem a se padronizar para caberem dentro daquele pote e não sofrerem possíveis retaliações, possíveis preconceitos ou possíveis ofensas. Mas, dentro da escola, o aluno que está em 9º ano, ele já pode

estar demonstrando essa não padronização de comportamento. Eles, dentro das modalidades esportivas, eles são bem aceitos, eles são respeitados. As meninas que têm uma masculinização maior do que as habituais também são muito respeitadas dentro da modalidade e não têm diferenciação em relação aos gêneros, mas, quando isso extrapola os muros da escola, a gente vê que eles procuram se encaixar dentro do padrão para que isso não aconteça (Coordenadora, grifos do autor, 2024).

O esporte dentro dos muros escolares, segundo o relato acima, é tratado como um espaço que respeita as diferenças, por mais que não haja uma discussão mais ampliada sobre os preconceitos e discriminações. Entretanto, as competições escolares externas são ambientes não controlados, onde os alunxs, segundo a entrevistada, tentam se adequar aos padrões para não sofrer preconceitos. As competições escolares replicam o modelo do alto rendimento em relação à categorização dos participantes por gêneros. Essa divisão reforça as dicotomias (Brito, 2015). Contudo, de acordo com a Coordenadora Esportiva, a existência de escolas vocacionadas ao esporte pode contribuir para que xs alunxs sejam protagonistas independente de relações de preconceitos. De certa forma, em outras escolas com uma matriz curricular comum, alunxs com corpos não hegemônicos teriam negadas as possibilidades de praticarem esportes, diante da reserva, em geral, para os corpos padronizados.

Eu acho que a escola vocacionada pode contribuir para que o aluno se enxergue enquanto ser atuante, atuante, protagonista, independente da sua opção sexual. Mas o que extrapola que eles ficam aqui, em um ciclo de quatro anos, e eles ficam em uma parte do dia, o preconceito que eles sofrem, o que eles veem outras pessoas sofrendo fora da escola, seja na mídia, seja em casa, seja na comunidade, seja nos seus ambientes sociais, fala muito alto. Então, a escola pode contribuir para que ele entenda que aquilo não é uma questão negativa. Aquilo ali é ele enquanto ser social. Mas eu não vejo que a escola tenha o poder de transformar aquilo ali em uma potencialidade, de amenizar talvez os danos ou dele se entender e se aceitar como ele é. Sim (Coordenadora, grifos do autor, 2024).

Mesmo diante da maior oportunidade para que mais pessoas em idade escolar possam participar e vivenciar o esporte, nas pesquisas, é possível verificar o lugar do esporte escolar ainda como algo, em geral, opressor (Brito, 2015; Altmann, 2015; Devede, 2017; Saraiva, 2005). Sobre a necessidade de mediar casos de preconceito no GEO, na sua experiência como Coordenadora, a entrevistada disse:

Grande parte dessa mediação foi feita por questões raciais. E primeiro a gente escuta, acolhe, tenta entender qual foi o contexto daquela situação e faz aquele sofrimento inicial através de conversas com pessoas que tenham um pouco mais de protagonismo diante dessa fala, fazer com que seja naquele momento inicial o sofrimento sanado e a gente vai explicando os motivos de que aquilo ali não representa de fato aquela pessoa que sofreu preconceito. E aí o pós-momento é

chamar o PROINAPE³¹, a gente conversa com o PROINAPE, tem conversa com professores que têm relações estreitas com questões raciais, que têm protagonismo, potencial de fala e convida a família a estar aqui, tanto da pessoa que sofreu preconceito e depois parte para quem fez o preconceito, quem foi a pessoa preconceituosa. E aí a gente conversa também com essa pessoa, dá todos os direcionamentos legais diante daquela fala, daquele gesto e comunica a família, chama a família e tenta fazer com que aquilo não se repita através de trabalhos de conscientização, sejam trabalhos teóricos, sejam trabalhos em conjunto com a família ou seja atendimento com o PROINAPE. E se aquilo se repetir, a gente vai encaminhar para uma aplicação de regimento porque já não é mais uma falta de conhecimento, já é de fato o preconceito, e a parte legal da situação tem que ser afetada (Coordenadora, grifos do autor, 2024).

A quebra de silêncios e invisibilidades das várias dimensões das manifestações de preconceitos deve ser eixo fundamental das práticas no GEO. Silenciar, nesses casos, é uma forma de validar o preconceito (Aquad; Corsino, 2018, p. 9). O racismo presente no cotidiano escolar está evidenciado na fala da Coordenadora Esportiva. Busquei, nas perguntas, prioritariamente, investigar as relações de gêneros, contudo, as relações interseccionais são fundamentais para entender as dinâmicas sociais presentes no GEO. Os marcadores dos preconceitos raciais estão presentes na sociedade, não sendo diferente nas escolas (Gonzalez, 2020; Akotirene, 2019; Collins, 2020).

Finalizando a entrevista com a Coordenadora, questionei-a sobre as formas de machismo ou opressão que ela mesmo, por ser mulher, poderia ter sofrido nesse cargo de liderança. Por mais que, como professor da rede, tenha percebido que a maior parte das diretoras e coordenadoras são mulheres, entendo que esse lugar de coordenação esportiva pode ser atravessado pelo machismo. Ainda mais com a composição da equipe de professorxs treinadorxs do GEO Juan Antonio Samaranch, com apenas uma mulher. Desta forma, a entrevistada respondeu:

Sim. Muitas vezes, hoje em dia, já estou há três anos nessa escola, mas trabalho com esporte e vivo no meio esportivo, há mais de 15 anos. Então, o início de cada ciclo, em cada local sempre foi um início conturbado em que eu precisava fazer valer muito, deixa eu pensar de uma forma melhor, eu precisava ser muito mais do que qualquer pessoa que já tivesse sido naquela função para que aquilo ali fosse valorizado. Então, precisei me impor em diversas vezes. Porque eu sou mulher. E aí, após os dois primeiros meses, os três primeiros meses de conhecimento, de pertencimento, de comunicação com as pessoas, aquele preconceito inicial vai sendo desfeito. Mas, sim, em qualquer ambiente novo que eu chegue num ciclo de liderança ou que eu tenha que me posicionar ou que seja um local de fala, eu preciso

³¹ O PROINAPE é o programa primordial do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares, que integra as políticas educacionais da Secretaria Municipal de Educação, por meio de projetos e ações interdisciplinares, desenvolvendo estratégias educacionais pautadas nas competências socioemocionais, na proteção integral de crianças e adolescentes, na promoção de saúde mental e no enfrentamento às múltiplas questões da expressão social. Disponível em: <https://smeniap.wixsite.com/smeniap/c%C3%B3pia-foi-por-aqui>.

passar por uma pré-avaliação, um pré-julgamento, para que depois as pessoas respeitem o que de fato está acontecendo (Coordenadora, grifos do autor, 2024).

Essa resposta demonstra como o cenário do esporte ainda é machista e, de alguma forma, também acaba inferiorizando mulheres que ocupam lugares de destaque ou de liderança. Apesar das escolas, em geral, terem mulheres com diretoras, adjuntas ou coordenadoras, quando esse lugar se desloca para o esporte, o machismo enraizado aparece de forma marcante.

2.4 O Projeto Político Pedagógico da escola na perspectiva das diferenças

A primeira escola vocacionada ao esporte do município do Rio de Janeiro trouxe uma diferenciação na matriz curricular em relação a outras unidades. A principal delas foi o surgimento de tempos de aulas dedicados exclusivamente ao treinamento esportivo, ministrado por professorxs de Educação Física. O esporte escolar pode ser hostil para corpos que não estão no padrão hegemônico. Assim, os corpos femininos, pretos e que não performatizem os gêneros e sexualidades socialmente esperados podem estar em sofrimento nesse espaço (Altmann, 2015; Louro, 2014).

Dessa forma, com este subcapítulo, verifiquei, através de revisão bibliográfica e análise documental do PPP, a proposta do Ginásio Educacional Olímpico em relação às dinâmicas pedagógicas que deem conta das desigualdades de gêneros no chão da escola.

Quanto a isso, é importante analisar, anteriormente, alguns artigos do decreto que criou o GEO. O Decreto nº 35.261, de 19 de março de 2012, com título “cria o programa ginásio experimental olímpico e paralímpico no âmbito da secretaria municipal de educação e dá outras providências”, mais tarde, revogado pelo Decreto nº 38.954/2014, traçou as diretrizes que norteariam as ações da escola.

Já no Art. 1º do documento, encontramos o seguinte texto: “Fica criado, no âmbito da Secretaria Municipal de Educação, o Programa Ginásio Experimental Olímpico e Paralímpico” (Rio de Janeiro, 2012). Neste primeiro artigo, é possível analisar que a intenção de ser um ginásio paralímpico nunca se consolidou.

O Art. 2º diz que “[...] o Programa tem como objetivo proporcionar aos adolescentes, de acordo com seu perfil e interesse, uma escola de excelência acadêmica voltada para a

descoberta e desenvolvimento da aptidão esportiva dos alunos” (Rio de Janeiro, 2012). Este é um ponto central que atravessa todas as práticas do GEO como o passar dos anos.

O Art. 3 traz as seguintes questões ao tratar das ações na escola:

VI - disponibilização de espaço para a prática do esporte educacional com apoio às práticas desportivas formais e não-formais; VII - utilização de metodologia específica de detecção e desenvolvimento de talentos esportivos e paraesportivos; VIII - inscrição e classificação dos alunos, candidatos ao Ginásio Experimental Olímpico e Paralímpico; IX - estímulo a prática do esporte feminino; X - criação de unidade específica para a descoberta e desenvolvimento de talentos Paralímpicos; X - criação do Núcleo Avançado de Desenvolvimento do Esporte; XII - estímulo a projetos transdisciplinares; XIII - estímulo a estudos do meio, onde os alunos vivenciem experiências práticas de aprendizagem e; XIV - estímulo a pesquisa e registro acadêmico de experiências vividas pela comunidade escolar (Rio de Janeiro, 2012).

Uma análise do Artigo 3 do Decreto pode trazer várias reflexões para as práticas curriculares do GEO até os dias atuais. A escola pretendia desenvolver o esporte como prática educacional, contudo, logo após essa afirmação, traz uma vocação para detecção e desenvolvimento de talentos esportivos; o documento flerta com um eixo educacional e, logo depois, traz uma perspectiva mais focada em seleção de atletas. O item VIII aborda uma possível seleção de alunxs. Esse fato realmente aconteceu durante os primeiros anos do GEO. Havia provas para a seleção e entrada dxs alunxs na escola. Dois itens parecem estar mais direcionados para trabalhos com as diferenças e diversidades. Os itens IX, X XII tratam do estímulo da prática esportiva para meninas, da inserção, também, de esportes paralímpicos e da valorização de projetos transdisciplinares (Rio de Janeiro, 2012).

O Art. 4º trata de informar que a escola teria o “[...] objetivo de integrar a formação acadêmica e esportiva, formando o aluno-atleta-cidadão” (Rio de Janeiro, 2012).

A análise inicial do Decreto que criou o GEO, no ano de 2012, dá a dimensão das pretensões iniciais do município do Rio de Janeiro com as escolas vocacionadas ao esporte. Sigo, agora, verificando as diretrizes do Projeto Político Pedagógico atual da unidade escolar pesquisada.

Sobre o Projeto Político Pedagógico da escola, foi realizada uma análise documental, observando a inclinação da unidade escolar para discutir e trabalhar temas como a desigualdade de gêneros e a diversidade. De acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a riqueza de informações que pode ser extraída e resgatada dos documentos justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Dessa forma, analisei essas questões a partir das práticas realizadas em uma escola vocacionada ao esporte. Nesse aspecto, é importante levar em conta, mais uma vez, a história higienista e militarista da própria Educação Física. O esporte de alto rendimento também é considerado um espaço de opressão em relação, principalmente, às pessoas que não se incluem na norma heteronormativa. Diante do exposto, faz-se necessário entender todos esses movimentos.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) escolar é fundamental para nortear as principais ações pedagógicas, criar ou potencializar as identidades e o perfil da comunidade escolar e traçar as principais metas e resultados esperados. Quando a isso, Veiga (2001, p. 110) diz que:

É um instrumento de trabalho que mostra o que vai ser feito quando, de que maneira, por quem, para chegar a que resultados. Além disso, harmoniza as diretrizes da educação nacional com a realidade da escola, traduzindo sua autonomia e definindo seu compromisso com a clientela. É a valorização da identidade da escola e um chamamento a responsabilidade dos agentes com as racionalidades interna e externa. Essa ideia implica a necessidade de uma relação contratual, isto é, o projeto deve ser aceito por todos os envolvidos, dá a importância de que seja elaborado participativa e democraticamente.

Quanto à harmonia com as diretrizes da educação, discutir temáticas como gêneros e sexualidade requer romper com uma lógica opressora que, muitas vezes, está no currículo e nos documentos oficiais. Para tanto, é importante que a escola tenha claro, ideologicamente, as posições que irá tomar em relações às desigualdades e seu enfrentamento.

A educação costumava ser parte da engenharia social voltada para concretizar essa imagem ideal ou modelar por mecanismos normalizadores que confundíamos como educativos, mas que agora começamos a reconhecer em seu caráter autoritário e interessado. Em outras palavras, a educação era fundamental na disseminação de um ideal hegemônico da sociedade, mas parece ter despertado para seu potencial político de transformação do ideal em algo mais democrático e afeito as experiências subalternizadas (Miskolsi, 2016, p. 57).

Paulo Freire, em “Pedagogia da Autonomia”, começa um de seus tópicos dizendo:

Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, às vezes maiores do que pensamos da ideologia” e termina o mesmo tópico desta forma: “E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil (Freire, 2011, p. 122-131).

Assim como diz Paulo Freire, cabe às escolas e aos professores buscarem as melhores formas de lidar com os preconceitos e fortalecer, mais que uma ideologia, a representação dos direitos que deem conta do respeito às diferenças. Para tal, é necessário desenvolver propostas

plurais, que dialoguem com este tempo atual. “Um tempo em que a multiplicidades de sujeitos e de práticas sugere o abandono do discurso que posiciona, hierarquicamente, centro e margens em favor de outro discurso que assume a dispersão e a circulação do poder” (Louro, 2013, p. 53).

O grande desafio na educação talvez permaneça o mesmo: o de repensar o que é educar, como educar e para que educar. Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não-reconhecidas ou, mais comumente, violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos (Miskolsi, 2016, p. 57).

Contudo, segundo Sepulveda e Sepulveda (2016), mesmo que existam leis que buscam promover a inclusão de algumas minorias, a escola acaba ficando de fora dessas conquistas e, desta forma, por vários motivos, essas leis não são praticadas. Além disso, identifica-se que, “[...] no atual contexto conservador da sociedade brasileira, existem forças que negam o direito às diferenças, que reagem especificamente àquelas propostas e discussões referentes aos direitos das chamadas minorias sociais” (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p. 1260).

Diante dessas questões supracitadas, é fundamental analisar o “caso a caso” de cada unidade escolar em suas especificidades, sendo o PPP um documento extremamente rico para ser verificado. Em relação à construção dos currículos e processos pedagógicos, Sepulveda e Sepulveda (2016, p. 1262) explicam que alguns currículos criados lidam bem com as diferenças dxs sujeitxs e outros não, exatamente pelas visões conflituosas de quem constrói esse currículo, colaborando dessa forma:

Sendo assim, podemos enfatizar que alguns currículos criados nos cotidianos sabem lidar com as diferenças dxs habitantes das escolas e outros apresentam dificuldades. Isso ocorre porque os valores, os conhecimentos, os desconhecimentos, as concepções dos sujeitos praticantes das escolas sobre a educação, o currículo, os processos de ensino e aprendizagens, as metodologias de ensino e as teorias são diferentes e acabam manifestando-se de maneira conflituosa e às vezes até antagônica (Sepulveda; Sepulveda, 2016, p. 1262).

No currículo cultural proposto por Neira (2016), a escola precisa romper com as fronteiras que reforçam as desigualdades. Com o investimento real e organizado na “[...] discussão, vivência, ressignificação e ampliação da cultura corporal, será possível almejar a formação de cidadãos que identifiquem e questionem as relações de poder que historicamente impediram a afirmação das diferenças” (Neira, 2016, p. 71-72).

As escolas vocacionadas, com seu projeto que centraliza o esporte no currículo, precisam dar conta das diferenças e das possibilidades de desigualdades que o próprio esporte pode ocasionar. Segundo Prado (2017, p. 118), muitas vezes, a área de educação não assume sua parte na profundidade do debate sobre desigualdades de gêneros, em especial, a Educação Física ainda demonstra timidez em ações efetivas no combate a essas desigualdades.

Figura 14 – Alunxs do GEO no horário de intervalo após as aulas de esportes



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

“Diferença, diversidade, pluralismo, hibridismo – esses são alguns dos termos mais debatidos e contestados do nosso tempo. Questões de diferença estão no centro mesmo de muitas discussões dentro dos feminismos contemporâneos” (Brah, 2006, p. 331). Para Altmann (2015, p. 45), pedagogias que buscam estar atentas as questões de gêneros e formas de opressão, em geral, precisam produzir discursos e práticas sobre a pluralidade dos corpos nos esportes, sendo esse um dos grandes desafios da Educação Física atualmente.

Baseado no que foi dito até o momento, analisei o PPP da Escola Municipal – Ginásio Educacional Olímpico Juan Antonio Samaranch, vigente para o triênio 2021-2022-2023, com o seguinte título: “Construindo saberes, praticando esportes, promovendo relações: Uma escola viva – um legado para o futuro” (PPP, grifos do autor, 2023). Um documento de dezesseis páginas, com os seguintes tópicos: 1. Identificação da escola; 2. Missão da escola; 3. Proposta educacional; 4. Assistência ao aluno; 5. Critério de agrupamento dos alunos; 6. Objetivos e prioridades; 7. Sistema de avaliação; 8. Sistema de recuperação; 9. Considerações

finais. O PPP em questão está sinalizado como construído pelos seguintes atores: gestão; professores (as); agentes educadores; secretário; CEC.

Logo após a missão da escola, observa-se que a instituição pretende, segundo o PPP: “[...] estimular a solidariedade e a cultura da paz em atitudes diárias de respeito e gentileza, dentro e fora da sala de aula” (PPP, grifos do autor, 2023). Essa passagem apresenta-se com a primeira maneira de expressar questões atitudinais de respeito ao próximo. Logo após, apresenta:

Temos consciência de que a escola está inserida na sociedade e que seus problemas são reflexos, não só de sua organização interna, mas também de fatores externos aos seus muros. Portanto a elaboração do Planejamento, parte das características e contextos escolares, é flexível e aberto às diferenças geográficas e à diversidade cultural (PPP, grifos do autor, 2023).

No item 3, referente à proposta educacional, encontra-se o eixo esporte. Nele não foi encontrada, objetivamente, nenhuma informação relativa às desigualdades ou questões de gêneros. No entanto, neste mesmo item, referente à proposta global, encontra-se como valores da escola: “[...] respeito; cooperação; comprometimento; solidariedade; perseverança; superação” (PPP, grifos do autor, 2023). Torna-se interessante para a pesquisa observar que, quando se trata de esporte, algumas questões das desigualdades não aparecem explicitamente. Contudo, valores como respeito, cooperação e solidariedade são caminhos interessantes para mitigação dessas desigualdades.

Ainda, na proposta educacional, são expostos os temas transversais desenvolvidos pela escola, em que se destaca: “[...] ética (respeito mútuo); diversidade cultural; identidade de gênero e orientação sexual” (PPP, grifos do autor, 2023). Como relatado anteriormente, nesse contexto conservador que as escolas, em geral, encontram-se, parece bastante importante a dedicação da escola analisada a ter uma proposta voltada para identidade de gênero e orientação sexual.

Por último, em projetos extracurriculares, encontra-se descrito um “projeto de valorização da mulher” (PPP, grifos do autor, 2023). Nos demais itens, não foram encontradas referências sobre questões das desigualdades de gêneros, diversidade ou respeito às diferenças. Parece que, nesse caso do PPP do GEO, ainda não se encontra explícita a vocação do esporte para discussões mais aprofundadas de questões sociais de desconstruções dos mecanismos de opressão.

Como projeto político, os estudos culturais não pretendem ser imparciais ou neutros. Eles tomam partido dos grupos desprivilegiados em sua luta por justiça e reconhecimento político e cultural, e se recusam a desvincular a política de poder dos processos que definem a validade das experiências e identidades. Sob guarda desse campo teórico, o trabalho pedagógico se preocupa com a diagramação das relações sociais para combater os mecanismos de opressão, dando dimensão de ação à linguagem crítica e denunciadora (Neira, 2016, p. 2017).

Na análise do PPP da primeira escola vocacionada do Rio de Janeiro, verifiquei que, diante do documento, há uma intencionalidade da escola de dialogar com as temáticas de gêneros, do respeito às diferenças e a valorização da mulher. Mesmo que não estejam expostas ações concretas para tal. No entanto, corroborando as pesquisas de Deivide (2017), não ficou claro como fazer essas abordagens na Educação Física e nos esportes, conteúdos centrais nesse modelo de escola. No caso, o eixo esportivo não apresenta objetivos, ações ou metodologias que estejam alinhadas com um compromisso cultural e social de enfrentamento às desigualdades e opressões.

3 DISCURSOS DXS ALUNXS DO GEO: CORPOS NÃO HEGEMÔNICOS EM UMA ESCOLA VOCACIONADA AO ESPORTE

Contribuindo com esta pesquisa que está no campo qualitativo, utilizo a análise do discurso ancorada nos estudos de Michel Foucault, através das pesquisas de Fairclough (2001) e Passos (2019). O uso desta forma de análise se justifica pela busca das interpretações das respostas dadas pelxs alunxs do GEO em uma perspectiva não óbvia, “[...] o discurso para Foucault é uma prática sócio-histórica que só emerge ou se explicita mediante o exercício da análise” (Passos, 2019, p. 2). Busco interpretar o que está oculto, analisando o contexto social no qual a escola e o grupo estão inseridos. Desta forma, entender a pertinência das características da periferia da cidade do Rio de Janeiro, do meio esportivo escolar, das relações com alunxs de escolas privadas da cidade e das competições esportivas.

Esse contexto dialoga com as questões interseccionais de gêneros, raça e classe que atravessam esses discursos produzidos. Entenderei os discursos como constitutivos, sendo eles possíveis de produzir e transformar os objetos da vida social (Fairclough, 2001, p. 66). De acordo com Fairclough (2001, p. 65), para Foucault, a combinação de elemento discursivos e não-discursivos e o processo de articulação entre eles faz do discurso uma prática social.

Para tal análise, foram obtidas respostas através de questionários abertos com alunxs do 9º ano da escola, entendendo que essxs alunxs possuem maior vivência da escola e das competições esportivas escolares por, em sua maioria, já terem cursado pelo menos três anos escolares na unidade. Para compor a pesquisa, também, foram analisados nos capítulos anteriores o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e a matriz curricular do GEO.

A pesquisa de campo foi iniciada no segundo semestre do ano de 2023. Procurei a direção da escola para ter o aceite da pesquisa na unidade escolar. A pesquisa foi considerada interessante para a escola, sendo todas as fases da pesquisa liberadas para os anos 2023 e 2024. No início da pesquisa, estive focado nos documentos oficiais do GEO e na matriz curricular. Ainda no ano de 2023, iniciei a primeira fase da pesquisa com os alunos do 8º e 9º ano, mas focalizando os alunos que seriam do 9º ano em 2024.

Realizei a segunda fase da pesquisa de campo no primeiro semestre de 2024 com alunxs das quatro turmas de 9º ano da escola. Essa fase foi dividida em dois momentos: um com respostas individuais e outro em um formato de grupo, no qual os alunxs puderam conversar sobre as perguntas para formular suas respostas. Diferente da entrevista realizada

com a Coordenadora de esportes da escola, realizada no formato oral, na pesquisa de campo realizada com xs alunxs, foi aplicado um questionário com perguntas abertas. Esse foi um pedido dxs próprixs alunxs, que aconteceu logo no primeiro momento que tivemos para a realização de um bate-papo sobre a pesquisa, a qual, inicialmente, também seria feita na forma de entrevista oral. Aceitei o formato escrito por entender que esses adolescentes tinham em média 14 anos de idades, muitxs estavam envergonhadxs para falar das temáticas da pesquisa. Ressalto que todos xs responsáveis autorizaram a realização da pesquisa com xs alunxs.

Nas lentes da Educação Física cultural (Neira, 2016), analisando questões realizadas, as desigualdades de gêneros e sexualidade no esporte escolar (Altmann, 2015; Devides, 2017; Brito, 2015; Saraiva, 2005; Auad, 2006) e as interseccionalidades (Collins, 2020; Gonzalez, 2020; Akotirene, 2019), busquei um perfil de adolescentes que já viram ou sentiram em seus corpos os preconceitos. Sujeitxs de histórias que, potencialmente, foram marcados pelas forças hegemônicas e opressoras. Vozes que, muitas vezes, podem estar sendo silenciadas. Vivências de adolescentes que não se entendem dentro de um enquadramento dos padrões esperados pela sociedade.

As narrativas produzidas pelxs alunxs colaboraram para uma análise mais ampla das vivências no esporte que acontece na escola vocacionada. Participaram de todas as fases da aplicação dos questionários abertos 12 alunxs do 9º ano do Ensino Fundamental em 2024. Essa combinação da análise do discurso e dos outros elementos já discutidos nos capítulos anteriores compõem este estudo da Escola Municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças. Aproveito para salientar que, a partir desse momento do texto, utilizarei a escrita sem a flexão de gênero, deixando de usar o “X” em alguns momentos. Essa escolha é importante para marcar as diversas opressões que são diretamente relacionadas às questões de gêneros.

Em geral todxs xs participantes entendem a experiência no GEO como algo bastante positivo, mesmo com sinalizações de algumas dificuldades durante o percurso, as respostas foram, em geral, de agradecimento e felicidade diante das vivências escolares. É possível verificar esse sentimento nas respostas: “Foi bom todos os meus anos no GEO, agradeço muito todos os professores” (Aluna5, grifos do autor, 2024) e “No meu primeiro dia de aula não gostei muito, mas depois que conheci o badminton que foi o esporte que mais gostei e que ainda gosto, amo o GEO. Mas não é só esse que gosto, gosto de vários outros tipos atletismo e fut” (Aluna10, grifos do autor, 2024).

As perguntas norteadoras da pesquisa foram direcionadas, mais especificamente, para o eixo esportivo. Contudo, xs alunxs tiveram a liberdade de expressar suas opiniões

livremente sobre a experiência no GEO. Mesmo por via do questionário com o formato escrito, com perguntas norteadoras, busquei alcançar as respostas mais profundas possíveis. A estratégia de questionário escrito combinada conjuntamente com xs estudantes se mostrou eficaz no sentido de desinibir xs adolescentes, inclusive, gerando muitas perguntas e proposições de escritas que não estavam diretamente relacionadas com as perguntas iniciais.

Todo o processo de respostas do questionário foi mediado e acompanhado de perto. Todas as perguntas foram lidas e as diferentes respostas que vieram fora do contexto dessas perguntas foram bem aceitas e trazidas para a leitura dessa dissertação. Esse processo de análise busca levantar os elementos não óbvios que constituem xs sujeitxs, as identidades e as experiências. Como no discurso abaixo, em que a participante mostra a importância da escola para sua evolução e aprendizagem, ressalta o potencial do GEO para gerar interações sociais positivas, mas também deixa explícito alguns processos de exclusões vindos de outrxs estudantes. “O GEO pra mim foi muito bom, eu evolui muito e aprendi muitas coisas e fiz muitos amigos. Mas também acho que nem todos os alunos são amigáveis. As vezes os alunos montam grupinhos para criticar as pessoas e a evolução dela” (Aluna12, grifos do autor, 2024).

Continuarei, nos subcapítulos seguintes, aprofundando a análise dos discursos produzidos pelxs alunxs do 9º ano do GEO Juan Antonio Samaranch. Explicarei a forma como foram divididas as duas fases dos questionários abertos, o perfil dxs participantes e as principais pautas trazidas por esses discursos. Para isso, foram divididas as análises em cinco perguntas norteadoras dos questionários. A combinação desses elementos discursivos e/com os outros não-discursivos já desenvolvidos neste trabalho trazem a possibilidade de desvelar as práticas sociais no GEO (Passos, 2019; Fairclough, 2001).

3.1 Primeira fase: roteiro orientador

Elaborei um roteiro para os questionários que aconteceriam posteriormente, com o objetivo de encontrar alunxs que, primeiramente, tivessem entendimento e interesse nas temáticas importantes para esta dissertação. Também, seria fundamental encontrar quem reconhecesse, de certa forma, um lugar não hegemônico nas relações de poder, ou seja, quem já tenha visto ou sofrido preconceitos e opressões. As perguntas orientadoras tiveram a funcionalidade de servir, segundo Gil (1999), como a possibilidade de compreender o perfil

dxs alunxs, suas experiências, interesses, sentimentos e entendimento sobre as diferentes formas de opressão. Quanto à técnica de investigação que lista algumas perguntas norteadoras de uma pesquisa, Gil (1999, p. 128) traz suas características: “[...] técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Nesta primeira fase dos questionários abertos, com o apoio da coordenação esportiva da escola, apresentei a proposta desta pesquisa para xs alunxs do 9º ano da escola. Reunimos, no auditório da escola, cerca de quarenta estudantes. Expliquei os objetivos dos questionários, ressaltando que a participação não seria obrigatória. As perguntas contidas no roteiro de pesquisa rapidamente interessaram alguns aluxs, já outrxs não ficaram entusiasmados. Foi possível verificar nesse primeiro momento que alguns meninos não viram muito sentido nas questões abordadas pelas perguntas. Inclusive, gerou brincadeiras entre eles. Em contraponto, as meninas fizeram perguntas e se mostraram mais interessadas em participar. As experiências nas escolas e nos esportes escolares, principalmente no que se refere às exclusões, atingem de formas diferentes os corpos das meninas e dos meninos (Louro, 2014; Altmann, 2015).

Para essa análise preliminar, busquei perguntas que trouxessem informações relevantes para avançar na composição de um grupo menor de alunxs para a segunda fase da pesquisa. Algumas perguntas seriam centrais para o alinhamento das vivências dxs estudantes sobre as relações de poder que podem gerar desigualdades, opressões e exclusões. Principalmente, evidenciar se xs participantes se consideravam dentro do padrão esperado pela sociedade em relação aos seus corpos, performatividades e sexualidades (Louro, 2014; Butler, 2003). Diante da importância desses questionamentos, utilizei as perguntas listadas abaixo como norteadoras para a pesquisa.

Qual o seu nome? Quantos anos você tem? Estuda em qual ano/turma? Você se identifica em qual raça/etnia? Qual sua expressão de gênero? Você se considera dentro do padrão que a sociedade espera? Você sofre algum tipo de preconceito? Você já sofreu algum tipo de preconceito? Você acha o esporte escolar inclusivo? Você acha que existe preconceito no esporte escolar? Você acha que as meninas têm as mesmas condições que os meninos no esporte escolar? Você gosta de estudar em uma escola vocacionada ao esporte? O esporte escolar lhe trouxe experiências positivas? O esporte escolar possibilita que todos sejam protagonistas? As competições escolares são inclusivas e respeitam a diversidade? Nas competições escolares, todxs são respeitadxs? Existe preconceito nas competições escolares? Você acha que o esporte é para todxs em iguais condições?

Nesta primeira fase do questionário aberto, não me importei com os discursos mais aprofundados sobre os assuntos nem mesmo busquei desdobramentos das respostas dxs alunxs. Contudo, as respostas coletadas foram fundamentais para construir, com essxs estudantes, uma primeira relação de confiança entre pesquisador e participantes. Com esse roteiro de perguntas iniciais, pude encontrar xs corpos que sinalizaram marcas das diferentes formas de opressões dentro ou fora da escola. Vozes que, muitas vezes, não são escutadas. Discursos que são interditados com frequência. Alunxs que entendem possuir corpos que não fazem parte dos padrões hegemônicos patriarcais, brancos e heteronormativos.

3.2 Segunda fase: questionários abertos

Após a primeira fase, que tinha o objetivo de colocar em evidência xs alunxs do GEO que, em suas próprias vivências e experiências, entendessem seus corpos como não hegemônicos, observando processos de desigualdades e exclusões, a segunda fase, com questionários abertos, foi realizada em uma perspectiva mais aprofundada nas temáticas centrais da pesquisa.

Para preparar esse processo da pesquisa de campo, busquei, novamente, a coordenação esportiva da escola para ajudar na organização dos dias e horários de encontros com xs alunxs. Naquele momento, já tínhamos alguns alunxs que, diante da análise da primeira fase, poderiam produzir discursos importantes para a pesquisa. A segunda fase foi realizada no segundo semestre do ano de 2024.

Para a análise dos discursos dxs studentxs do GEO em relação às desigualdades, preconceitos e exclusões que negam o direito às diferenças (Altmann, 2015; Sepulveda; Sepulveda, 2016, 2020), foram realizadas perguntas abertas através de questionário com doze alunxs do GEO Juan Antonio Samaranch.

Fairclough (2001) e Passos (2019), ao desenvolverem pesquisas sobre a análise do discurso, ressaltam a importância de analisar, também, as condições de produção desses discursos, além de seu momento sócio-histórico. Reitero que esta pesquisa foi realizada com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, último ano escolar do GEO. Certos discursos produzidos nesse momento sócio-histórico dxs alunxs, possivelmente, serão ressignificados a partir das tantas outras experiências que terão em suas vidas. O momento sócio-histórico da escola também é único, em outros momentos, possivelmente, outros discursos seriam

produzidos. Deste modo, a análise do discurso não busca uma verdade absoluta. Busca intencionalidades nesses discursos produzidos, que colaboram com todas as discussões enfrentadas neste trabalho.

Para iniciar a pesquisa, partimos de algumas perguntas norteadoras que já tinham a intenção de delimitar as temáticas discutidas (Boni; Quaresma, 2005), buscando uma atenção dxs alunxs participantes com questões fundamentais sobre as relações de gêneros, opressões e exclusões.

Estas foram algumas das perguntas chaves que nortearam a pesquisa: A. Acredita que uma escola vocacionada possibilita que mais pessoas possam praticar esportes de forma democrática? Escreva, de forma objetiva, como foi sua experiência no GEO; B. Você acha que o esporte escolar é inclusivo para todas as pessoas ou é excludente? Escreva, de forma objetiva, sobre isso; C. Você já presenciou algum caso de preconceito, exclusão ou homofobia no esporte escolar? Conte um pouco como foi; D. Nas competições escolares, todxs são respeitadx da mesma forma? Já presenciou algum caso de preconceito, exclusão ou homofobia nessas competições? Conte um pouco como foi; E. Você acha que existem preconceitos no esporte de alto rendimento? Entende que existir escolas vocacionadas ao esporte pode modificar ou melhorar os casos de preconceito no esporte de alto rendimento? Escreva de forma objetiva sobre isso.

O primeiro momento da segunda fase da realização dos questionários abertos gerou discursos importantes para compor esta pesquisa. Contudo, percebi que alguns pensamentos, histórias e vivências não tinham sido totalmente revelados nas respostas. Desta forma, fiz a proposta de reunir, novamente, xs alunxs participantes da segunda fase para compormos grupos com a intenção de ampliarmos as respostas, despertando ainda mais a capacidade discursiva dxs estudantes.

Foram formados quatro grupos, divididos pelas turmas de 9º ano da escola. Cada uma das pessoas desses grupos teve a oportunidade de responder, novamente, às perguntas norteadoras, com maior liberdade de debater e trocar ideias sobre os temas centrais dos questionários. Esse foi um momento rico não só para a produção de discursos, mas também para o entendimento coletivo de casos de exclusões e preconceitos que poderiam estar normalizados nos entendimentos individuais.

Esta pesquisa, que está na linha de Políticas e Desigualdades Sociais, tem como tema central as questões de gêneros e o respeito às diferenças. Contudo, muitos relatos que virão nas respostas que estão nas seções a seguir são oriundos de preconceitos raciais e demais

formas de opressão. Essas diferentes formas de dominação e imposição que oprimem determinados grupos são interseccionais (Gonzalez, 2020; Akotirene, 2019; Collins, 2020).

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisasse quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade (Akotirene, 2019, p. 27).

A análise dos discursos produzidos pelxs alunxs com corpos não hegemônicos do GEO será feita nas próximas seções com esse olhar interseccional, entendendo que diferentes formas de opressão atuam sobre os corpos (Collins, 2020), estando em grande exposição nas escolas vocacionadas. Entendendo que esses discursos são atravessados pelas experiências culturais e sociais de fora da escola também. Mas, especialmente, focalizado nas relações que se entrelaçam no interior das ações, principalmente as esportivas, do GEO.

3.2.1 Uma escola vocacionada possibilita que mais pessoas possam praticar esportes de forma democrática? Escreva como foi sua experiência no GEO

Esta pergunta, por mais que esteja voltada, diretamente, para a democratização do esporte, não restringe pensar esse esporte apenas relacionado às vivências corporais. Na leitura das tematizações dos esportes da Educação Física cultural, “[...] é possível participar sugerindo, experimentando, discutindo, produzindo, registrando, planejando, etc.” (Neira, 2018, p. 77).

Os discursos produzidos demonstram que a escola cumpre bem o papel de possibilitar que mais pessoas vivenciem o esporte e tenham contatos com modalidades que talvez não conhecessem, como observa-se nas respostas: “Eu não fazia esporte nenhum nem atividade física até entrar no GEO (...) sou muito bem respeitada pelos professores quanto no esporte quanto no pedagógico” (Aluna10, grifos do autor, 2024) e “Minha experiência foi incrível porque eu descobri qual é o meu esporte favorito, aprendi coisas novas e tive muita sorte de ter amigades incríveis” (Aluno6, grifos do autor, 2024).

Esse aspecto relacional apareceu algumas vezes nas respostas, demonstrando que o ambiente do GEO é propício para fortalecer laços de amizade. O currículo diferenciado que

traz a possibilidade de vivências esportivas faz com que xs alunxs sintam as emoções das vitórias, derrotas e aprendizagens juntxs. De certa forma, essas experiências parecem fortalecer esse aspecto relacional.

Outra questão central é a oportunidades para que mais pessoas possam ter acesso à Educação Física, esportes e, até mesmo, lazer. Muitos bairros de periferia não possuem condições adequadas para essas atividades. O GEO possui uma infraestrutura privilegiada em comparação aos outros espaços do bairro onde está localizado e das escolas do município em geral. Sendo assim, acaba atraindo muitas famílias que desejam ter xs filhxs na escola. Fazer esportes em um ambiente seguro e controlado nem sempre é privilégio de todxs. Ter oportunidade de praticar esportes em um ambiente escolar seguro é uma experiência diferenciada que o GEO proporciona, como evidenciado na resposta: “Foi uma experiência boa quando eu comecei a fazer esportes eu me senti melhor, criando energia positiva... tem gente que não vai para o jogo porque não é muito bom, mas ela pode se dar bem em outro esporte e tentar de novo para melhorar” (Aluno7, grifos do autor, 2024).

Outra questão central dos discursos produzidos foi a importância de reconhecer o esporte como questão central para uma experiência de alunx no GEO. Como dito anteriormente, o eixo esportivo é muito destacado na escola (Silva, 2014). São oito tempos de treinamento e dois tempos de Educação Física. Todxs que estão no GEO acabam vivenciando, de forma intensa, o universo do esporte escolar, seja pelo dia a dia de treinos ou pelas competições que acontecem em quase todos os fins de semana. Nos depoimentos a seguir, é possível verificar a importância da adaptação aos esportes e do esforço individual. “Na minha experiência foi mais fácil de se adaptar. Porque eu já treinava fora e só conheci mais esportes que nunca vi” (Aluna3, grifos do autor, 2024). “Minha experiência foi boa, já participei de algumas competições e foram incríveis, só basta se esforçar” (Aluna12, grifos do autor, 2024).

Em uma escola vocacionada ao esporte é normal imaginar que a competição se torna base do cotidiano. Praticar esportes, em geral, está associado com aprender, treinar e competir. O projeto do GEO, quando foi planejado e concebido entre os anos de 2010 e 2012, visava, também, à descoberta de possíveis talentos olímpicos. Naquela época, o Rio de Janeiro vivia a comoção de ter sido escolhido, em outubro de 2009, como sede do Jogos Olímpicos de Verão, que aconteceriam em 2016 (Silva, 2014). O GEO fez parte do legado olímpico e foi alimentado pelo sonho dos alunos de chegarem ao alto rendimento através dos

esportes³². Quanto a isso, é possível observar que este desejo ainda hoje está inserido na dinâmica do GEO.

Sim. Foi muito boa, eu fiz coisas que eu não sabia que era possível, conheci pessoas que realmente acreditaram em mim... e também dá chance para a pessoa (aluno (as) ter uma carreira profissional nesse esporte. Minha experiência no GEO foi muito boa além de ter descoberto novas oportunidades eu aprendi que o esporte não é só hobby e sim uma porta para não ser mais um (Aluna4, grifos do autor, 2024).

Fazendo um alinhamento com as temáticas principais da pesquisa, de acordo com os discursos produzidos, é possível entender que os esportes, no GEO, promovem relações, em geral, positivas entre xs alunxs. Porém, a prática esportiva não está muito diferenciada do alto rendimento em termos de estratégias e metodologias. Altmann (2015) ressalta a importância das oportunidades em iguais condições para meninas e meninos. No GEO, muitas meninas puderam e podem participar de treinamentos e competições. A grande importância das competições e o sonho de ser atleta pode ser uma armadilha, diminuindo a valorização da coeducação e a oportunidade democratizada de esportes para todxs, dificultando a execução de um currículo cultural que preze não apenas como fim as práticas de esportes competitivos (Neira, 2016, 2018).

3.2.2 O esporte escolar é inclusivo para todas as pessoas ou é excludente?

O GEO, por sua característica de vocação ao esporte e de acordo com os discursos produzidos pelxs alunxs, mostra-se um importante espaço de pertencimento e de vivências ampliadas através das práticas esportivas e corporais. Contudo, as tematizações dos esportes precisam ser planejadas em uma perspectiva cultural e inclusiva, do contrário “[...] pode reforçar o esporte como business e o corpo como produto desse mercado” (Auad; Corsino, 2018, p. 6).

De acordo com Louro (2014, p. 36), muitas vezes, a escola reforça a lógica que padroniza xs sujeitxs. Pensar um padrão hegemônico no GEO é entender que o esporte tem grande influência nas rotinas da escola. Isso acontece desde a matriz curricular, passando

³² Matéria publicada em site oficial da prefeitura do Rio de Janeiro com o título: “Ginásio Experimental Olímpico: uma fábrica de campeões”. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=4464570>.

pelas aulas até as competições escolares. Essas vivências produzem padrões de corpos fortes e saudáveis que debatemos nos capítulos anteriores. Ser vencedor também acaba sendo uma marca importante dxs estudantes da escola. Como é possível observar pelas entrevistas abaixo as experiências no GEO são variadas. “É inclusivo sim. Pessoas magras, gordas, baixas têm a mesma oportunidade de crescer, de ser campeão pois há variedade para ver onde você se encaixa (Alunx4, grifos do autor, 2024). “Eu acho o esporte escolar inclusivo na maioria das vezes, mas ele também pode ser exclusivo (Aluno9, grifos do autor, 2024).

A questão de se encaixar em algum esporte, como analisado em um dos depoimentos acima, pode ser entendida como uma explicação para os diferentes universos que cada modalidade esportiva apresenta. Existem modalidades individuais, coletivas, de luta, que não exigem tanto da parte física, como o xadrez, algumas já conhecidas por produzir preconceitos de gêneros, como o futebol, e outras pouco conhecidas no Brasil, como o badminton.

Os arranjos e desarranjos que vão sendo produzidos no GEO são frutos dessas experiências, que são diversas. Todas as diferenças serão expostas das mais variadas formas neste currículo vocacionado ao esporte. Nos depoimentos dxs entrevistadx, observo que existem os casos de alunxs que não se encaixam nas modalidades que estão participando. Nesse caso, na visão dxs alunxs, essa responsabilidade recai sobre xs professorxs. Mas, na verdade, há uma reprodução de práticas que são inerentes aos esportes competitivos em geral. “Tem treinadores que as vezes têm os preferidinhos deles (Aluno6, grifos do autor, 2024). “(...) sempre tem alguém que sofre algo ou até nos treinos que o professor exclui” (Aluno7, grifos do autor, 2024).

Nunes e Neira (2017), ao falarem sobre o currículo cultural, propõem uma ruptura com essas formas de reprodução na escola. Como já discutimos anteriormente neste trabalho, muitas vezes, é negado o direto às diferenças nas escolas (Sepulveda; Sepulveda, 2016). No GEO, como existem várias modalidades esportivas, a estratégia da escola é promover a troca de modalidade quando não há esse encaixe dx estudante nas práticas específicas daquele esporte. Isso cria, na escola, certos nichos de pessoas, que também podem legitimar certos tipos de preconceitos em determinados lugares.

Ao questionar as possibilidades de inclusão de todxs no esporte escolar, apareceu nas entrevistas a questão das pessoas com deficiência, como no depoimento: “Depende, pelo fato de a maioria dos esportes não terem tanta inclusão para pessoas deficientes” (Aluna2, grifos do autor, 2024).

No início do GEO, tinham provas físicas e de habilidades para filtrar a entrada de alunxs que tivessem mais possibilidades de aprender esportes (Silva, 2014). É possível

imaginar que esse processo de seleção, por si só, já impossibilitava a entrada de pessoas com deficiência. Atualmente, o GEO recebe estudantes de toda a rede por matrícula on-line, não existindo mais nenhum tipo de processo seletivo. No entanto, na entrevista realizada com a coordenadora esportiva, já analisada anteriormente, é possível verificar que o GEO ainda não se encontrar totalmente adaptado para receber pessoas com questões das diferentes deficiências. Problemas de saúde também foram trazidos nos discursos com uma dificuldade para a inclusão.

[...] tem vezes que nem todos estão em condições de participar por questões de saúde ou até mesmo por que a pessoa já foi criticada, que tem vergonha ou tem uma evolução lenta e provavelmente já sofreram algum preconceito ou racismo ou até mesmo homofobia (Aluna12, grifos do autor, 2024).

Prioritariamente, para este trabalho, uma questão importante da inclusão ou não inclusão é entender quais motivos podem levar a processos de exclusões ou não no eixo esportivo do GEO. Nesse caso, aparece no discurso acima uma análise importante que gira em torno do que resposta traz como “evolução lenta”. Há o interesse, nesta pesquisa, de analisar os discursos de forma a evidenciar o que não parece óbvio no primeiro momento (Passos, 2019; Fairclough, 2001).

Essa evolução abaixo do esperado, que tem seu sentido no avanço ou não das habilidades específicas esportivas, no discurso, está relacionada, diretamente, com a possibilidade ampliada de que sofram preconceitos, racimos ou homofobias. Nesse caso, aparece na resposta algo que faz alusão aos alunos que demoram mais para evoluir no esporte, sendo esses os que, possivelmente, sofrerão mais preconceitos.

3.2.3 Já presenciou algum caso de preconceito, exclusão ou homofobia no esporte escolar?

De acordo com Brito (2015, p. 88), os gêneros e sexualidades podem ser performados de diversas formas na escola. No GEO, essas performatividades estão presentes de forma muito marcante nos corpos em constantes movimentos pela ampliação de atividades físicas e esportivas. Corpos femininos, pretos e LGBTQIA+ podem ser considerados não hegemônicos em nossa sociedade. Por mais que meninas e pessoas pretas não sejam minorias no sentido de quantidades, são constantemente minorizadas pela sociedade patriarcal e racista.

Invisibilidade e dificuldades de toda ordem são marcantes desafios que mulheres, meninas e afrodescendentes, por exemplo, enfrentam, tanto nas diversas manifestações da cultura corporal, quanto nas frentes de produção acadêmica e atuação no Ensino Superior, ao debaterem abordagens ainda não hegemônicas (Aua; Corsino, 2018, p. 5).

“Indo ao encontro da reflexão epistemológica de Patricia Hill Collins, feminista negra estadunidense, considero a interseccionalidade como um “sistema de opressão interligado” (Akotirene, 2019, p. 15). Essa rede interligada de opressões interseccionais foi a marca das respostas que xs alunxs entrevistadxs trouxeram ao serem perguntadxs sobre os casos de preconceito, exclusões ou homofobias no esporte escolar, como podemos observar nos depoimentos: “Já presenciei um pouco de machismo, porque acham que a mulher não tem capacidade de fazer o esporte” (Aluna1, grifos do autor, 2024). “Já sofri preconceito e sofro até hoje. Eu já não aguento mais sofrer preconceito” (Aluna5, grifos do autor, 2024). “Eu já presenciei um caso de exclusão quando eu fazia futsal, isso foi muito chato de presenciar, mas eu saí do esporte e estou bem fazendo o judô” (Aluno9, grifos do autor, 2024).

Essas são narrativas que trazem experiências vividas por essxs adolescentes nas práticas esportivas escolares do GEO, evidenciando como esse ambiente ainda é normatizador. As escolas enfrentam atravessamentos conservadores como discutido nos capítulos anteriores (Sepulveda; Sepulveda, 2016, 2020). É possível perceber que os relatos são, geralmente, de preconceitos e opressões interseccionais, que não trazem apenas o marcador de gênero para a pauta. Outras repostas apontam para esse caminho: “Sim. Foi uma sensação muito desagradável pois muitas pessoas param de querer ir em muitos lugares por exclusão e homofobia... por uma menina ser preta e a maioria das vezes ser gorda” (Aluna3, grifos do autor, 2024), “Já presenciei muito preconceito no esporte, ou pela pessoa ser preta ou pela pessoa gostar de outra pessoa do mesmo gênero, já presenciei muito no atletismo” (Aluna2, grifos do autor, 2024).

A padronização dos corpos, muito presente na cultura esportiva, apareceu também com certa frequência. Inclusive, abordando preconceitos como a gordofobia³³. Esses corpos não hegemônicos, normalmente, têm o direito aos esportes negado na escola e nos espaços públicos. É possível verificar essa questão nestas narrativas produzidas: “No atletismo por uma pessoa não ser magra desacreditam” (Aluna2, grifos do autor, 2024), “Uma vez tinha

³³ É a desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. Tal discriminação leva à exclusão social e, consequentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642361/Gordofobia_folder.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

uma garota que tinha problemas de saúde e começaram a chamar ela de gorda e baleia azul do oceano atlântico e estávamos na aula de educação física e ela se negou a fazer os exercícios por que foi criticada” (Aluna12, grifos do autor, 2024).

As experiências diversas vividas no GEO vão trazer possibilidades diferentes de ser e de se reconhecer como estudantes desses modelos de escolas. Em geral, nas escolas com a matriz curricular comum, são poucos xs alunxs que vivenciam o esporte de uma forma tão ampliada, ficando restrito a pequenos grupos que, em algumas escolas, participam de competições municipais ou estaduais. Quando analisamos o caso do GEO, estamos diante de mais de 500 alunos que praticam esportes, no mínimo, quatro vezes na semana em todo o ano letivo.

Desta forma, os discursos produzidos também são oriundos das vivências que cada um vai ter nas suas modalidades esportivas específicas. Como exemplo, trago a resposta de um dos participantes da pesquisa, aluno de judô, ao ser perguntado sobre já ter presenciado casos de preconceito: “Nunca. O esporte que faço exige respeito” (Aluno9, grifos do autor, 2024), “Bom, quando eu fui para competição não teve nenhum, meu esporte exige respeito” (Aluno8, grifos do autor, 2024).

Nesse caso, essa narrativa nos deixa perceber que existem normas específicas para certas modalidades. Essas especificidades fazem diferença na percepção dxs alunxs sobre os possíveis processos de desigualdades no esporte. Quando eu estive, brevemente, na coordenação esportiva no GEO, pude perceber que certxs professorxs tinham estratégias, por exemplo, para que meninas e meninos treinassem juntxs em alguns momentos. Mais perto do calendário de competições, prezavam por treinamentos divididos por gêneros, já que as competições eram assim categorizadas. É importante pontuar que os horários das aulas de esportes não são divididos por gêneros, são divididas pelos anos escolares. Nesse caso, alunxs do 6º ano se dividem pelas modalidades em dois tempos, em outro horário são os do 7º ano, por último juntos fazem as aulas esportivas o 8º e 9º ano.

Contudo, mesmo com a configuração de horários que promovem aulas mistas, isso não garante que sejam coeducativas (Auad, 2006, p. 55). A normatização generificada de algumas modalidades específicas podem posicionar esses esportes como locais de maiores centros de opressões. “O espaço escolar se constitui como um local de repetição constante das normas generificadas, promovendo na Educação de meninos e meninas as performatizações mais normatizadoras e tradicionais do gênero” (Brito, 2015, p. 87). O futebol, como esporte conhecidamente mais difundido no Brasil, consiste em um espaço de reserva masculina. A prática desta modalidade por mulheres é, constantemente, estigmatizada, principalmente, por

preconceitos em relação às sexualidades. Não obstante, muitos casos de homofobia são ligados ao futebol. Corroborando essa reflexão, é possível observar essas opressões nas respostas:

Muitas meninas que jogam futebol sofrem ou já sofreram algum tipo de preconceito por jogar bola. Tipo já foram chamadas de sapatão, muleke macho etc. só por jogar bola, eu já sofri isso por jogar bola e também por ser mulher (Aluna10, grifos do autor, 2024).

Já vi várias vezes acontecer no futebol preconceitos por eu ser menina e gostar de jogar e sofre preconceito até mesmo fora da escola vindo de familiares, amigos, primos, tios etc. (Aluna10, grifos do autor, 2024).

Essas narrativas acima mostram como, apenas por ser menina, essa aluna sofre processos de opressão. Esse tensionamento de ocupar um lugar no esporte é importante para deslocar o local da normatividade. É preciso que a escola consiga dialogar com essas questões, ou seja, promova o debate das desigualdades de gêneros (Altmann, 2015; Auad, 2006; Brito, 2015; Devides, 2017; Goellner, 2013; Saraiva, 2005).

Outra situação trazida nas respostas dxs alunxs foi o atravessamento cultural que sujeita esses corpos não hegemônicos a preconceitos fora da escola. Altmann e outrxs autorxs realizaram uma pesquisa no ano de 2018 e aplicaram questionários a estudantes do ensino fundamental dos anos finais, assim como esta pesquisa. Em sua investigação, buscaram identificar as experiências esportivas e outras atividades físicas dxs alunxs, a prática na escola e nos outros espaços, seus interesses e como isso interfere nas aulas de Educação Física (Altmann *et al.*, 2018, p. 3). Desta forma, elxs constataram os seguintes resultados:

Considerando que todos os outros itens avaliados são favoráveis aos meninos, a busca por maior equidade de gênero no envolvimento de jovens com atividades físicas e esportivas deve incidir em outros campos para além da ação docente. Os resultados desta pesquisa permitem afirmar, ainda, que sistematizar práticas orientadas e regulares dentro e fora da escola e favorecer a consolidação de espaços que propiciem o encontro entre pares são aspectos que podem contribuir com a ampliação da prática de atividades físicas e esportivas entre jovens (Altmann *et al.*, 2018, p. 12).

As questões que envolvem as práticas esportivas ampliadas pela matriz curricular do GEO são atravessadas pelos privilégios, historicamente, marcados na Educação Física e no esporte, mas isso não impede que um trabalho equitativo e democrático seja produzido nestas escolas. “Novas configurações e novos olhares sempre serão possíveis se houver empenho e vontade em desestabilizar, desconstruir e dissolver certezas e verdades ainda tidas como hegemônicas neste campo” (Brito, 2015, p. 88).

Brito (2015, p. 88) nos convida a pensar a escola como local de desestabilização e desconstrução de processos cristalizados. No caso dos esportes, essas verdades que produzem padrões, muitas vezes, geram opressões e desigualdades. Com o empenho dito por Brito, é possível que o GEO trabalhe, também, deslocando essa lógica opressora através de tematizações dos esportes que respeitem as diferenças.

Aulas de educação física que rejeitam o debate de gênero constantemente presente nesses espaços e tempos escolares, assim como interdições às abordagens perpassadas por perspectivas feministas, promovem relações de gênero em seus arranjos mais desiguais, conservadores, cristalizados e empobrecedores de múltiplas vivências corporais (Auad; Corsino, 2018, p. 6).

Contudo, diante de algumas narrativas produzidas nas respostas dos questionários abertos, assim como ressaltado por Auad e Corsino (2018), o esporte, no GEO, parece ainda estar focado e, de alguma forma, preso a perspectivas que fundaram a escola, visando produzir talentos esportivos e ter sucesso nas competições. Oportunizar que mais meninas e corpos dissidentes tenham acesso ao esporte é importante, mas é necessário avançar em propostas que busquem debater e deslocar os padrões produzidos pelos esportes. Desta forma, abordar e dar visibilidade a essas temáticas é colaborar com o que o currículo cultural vai chamar de ação contra hegemônica, desestabilizando privilégios e ampliando as visões de mundo (Nunes; Neira, 2017, p. 471).

3.2.4 Nas competições escolares todos são respeitados da mesma forma? Já presenciou algum caso de preconceito, exclusão ou homofobia nessas competições?

Como ampliação da análise dos discursos produzidos pelxs alunxs com corpos não hegemônicos do GEO, para além da visão sobre os preconceitos e opressões no esporte escolar, é fundamental entender como essas relações se constituem nas competições escolares, principalmente, quando ocorrem fora dos espaços da escola.

O GEO, durante o ano escolar, participa de diversas competições que envolvem as diferentes modalidades esportivas praticadas na escola. Essas competições têm grande valor nessas unidades escolares, inclusive, mobilizando professorxs que não são de Educação Física para o desafio de levar xs alunxs para esses jogos. Digo isso por ter vivenciado, por cerca de um ano, a rotina esportiva do GEO. Posso afirmar que existe um grande empenho do corpo

docente, principalmente dxs treinadorxs, para que essxs alunxs possam participar dessas competições. Não há recursos suficientes vindos da Secretaria de Educação para todo esse deslocamento pela cidade. Muitas vezes, são xs próprios professorxs que dão conta de toda a logística para que essxs adolescentes de periferia participem de competições juntxs com estudantes de escolas particulares que atendem a classe média.

As escolas vocacionadas ao esporte do município do Rio de Janeiro têm sido protagonistas, na última década, dos jogos escolares do estado, do próprio município e do Intercolegial. Não é difícil imaginar que estas participações de destaque nessas competições têm gerado um choque de classes. É possível verificar essa questão nessas falas produzidas:

Tem escolas particulares que quando vê uma raça diferente da deles agem com preconceito, pois acham que os brancos são mais poderosos e ricos que pretos (Aluna1, grifos do autor, 2024).

Estávamos em uma competição de handebol, contra uma escola particular que só tinha uma raça de cor, que era branca, a torcida gritou que o nosso time o melhor da partida era o “meia noite” achei muito errado... Outro menino do outro time começou a xingar ele, falando que não poderia ser bom pois era dessa devida raça (Aluna1, grifos do autor, 2024).

As torcidas já falaram que a nossa escola só tinha favelados (Aluno6, grifos do autor, 2024).

Questões que envolvem raça, classe e gêneros atravessam a sociedade, e não é diferente nas escolas. São opressões que marcam os corpos e as histórias de vida das pessoas. O capitalismo e o patriarcado agem como fontes inesgotáveis de promoção das desigualdades. Muitxs dxs alunxs participantes, adolescentes, em geral, de classe popular, pretxs e pardxs, relataram as marcas desse sistema de opressão, neste caso, principalmente, nas competições escolares que colocam juntxs as escolas públicas e particulares. “A interseccionalidade nos permite partir da avenida estruturada pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, em seus múltiplos trânsitos, para revelar quais são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões” (Akotirene, 2019, p. 29).

Um processo que é acentuado pela proposta do GEO. Mais uma vez, ressalto que a ocupação deste lugar nas competições escolares também é um movimento de resistência. É, de certa forma, abrir espaço para que esses corpos periféricos que, em geral, são negligenciados de participar com protagonismo destas competições, possam ocupar esse espaço. No entanto, com toda a certeza, requer um investimento pedagógico ainda mais ampliado para que essas escolas vocacionadas desenvolvam e trabalhem as temáticas de gêneros, sexualidades, raça e classe. Essa intencionalidade precisa estar no PPP, nas eletivas e

nas aulas esportivas (Corrêa, 2024, p. 81-82). “É preciso considerar as variadas construções identitárias, assim como a necessária e urgente implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, de modo a seguir em busca de uma Educação Física coeducativa e antirracista que transgrida, que visibilize” (Aquad; Corsino, 2018, p. 10). Caso contrário, se a escola escolher o caminho do silenciamento, colaborará com a lógica que padroniza os corpos em uma perspectiva branca e cishetronormativa.

Começando por essas articulações ideológicas adotadas pelas escolas, nossas crianças são induzidas a acreditar que ser um homem branco e burguês constitui o grande ideal a ser conquistado. Em contraste, elas são também induzidas a considerar que ser uma mulher negra e pobre é um dos piores males. Devem-se levar em conta os efeitos da rejeição, da vergonha e da perda de identidade às quais nossas crianças são submetidas, especialmente as meninas negras (Gonzalez, 2020, p. 145).

A rejeição e a perda de identidade são problemas graves dos casos de racismo. Como ressaltado por Aquad e Corsino (2018), Leis, como a 10.639/03 e 11.645/08, precisam ser cumpridas nos espaços escolares, também, nesse caso, nas competições escolares. Os casos que envolvem os preconceitos raciais continuam evidenciados nas narrativas: “A sensação foi muito ruim porque chamaram a nossa atleta de macaca” (Aluna6, grifos do autor, 2024); “Eu já fui para um jogo que fizeram racismo com um rapaz, ele chorou muito, para o jogo continuar tiveram que tirar a torcida toda” (Aluna7, grifos do autor, 2024).

Em relação à primeira narrativa produzida, vemos um atravessamento do racismo muito forte. Essa é uma forma de opressão que envolve, fortemente, gênero, mas, especialmente, a questão racial. Um corpo preto parece ter menos valor para algumas pessoas. “Diga-se de passagem, iniquidades de gênero nunca atingiram mulheres em intensidades e frequências análogas. Gênero inscreve o corpo racializado” (Akotirene, 2019, p. 19).

Observei, também, na segunda resposta destacada, que toda uma torcida de alguma escola participante da competição precisou ser retirada por conta de um caso de racismo. O esporte escolar, nesse relato, aproxima-se muito intimamente com os casos de racismo no alto rendimento esportivo. Recentemente, foram destacados vários casos de racismo com o atleta de futebol masculino Vinícius Júnior, jogador do Real Madrid – Espanha.³⁴

Além das questões raciais já citadas, ao falar dos preconceitos nas competições escolares, novamente, veio à tona a questão dos padrões estéticos. Nesse caso, mais uma vez, as diferenças são produto de exclusões por conta, por exemplo, da gordofobia. É possível

³⁴ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2023-05/ofensas-vinicius-junior-fazem-parte-de-historico-de-racismo-no-futebol>.

observar essa questão na narrativa: “Já presenciei muito preconceito por fato de algumas pessoas ser mais cheinha e ter dificuldade de fazer algumas coisas. Na minha opinião, todos deveriam ser respeitados independente de ser gordo (a) ou magra (o)” (Aluna3, grifos do autor, 2024).

Para Nunes e Neira (2017, p. 466), no “[...] currículo cultural os esportes são entendidos como textos da cultura, formas de expressar sentimentos, ideias e valores e, conseqüentemente, são marcadas por relações de classe, etnia, religião, gênero, geração etc.”. Essas relações, se tensionadas e desenvolvidas como projetos de debate ampliado na escola, podem amenizar situações como as relatadas nas competições escolares.

Corpos não hegemônicos, ao pensarmos as dinâmicas das sexualidades, podem ser percebidos como não performativos com o que é esperado para meninos e meninas no GEO. É socialmente aceito, em geral, que meninos apresentem corpos mais fortes e brutos. Para as meninas, em geral, é esperado mais delicadeza, sensibilidade e até sensualidade. Todas as diferentes manifestações corporais que fogem dessa performance ditas como padrão são vistas como abjetas.

Nesse caso, as narrativas produzidas a partir da pergunta sobre as experiências nas competições esportivas trouxeram diferentes formas do preconceito que envolvem as sexualidades.

Sim, mas não na escola. Numa competição de luta livre já presenciei um homem tipo bombado querendo lutar com outro que era gay, porque na cabeça dele por o cara ser gay ele era mais fraco (Aluna10, grifos do autor, 2024).

Em um campeonato de luta-livre um homem se recusou a lutar com o seu oponente por ele ser gay (Aluna12, grifos do autor, 2024).

(...) as pessoas são maldosas ao ponto de ferir alguém para conseguir o que quer. Até mesmo ganhar só de não ser do “padrão” do esporte já é motivo das pessoas julgarem (Aluna11, grifos do autor, 2024).

Analisar o contexto das competições esportivas escolares pode dar muitas pistas de como o esporte vem sendo trabalhado e desenvolvido nas escolas. Nesse caso, não falo apenas do GEO. Os discursos produzidos nas respostas mostram um cenário de preconceitos muito similar com o esporte competitivo de alto rendimento. Nesta análise das narrativas dxs alunxs do GEO, em relação a esses espaços de competições, é possível verificar que por mais que existam as questões que envolvem as opressões pelas expressões das sexualidades as interseccionalidades de raça, gênero e classe são extremamente fortes.

A questão de a sexualidade ser percebida como algo que pode ser menos aparente como preconceito nas competições na quais o GEO participa, pode ser analisada trazendo a reflexão, novamente, do fragmento do discurso produzido no capítulo III desta dissertação pela Coordenadora esportiva, que evidencia a capacidade dxs alunxs em se encaixar nos padrões para não sofrer preconceitos. Considero que a fala dessa profissional possa explicar a sexualidade aparecendo como um problema menor ou menos recorrente nos questionários dos estudantes do GEO. Diante desses relatos analisados, é fundamental que esses conflitos e deslocamentos sejam profundamente debatidos e trabalhados nas escolas questionando e ressignificando as dissimetrias baseadas em gênero, raça, orientação sexual e classe (Aquad; Corsino, 2018, p. 10).

3.2.5 Você acha que existe preconceitos no esporte de alto rendimento? Entende que existir escolas vocacionadas ao esporte pode modificar ou melhorar os casos de preconceito no esporte de alto rendimento?

Por fim, na busca pelos objetivos deste trabalho, na última questão abordada no questionário aberto, xs alunxs do GEO foram perguntadx sobre o preconceito que existe no alto rendimento e se, de alguma forma, existir uma escola vocacionada ao esporte pode modificar a estrutura preconceituosa e muitas vezes excludente do esporte profissional.

Como já desenvolvido e abordado, constantemente, neste trabalho, o esporte vem, ao longo da sua história, colaborando com as padronizações dos corpos e legitimando as formas hegemônicas de poder. “Assim, os homens – os machos – ocidentais, membros das classes dominantes e brancos são os que comumente determinam – ou, pelo menos, influenciam intensamente – o que se é percebido como conhecimento legítimo e legitimado” (Aquad; Corsino, 2018, p. 3). A narrativa a seguir demonstra a visão da aluna sobre essa questão da padronização: “Acho que alto rendimento tem um padrão, na cabeça das pessoas alto rendimento é para pessoas ricas “nossa você não pode ser do alto rendimento morando na favela” é isso que muitos pensam” (Aluna4, grifos do autor, 2024).

A criação dos Ginásios Educacionais Olímpicos acaba sendo uma alternativa para o que chamam de dupla carreira, nesse caso estudar e ser atleta. É possível notar que muitas pessoas, quando chegam ao patamar de atleta de alto rendimento sendo oriundos das classes

populares, por vezes, deixam o estudo em segundo plano para a dedicação ao esporte. Sobre essa questão, um estudo realizado no Rio de Janeiro dá visibilidade para essa questão:

Os estudos apontam que a conciliação entre a escola e a formação de atletas de alto-nível apresentam dificuldades de gestão tanto para os programas voltados para conciliar formação esportiva e escola, quanto para as agências que agem de forma livre apenas com a exigência de cumprirem o preceito legal de matricular seus atletas na escola básica. No Brasil, esse tema ainda não ganhou peso na agenda das federações esportivas, das políticas governamentais e dos sistemas de ensino (Melo *et al.*, 2014, p. 624).

Este mesmo artigo, publicado no ano de 2014, ou seja, dois anos após a inauguração do GEO Juan Antonio Samaranch, demonstra o pioneirismo desse modelo de escola vocacionada ao esporte em território nacional.

A literatura nacional não descreve nenhum programa universitário de combinação entre formação esportiva de alto-rendimento e universitária. A única experiência pública de conciliação de formação esportiva com a escolarização básica é recente. Essa experiência embrionária é conhecida como GEO (Ginásio Experimental Olímpico) e se trata de uma escola vocacionada dentro da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro e atende ao público do segundo segmento do ensino fundamental (Melo *et al.*, 2014, p. 617-618).

Tematizar os esportes no GEO ganha mais um importante contorno ao entender as possibilidades que a lógica da ascensão social e financeira, através do sucesso no esporte, pode gerar em termos de expectativas nxs alunxs da escola vocacionada. Nesse contexto, o currículo cultural permite pensar o esporte para além apenas das práticas esportivas, debatendo essas questões sociais e as ressignificando (Neira, 2016).

Quanto a questões dos preconceitos, racismos, homofobias, muitas vezes, reproduzidas nos diferentes cenários do alto rendimento esportivo, a existência de escolas com vocação ao esporte, que ampliam o trabalho com Educação Física, pode criar um cenário educacional importante para a contribuição com a transformação social necessária para modificar os padrões cristalizados, historicamente, pelo esporte. Caso o GEO esteja alinhado com princípios inclinados para a diminuição das desigualdades sociais, pode ser considerado um importante dispositivo a favor de práticas democráticas que buscam ações contra hegemônicas (Nunes; Neira, 2017 p. 471). “Acho que pode melhorar sim, e muito, porque todos já vão estar acostumados com a rotina então acho que pode diminuir muito o preconceito” (Aluna2, grifos do autor, 2024).

Na escola vocacionada, a Educação Física curricular e o esporte escolar podem e devem contribuir para uma sociedade mais justa e democrática. O esporte, como importante

manifestação cultural no Brasil, precisa ressignificar seu lugar nos diferentes espaços, seja na escola ou no alto rendimento. Assim, refutando esse lugar de produção e reprodução de padrões normatizadores, opressões e desigualdades. A existência de escolas vocacionadas ao esporte pode ser uma chance valiosa para esse movimento de desconstrução de padrões hegemônicos de dominação, abrindo caminho para práticas que respeitem as diferenças e valorizem as diversidades (Miskolsi, 2016, p. 57).

Assim, a partir das interações, resistências e possibilidades de mudança nas relações de poder, a escola e, mais especificamente, a Educação Física Escolar se revelam também como um lugar de construção da educação para a democracia, em uma perspectiva de sociedade que conte com a coletividade sem que as individualidades e especificidades sejam invisibilizadas ou desqualificadas, de modo a servirem de justificativa para variadas violências, estas também conhecidas como racismo, sexismo e lesbo-homo-transfobia (Aua; Corsino, 2018, p. 10).

Estar atento aos privilégios que o esporte pode proporcionar a certos grupos em detrimento de outros produz uma grande responsabilidade aos professorxs que tematizam os esportes no GEO. Uma escola vocacionada ao esporte, que promove grande exposição dos corpos, construindo e reconstruindo identidades nas ações pedagógicas, podem trabalhar com o objetivo nas práticas esportivas de “[...] modificar as condições de minimização e desqualificação dos saberes pertencentes aos grupos não hegemônicos” (Neira, 2018, p. 49). Cumprir ou, ao menos, avançar nesse objetivo é não se omitir e silenciar, mas sim trabalhar para garantir o respeito às diferenças e diversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho de dissertação, produzi uma narrativa sobre a primeira escola vocacionada ao esporte do município do Rio de Janeiro, chamada, atualmente, de Ginásio Educacional Olímpico Juan Antonio Samaranch. A escola é uma das unidades de ensino da rede municipal que apresentam um currículo diferenciado, tendo como principal característica um eixo esportivo que promove a possibilidade de vivências dxs alunxs em modalidades esportivas e competições escolares.

A leitura realizada focalizou as possíveis relações de desigualdades e opressões que a ampliação da jornada escolar esportiva poderia gerar para xs alunxs no cotidiano da escola. Investiguei como a escola lida com essas questões, em relação à valorização do respeito as diferenças e da promoção da equidade de gêneros.

Nos capítulos que apresentei nesta pesquisa, busquei embasar, historicamente, as produções das desigualdades nos campos da Educação Física e do esporte. Dando visibilidade a um ciclo de opressões e padronizações que existem através do corpo como objeto de poder.

Apoiei o trabalho em autorxs do campo das pesquisas em gêneros e sexualidades na educação, Educação Física e esporte escolar. Para além dessa temática central, trabalhei com o Currículo Cultural, a temática das diferenças e as interseccionalidades. Essas referências bibliográficas foram fundamentais para a construção dos conceitos de tematização do esporte através da Educação Física cultural, de gêneros, como categoria de análise, estando estes sempre em movimentos de construções, das diferenças como afirmação de sua própria identidade e do reconhecimento de que diferentes formas de opressões agem sobre os corpos em uma dinâmica interseccional.

Foi importante, para ampliar o conhecimento sobre as práticas pedagógicas do GEO, verificar os documentos que norteiam as ações da escola. Desta forma, verifiquei a matriz curricular proposta para as escolas vocacionadas, o decreto de criação do GEO e o atual projeto político pedagógico da escola.

Também, utilizei como técnica da pesquisa de campo com questionários abertos, buscando fazer possíveis leituras dos discursos dxs alunxs que sinalizaram já terem presenciado ou sofrido casos de preconceitos dentro ou fora da escola. Através da entrevista semiestruturada, trouxe a visão da coordenadora esportiva da escola sobre os atravessamentos das temáticas centrais da pesquisa nas ações do GEO.

Os métodos utilizados na pesquisa foram escolhidos para atender o objetivo geral e os específicos do estudo, através de uma visão ampliada das ações, metodologias e atividades do eixo esportivo do GEO, juntamente a pesquisa bibliográfica sobre as questões das desigualdades de gêneros e respeito as diferenças e as narrativas dxs participantes.

Como resultados da pesquisa foi possível verificar que o GEO é uma escola que, hoje em dia, enfrenta grandes desafios em termos de posicionar as intenções pedagógicas com o esporte escolar. Essa questão traz uma reflexão para a história ainda recente dessas escolas vocacionadas ao esporte. Analisando a perspectiva inicial da sua criação através dos documentos oficiais, foi possível perceber que havia uma intenção real sobre descoberta de talentos através do esporte escolar. Contudo, essa lógica não se manteve durante os anos. Inclusive o GEO selecionava os alunos que entrariam na escola. Hoje, felizmente, não há mais controle sobre isso, evidenciando que houve um distanciamento do projeto inicial.

Ao investigar o Projeto Político Pedagógico, observar murais e pinturas nos corredores e entrevistar a coordenadora esportiva, percebi que a escola busca desenvolver projetos e discussões que envolvem a valorização das mulheres, a equidade e a igualdade, respeito a diversidade entre outros temas sobre importantes questões sociais. Essas discussões são necessárias para avançarmos na construção de escolas mais democráticas. Contudo, no eixo esportivo, locus principal da pesquisa, existe um esvaziamento dessas questões. Foi identificado que não existe uma intencionalidade em discutir através da Educação Física e do esporte as questões que envolvem os processos de desigualdades, opressões e preconceitos. Desta forma, a tematização dos esportes nas diversas modalidades oferecidas no GEO está centralizada, quase que totalmente, na prática esportiva, deixando de lado outras construções e debates sociais e culturais possíveis nesses espaços. De certa forma, também, cada modalidade esportiva apresenta peculiaridades que existem pela própria forma da sua prática, que exige certas performatividades ou, até mesmo, pela condução das aulas pelxs professorxs. Não há, no PPP, estratégias explícitas sobre esse trabalho do eixo esportivo com temáticas sociais e culturais.

É importante destacar que, apesar de não construir com as aulas de esportes uma metodologia focalizada em construções sociais e culturais em uma visão que vá além das aulas práticas, o GEO promove a ampliação das possibilidades de aprendizagem e protagonismo de corpos que, em geral, têm negada a possibilidade da prática esportiva. A escola oferece uma estrutura de qualidade para xs alunxs, aulas que todxs podem praticar esportes e vivências em jogos e competições. Com isso, mais meninas têm a oportunidade de

aprender e praticar esportes e mais adolescentes da periferia podem conhecer e praticar esporte em um local seguro.

Doze alunxs responderam aos questionários, participantes do nono ano do GEO Juan Antonio Samaranch. Essxs studentxs foram perguntados sobre possíveis situação de preconceitos e exclusões nas atividades esportivas na escola e nas competições esportivas externas. Também, foi perguntando a elxs sobre as experiências que tiveram como alunxs do GEO e se a existência de escolas vocacionais pode influenciar na melhoria no universo do alto rendimento sobre preconceitos.

As narrativas produzidas nas respostas dos questionários realizados pelxs estudantes demonstram que existe um reconhecimento e um carinho pela escola e professorxs. Parece que o GEO tem um clima escolar positivo, isso favorece as relações afetivas e os laços de amizade. Contudo, assim como exposto pela pesquisa bibliográfica, o esporte também favorece as padronizações dos corpos. Ficaram marcados em alguns discursos questões que expõe alguns casos que envolve gordofobia e preconceitos de gêneros e sexualidades. Sobre essas questões que envolvem gêneros e sexualidades, foi possível identificar que algumas modalidades marcam mais certas performatividades esperadas, como o futebol e o atletismo. Esses marcadores, que já acompanham as modalidades, facilitam o aparecimento de falas preconceituosas e homofóbicas.

O GEO teve muito destaque nos últimos anos nas competições escolares. Esse sucesso trouxe uma marca importante para a escola, que sempre busca participar de muitas competições com protagonismo. Essas participações nas competições escolares acabam servindo para uma maior democratização do esporte, já que essas competições, em geral, são mais reservadas para as escolas particulares. O GEO possui diversas equipes femininas, que representam a escola nas competições. As questões das diferenças em relação às sexualidades não parecem ser fatores de exclusões nas participações nessas competições. Como todxs participam das aulas de esportes na escola, fica como prioritário as habilidades e o desenvolvimento dxs alunxs para o sucesso no esporte.

Contudo, nas respostas dos questionários, ficou evidente que essa relação com xs alunxs das escolas particulares nas competições esportivas externas acabam sendo ambientes propícios para preconceitos. Questões de raça, gênero e classe apareceram com frequência nos discursos dxs estudantes do GEO. Essas opressões, que são interseccionais, validam a leitura de que as competições escolares acabam reproduzindo o universo das competições esportivas de alto rendimento. Além do racismo e dos preconceitos que envolvem as sexualidades, foram

relatados casos que envolvem classe, já que o GEO tem em geral um público negro de periferia e as escolas particulares atendem em grande parte a classe média.

Um questionamento necessário é sobre como as escolas estão desenvolvendo os projetos esportivos que geram essas equipes participantes das competições escolares. Essa reprodução de preconceitos e opressões no esporte, algo histórico, precisa ser enfrentada pelas escolas que possuem o esporte como prática escolar. No caso do GEO, o esporte está na matriz curricular, fazendo dele uma espécie de disciplina escolar ou área de conhecimento na escola. Nesse caso, é imprescindível que o esporte seja tematizado dando conta das discussões sociais e culturais através desses corpos que estão em constante movimento e exposição. Contudo, as outras escolas, mesmo que não enquadradas nesse modelo vocacionado, precisam desenvolver o esporte com responsabilidade, buscando desconstruir esse caráter preconceituoso e opressor das competições.

Esta pesquisa não buscou, em nenhum momento, colaborar com a esportivização das aulas de Educação Física escolar. Por isso, a análise da escola vocacionada foi focalizada no eixo esportivo que amplia a prática de atividades físicas no GEO. A escola tem na matriz curricular dois temas de Educação Física com outros conteúdos além do esporte, mas não foi a intenção pesquisar com profundidade essas práticas. Porém, pesquisar o esporte no GEO contribui para as reflexões sobre as tematizações dos esportes nas aulas de Educação Física.

Como propostas de contribuições para a escola vocacionada pesquisada e para as outras unidades de ginásio educacionais olímpicos, apresento três estratégias que podem ajudar a avançar nas desconstruções dessas padronizações opressoras e do preconceito, além da diminuição das desigualdades produzidas pelo esporte.

Na primeira proposta, já trago a possibilidade de incluir no Projeto Político Pedagógico a ancoragem conceitual das tematizações do esporte através do currículo cultural da Educação Física, valorizando os conhecimentos sociais e culturais que os esportes apresentam. Falta, nos documentos oficiais, uma linha de trabalho consistente sobre o eixo esportivo. O esporte no GEO possui mais tempos de aula que qualquer outra disciplina, então, é fundamental que exista um planejamento que vá além apenas da prática de esportes.

Ainda nessa linha, a segunda proposta é utilizar as eletivas da escola como possibilidade para ampliação das discussões sociais e culturais. Como exemplo de eletivas possíveis, posso destacar: as produções de poder através dos corpos, valorização das mulheres nos esportes, tematização dos esportes paralímpicos e o debate dos casos de homofobia e racismo nos esportes. Além das eletivas, as aulas de esporte podem ter em sua metodologia de

trabalho rodas de conversa que discutam esses e outros temas pertinentes. Nesse caso, essa intencionalidade precisa estar exposta no PPP da escola.

Como última proposta, considero importante que as escolas vocacionadas desenvolvam esportes que sejam coeducativos em sua essência. Esportes que são categorizados por gêneros dificultam o trabalho com turmas mistas, já que nas competições as equipes precisam ser femininas ou masculinas. Existem vários esportes que já são mistos por natureza. Como exemplo viável temos o Corfebol, que teve uma pesquisa publicada como prática esportiva equitativa possível na escola por Garcia e Sepulveda (2021). Esportes que são mistos, em relação aos gêneros, podem ser algumas das modalidades do GEO, inclusive, fomentando que outras escolas também tenham equipes mistas, levando essas modalidades para as competições escolares.

Finalizo essas considerações ressaltando que a continuação desta pesquisa é possível em termos de ampliação para outras unidades vocacionadas ao esporte. Os dados coletados fazem sentido nas experiências e práticas das singularidades do GEO Juan Antonio Samaranch, e comparar com outras unidades vocacionadas pode trazer novas reflexões para os estudos das questões de gêneros, sexualidades e diferenças. Outras temáticas que não foram centrais nesta pesquisa também podem ser vetores de ampliações em novas investigações, como as relações com as masculinidades no GEO.

Espero que esse texto de dissertação possa colaborar com o avanço de ações democráticas e equitativas na área educação e na Educação Física, contribuindo para práticas plurais e contra hegemônicas que busquem respeitar as diferenças.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. ISBN 978-85-98349-69-5.

ALTMANN, Helena. **Educação Física Escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; GARCIA, Emília Fernández; RICO, Elena Ramírez; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge. Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 26, n. 1, 2018. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44074>. Acesso em: 11 jun. 2024.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e42585, 2018. DOI: 10.1590/1806-9584.2018v26n142585. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PhXvvnvjSpRwf6vnmRskBmVD/> Acesso em: 21 mai. 2024.

BARBOSA, Michelle Veloso. Ginásio Experimental Olímpico Juan Antônio Samaranch: uma nova proposta educacional. In: **XII Semana de Extensão XVI Jornada de Iniciação Científica** 2014, 2014, Niterói. Nº.10 XII Semana de Extensão XVI Jornada de Iniciação Científica 2014. Niterói, 2014. v. 10.

BARBOSA, M. V.; OSBORNE, R. Ginásio Experimental Olímpico Juan Antônio Samaranch: uma proposta educacional. In: XII Semana de Extensão XVI Jornada de Iniciação Científica 2014, 2014, Niterói. Nº.10 **XII Semana de Extensão XVI Jornada de Iniciação Científica** 2014. Niterói, 2014. v. 10.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BONI, Valdete. QUARESMA, Silvia Jurema Quaresma. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Vol. 2 n.º 1 (3), janeiro/julho, 2005, p. 68-80.

BOSSLER, F. Atualidade e Relevância da Educação Libertadora de Paulo Freire na Educação Física Escolar em Tempos de “Educação S/A”. In: SOUZA, C. A.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. (Org.). **Educação Física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. Curitiba: CRV, 2019.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, jan. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B33FqnvYyTPDGwK8SxCPmhy/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 30 mai. 2024.

BRACHT, Valter. A Constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Educação Física. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v.10, 1997. Disponível em: Secretaria de Educação Básica - Ministério da Educação (mec.gov.br). Acesso em: 08 de abril. 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6251-8-outubro-1975-357712-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BRITO, Leandro Teófilo de. GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: NORMATIZAÇÕES E DESLOCAMENTOS COTIDIANOS. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/29708>. Acesso em: 28 maio. 2023.

BRITO, Leandro Teófilo de. Performances dissidentes no espaço do voleibol: Masculinidades Querr? *In*: PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; SILVA, Alan Camargo. (org). **Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2019.

BRITO, Leandro Teófilo de. Por uma perspectiva pós-fundacional para os estudos sobre homens e masculinidades na Educação Física. *In*. DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teófilo de. **Estudos das Masculinidades na Educação Física e no Esporte**. São Paulo: nVersos Editora, 2021.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARMO, Fabricio Xavier do. **O que dizem os alunos sobre o Ginásio Experimental Olímpico (uma escola de tempo integral vocacionada para o esporte)**. 2019. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

COSTA, Alex Lauriano da. **A centralidade do esporte e a ampliação da jornada escolar para o tempo integral no contexto do Ginásio Experimental Olímpico/RJ**. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

COSTA, Alex Lauriano da. Esporte nas escolas de tempo integral no Brasil: analisando o Ginásio Experimental Olímpico. **12º Congresso Argentino y 7º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias. Ensenada, pcia**. Buenos Aires, 13 a 17 de noviembre de 2017 ISSN 1853-7316.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil – A História que não se conta**. 3ª ed., Campinas, SP: Papirus, 1988.

COELHO, Gabriel Magalhães Rodrigues. Questões de gênero no esporte escolar: um olhar para a diversidade. In: Lucineia Alves. (Org.). **Teoria e Prática na Educação**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia Edição e Comunicação Ltda, 2021. p. 210-224.

COELHO, Gabriel Magalhães Rodrigues *et al.* **Escolas Vocacionadas ao Esporte: possibilidades e limites na perspectiva da equidade de gêneros**. 2021. (Apresentação de Trabalho/Seminário). Disponível em: https://www.academia.edu/74785110/Anais_do_2_seminario_internacional_generos_sexualidades_e_educacao_na_ordem_do_dia.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

CORRÊA, Renan Corrêa dos. **Vai ter viado no mestrado sim, e eu nem sou pioneiro: quebrando armários no curso de licenciatura em Geografia na Faculdade de Formação de Professores da UERJ**. 2024. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

DAOLIO, Jocimar (org.). **Educação Física escolar: olhares a partir da cultura/ Gepefic – Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura; Coordenador Jocimar Daolio**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2010. – (Coleção Educação Física e Esportes).

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura ao corpo**. 17 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Trad. de Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DEVIDE, Fabiano Pries. *et al.* **Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira**. Motriz, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Estudo de gênero na educação física e no esporte**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2017.

DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Simone Vione. **Educação Física e Sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

ESCOLA GEO JUAN ANTONIO SAMARANCH. **Projeto Político Pedagógico (2021-23)**. Acesso em 2022.

Escolas da Prefeitura do Rio têm melhor desempenho no Ideb em todo o Estado. Rio Prefeitura, 2020. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/escolas-da-prefeitura-do-rio-tem-melhor-desempenho-no-ideb-em-todo-o-estado/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 316 págs.

FEDERAÇÃO DE XADREZ DECIDE VETAR PARTICIPAÇÃO DE MULHERES TRANS EM TORNEIOS FEMININOS. UOL. Lausanne, Suíça. 18/08/2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/agencia/2023/08/18/federacao-de-xadrez-decide-vetar-participacao-de-mulheres-trans-em-torneios-femininos.htm>. Acesso em: 26 ago. 2023.

FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo. Dominus, 1966.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. Rio de Janeiro: **Revista de Administração Pública**, v. 44, n. 2, p. 367–383, mar. 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. 19a edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FOUCAULT, Michel. As heterotopias. In: FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2009[2013].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP. Paz e Terra, 2011.

GARCIA, J. L.; SEPULVEDA, D. O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola/ Corfbal and gender equity at school. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 8, p. 85549–85566, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n8-659. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/35196>. Acesso em: 13 jun. 2024.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista**: A Pedagogia Crítica-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. 3º Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. GOELLNER, Silvana. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidade. **Revista Tempo**, vol. 19, junho de 2013, p. 45 a 52.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. 20ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “Excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado** – Pedagogias da sexualidade. 2º. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. V.9 n. 2. Florianópolis: IFCH, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MACHADO FILHO, Rubem.; GUAGLIARDI JÚNIOR, Mario Roberto; DE ASSIS, Marco Leandro Martins; DE AVELLAR, Marco Antônio Pinto. Análise de variáveis antropométricas de praticantes de corrida de 100 metros no Ginásio Experimental Olímpico (GEO) da prefeitura do Rio de Janeiro: um estudo retrospectivo. **RBPFX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 13, n. 81, p. 138-145, 6 maio 2019.

MATTOS, D. C. de. Ginásio Experimental Olímpico: a transformação de uma ideia em um projeto de sucesso. In C. A. F. da Silva. (Ed.) **Aluno – Atleta – Cidadão**. Estudos no Ginásio Experimental Olímpico (pp. 107-138). São Paulo: HP Comunicação Editora, 2014.

MELO, Victor Andrade. **Esporte e Lazer**: conceitos. 1º Edição. Rio de Janeiro: apicuri, 2010.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; ROCHA, Hugo Paula Almeida da. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 4, p. 617–628, out. 2014.

MEZZAROBBA, Cristiano. Ampliando o olhar sobre saúde na educação física escolar: críticas e possibilidades no diálogo com o tema do meio-ambiente a partir da Saúde Coletiva. In: **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXIV, n.38, p.231-246, jun. /2012.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 22 a 67 (II).

NEIRA, Marcos Garcia. Educação física cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, v. 12, n. 2, p. 82-103, 2016. Tradução. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/11149>. Acesso em: 27 ago. 2024.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari (orgs). **Educação Física Cultural**: por uma pedagogia da(s) diferença(s). Curitiba: CRV, 2016.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural**: inspiração e práticas pedagógicas – 1. Ed. – Jundiaí [SP]: Paco, 2018.

NÓVOA, Antônio. **Carta a um jovem investigador em Educação**. Conferência de abertura do XII Congresso de Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Vila Real, Portugal, 11 de setembro de 2014.

NUNES, Hugo César Bueno; NEIRA, Marcos Garcia. A diferença no currículo cultural: por uma Educação (Física) menor. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 464–480, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.12i2.0010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8804>. Acesso em: 30 maio. 2024.

PARAISO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817332016206/pdf_102. Acesso em: 04 jun. 2023.

PASSOS, Isabel Christina Friche. A Análise Foucaultiana do Discurso e sua Utilização em Pesquisa Etnográfica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. e35425, 2019.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; SILVA, Alan Camargo. (org). **Educação Física, Esporte e Queer**: sexualidades em movimento. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2019.

PRADO, Vagner Martins. “Fica no gol para pegar as bolas”: Educação Física escolar e o dispositivo de (homo)sexualidade. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana.; SCHWENGBER, Maria Simone Vinone (orgs.). **Educação física e sexualidade**: desafios educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

Primeiro da rede pública a conquistar o título geral, GEO Samaranch faz história. Intercolegial, 2014. Disponível em: [<http://www.intercolegial.com.br/noticias/primeiro-da-rede-publica-a-conquistar-o-titulo-geral-geo-samaranch-faz-historia>]. Acesso em: 02 jun. 2024.

RAMOS, Felipe Pítaro; COELHO, Gabriel Magalhães Rodrigues. **Questões de Gêneros na Educação Física Escolar**: atravessamentos da cultura na atuação docente. 2021. (Apresentação de Trabalho/Seminário). Disponível em: https://www.academia.edu/74785110/Anais_do_2_seminario_internacional_generos_sexualidades_e_educacao_na_ordem_do_dia.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 35.261**, de 19 de março de 2012. Cria o programa ginásio experimental olímpico e paralímpico no âmbito da secretaria municipal de educação e dá outras providências.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 38.954**, de 17 de julho de 2014. Dispõe sobre o funcionamento das unidades escolares assistidas pelos programas ginásio experimental carioca e ginásio experimental olímpico e paralímpico e dá outras providências. SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SARAIVA, Maria Do Carmo. **Co-educação física e esportes**: quando a diferença é mito. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos.; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, julho, 2009.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. O pensamento conservador e suas relações com as práticas discriminatórias na educação: a importância da laicidade. **Revista Teias**, v. 17, n. 47, out.- dez., 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24767>. Acesso em: 15 set. 2020.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. As práticas e as Políticas Curriculares de Inclusão e o direito à Diferença. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.04, p. 1258 – 1287 out./dez.2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/29593>. Acesso em: 15 set. 2020.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. TRABALHANDO QUESTÕES DE GÊNEROS: Criando e recriando currículos para a valorização do feminino. **Periferia**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 58–80, 2019. DOI: 10.12957/periferia.2019.42273. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/42273>. Acesso em: 29 nov. 2024.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Laicidade do Estado e da educação. Valorizando as discussões sobre gêneros e sexualidades nas escolas públicas. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 28, p. 91-105, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 14 set. 2020.

SEPULVEDA, Denize.; SEPULVEDA, José Antonio; LUZ, Luiz Otavio Ferreira. A sexualidade e o gênero nos cotidianos das escolas: a questão da diferença e o padrão heteronormativo. **IV Seminário Internacional de educação e sexualidade: Fundamentalismos e violências**, Vitória-ES. 2016. Disponível em: <http://www.gepsexualidades.com.br/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 15 set. 2020.

SEPULVEDA, Denize; CORREA, Renan; FREIRE, Priscila. **Gêneros e sexualidades** [livro eletrônico]: noções, símbolos e datas / Denize Sepulveda, Renan Correa e Priscila Freire. — Rio de Janeiro, RJ: Ed. dos Autores, 2021.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da (org.). **ALUNO – ATLETA – CIDADÃO** – Estudos no Ginásio Experimental Olímpico. Rio de Janeiro, RJ: HP Comunicação Editora, 2014.

SILVA, Noêmia Félix da; SOUSA, Kátia Menezes de. O conceito de dispositivo em Foucault: a emergência histórica do dispositivo do desenvolvimento sustentável e a construção das subjetividades. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, PR, v. 11, n. 1 (2013), p. 85-107.

SUAZO, Pedro. Alunos de escolas públicas do Rio desbancam a rede particular no Intercolegial. **Extra**, 2015. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/alunos-de-escolas-publicas-do-rio-desbancam-rede-particular-no-intercolegial-18107277.html>. Acesso em: 02 de jun. 2024.

TUBINO, Manoel José Gomes *et al.* **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Senac editoras, 2007.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 3 ed. São Paulo, SP. Cortez, 2011.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola**. Uma construção possível. São Paulo: Papirus, 2001.

ANEXO A – Termos de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito às diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

_____ Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 2023

Assinatura do(a) participante: Thaís Pinella Rocha

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) [assinatura]

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GÊO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável:

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 22 de março de 2024.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

 Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 13 de maio de 2024.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Gabriel Coelho

Assinatura do(a) pesquisador(a) G

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

_____. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 13 de maio de 2024.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Marcos Heloisa Elias

Assinatura do(a) pesquisador(a) GA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

_____. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 12 de março de 2024.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Marino De Souza V.

Assinatura do(a) pesquisador(a) G

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

_____ Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 12 de março de 2019.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____;

_____. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 13 de março de 2014.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Marcia Galva Frazzini da S. dos Santos

Assinatura do(a) pesquisador(a) Marcia Galva Frazzini da S. dos Santos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

_____. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 13 de Março de 2019.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Márcia do Socorro Teixeira Silva

Assinatura do(a) pesquisador(a) _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

_____ Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 12 de março de 2024

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Lucrecia Lopes

Assinatura do(a) pesquisador(a) _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito às diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

_____. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 12 de março de 2014.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Vanessa Lúcia de Brito Ribeiro

Assinatura do(a) pesquisador(a) _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito às diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____:

_____ Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 12 de março de 2024.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: _____

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 12 de 03 de 24.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: Luiz Cristina

Assinatura do(a) pesquisador(a) af

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado Questões de Gêneros no Esporte Escolar: estudo da escola municipal GEO Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças, conduzida por Gabriel Coelho. Este estudo tem por objetivo analisar as questões do respeito as diferenças no esporte escolar. Você foi selecionado(a) por ser aluno(a) na escola pesquisada com escolaridade entre o 8º e 9º ano. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. A participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista ou responder questionário sobre os cotidianos da escola e de suas práticas esportivas. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável:

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, 33 de maço de 2014.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável do(a) participante: João Maurício

Assinatura do(a) pesquisador(a) GJ

ANEXO B – Declaração para a realização da pesquisa de campo



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA ESTADUAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CAMPUS SÃO GONÇALO – FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que, **Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho** faz parte do grupo de pesquisa e estudos GESDI "Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Vários Espaços Tempos da História e dos Cotidianos, por mim coordenado, desenvolvendo a pesquisa "Questões de gêneros no esporte escolar: estudo da Escola Municipal Geo Juan Antonio Samaranch na perspectiva das diferenças.

São Gonçalo, 13 de julho de 2023.



Denize Sepulveda

Denize Sepulveda
Coordenadora Adjunta e Professora do Programa de
Pós-Graduação em Educação (PPG-EDU/UERJ/FFP).
Professora do Depto. de Educação da Faculdade de
Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Coordenadora do Grupo de Pesquisa GESDI – Gêneros,
Sexualidades e Diferenças nos Vários *Espaços Tempos* da História e dos
Cotidianos.
Mat. 390518.

Christina Müller
Christina Müller
Diretor IV

Matrícula: 11/272.443-3

Acerto em 07/08/23